

ISBN: 978-65-00-03467-7

Norma e eu



Hendrik Wernick
Contos



“É uma fé sincera a fé que não atua?”
(Jean-Baptiste Racine)

A Pablo, por sua paciência e amizade.
Por ser a origem de cada linha.
A Sueli, porque o amor é assunto de tudo...



Índice

| | |
|--------------------------------------------------|------------|
| Prefácio..... | 4 |
| A dúvida..... | 5 |
| Somos doze..... | 10 |
| As mãos | 16 |
| O envelope | 23 |
| Azul..... | 26 |
| Norma e eu | 31 |
| Alba | 74 |
| Anjo caído..... | 80 |
| O Centauro | 90 |
| Hoje | 95 |
| Ao teu lado | 100 |
| Preto Velho..... | 105 |
| O Dez | 115 |
| O valor real | 123 |
| Esclarecimentos..... | 130 |
| Sobre o autor e as obras..... | 132 |
| Centro Espírita Fraternidade da Luz | 134 |

Prefácio

Esta obra busca convidar o amigo leitor a entrar em um mundo que constantemente nos rodeias, onde os diferentes destinos, histórias e pontos de vistas permitem uma visão mais ampla, na qual a fé, a ação e a caridade são alternativas cotidianas que somente dependem de nós. Olhar-se com sinceridade inevitavelmente requer coragem.

Desse ponto de vista espiritual, a vida é uma enorme e curta oportunidade. Os anos que vivemos encarnados se perdem no vasto espaço da eternidade no caminho que em algum momento nos conduzirá a Deus. Entretanto, a roda da reencarnação nos adverte que sempre seremos herança de nossas ações e que, por conseguinte, a evolução espiritual é uma tarefa individual e intransferível.

A evolução não dá saltos, mas sucede a cada novo pensamento, conhecimento e experiência, sob o prisma da fé raciocinada, que impulsiona nossas reformas íntimas até a evolução espiritual. Afinal, o que realmente importa são as mudanças reais e suas obras, entender que podemos começar a qualquer instante, no seguinte pensamento, na próxima ação banal, que pode esconder verdades, preconceitos, solidões, esperanças, descobertas que pouco a pouco nos desnudam e nos questionam. Que o amigo possa encontrar nos personagens e em seus conflitos, nos contos e suas entrelinhas um broto de fé, uma breve certeza ou uma instigante dúvida, uma continuação ou um possível caminho até a caridade que sempre estará em suas mãos. Que nunca deixe de confiar em suas capacidades de mudar e de amar, da mesma maneira que Deus nunca nos abandona.

Que possa dar um passo além.

Pablo,

São Paulo, 16/7/2017

A dúvida

*“Ver muito lucidamente
prejudica o sentir demasiado.”
(Fernando Pessoa)*

É meu temor maior, mas não me perguntem por quê. Me propus estar atento a todos os detalhes, detectar desde o princípio e por um momento pensei que essa obstinação já fosse uma vantagem. Quero morrer com consciência e por isso investi em ocupação mental: outra palavra cruzada mais, os jogos de memória com meu bisneto Jairo e o recorrido interminável de minha vida, os nomes quase apagados. O tio Fernando que tinha três irmãs: como se chamavam? Francisca, Norma e Ana (a que tinha uma pinta debaixo do olho esquerdo, ou seria o direito?). Já não me lembro e isso talvez é um sinal. Tampouco tenho certeza se lembro do rosto ou da voz de minha irmã mais velha, Emília, a que partiu antes que eu completasse oito anos. Sempre lembrava as histórias que contava mamãe e atravessavam aqueles anos.

Sobretudo, recordo de papai sentado na cozinha, faca em mão, descascando uma laranja em espiral. No ar pairavam aromas cítricos e doces, enquanto narrava casos do anjinho que agora estava no céu velando por nós. Mas o rosto de Emília se apagava com a idade e a última tentativa de burlar o esquecimento foi a foto, essa que está no porta-retratos em frente ao meu leito, sorridente. Desde então me imagino a Emília em todas suas façanhas com o mesmo semblante da foto: mesmo penteado, mesma idade, mas já sem voz, como se falasse mentalmente, porque já não me lembrava de seus caminhos, nem de seus acessos ou da gaveta na qual a havia guardado, creio que a esqueci mesmo que, com certeza, a reconheceria ao ouvir seu simples timbre.

Pelas dúvidas, perguntei discretamente à Marlene se ela se lembrava da voz de minha finada esposa (mudei os personagens, em caso de...). Ela me respondeu:

– Mas que pergunta estranha, vô! Na verdade, não, mas me recordo perfeitamente do sabão em pó que usava em suas roupas.

Fazia-me acreditar que os lapsos de memória acontecem com todos, independentemente da idade. Desde já aclaro que sim, confio em meus filhos e que os quero por igual e que a razão pela qual comecei a abrir-me com a minha neta Marlene era devido aos seus olhos e gestos doces. Tem uma maneira carinhosa de tratar-me, sem me tomar por criança ou idiota. Sou um ancião com mente de octogenário e não preciso que me falem lentamente sí-la-ba por sí-la-ba. Ultimamente notei que meu filho Román anda repetindo frases; “você quer ou-tro chá, pa-pai? Ou-tro chá?”. Minha neta foi que

me apoiou em meu projeto de construir um fogão a lenha. Um plano que sentia que, para meus filhos Román, Nádia e Enzo, era inconveniente. Diziam: “é um esbanjamento, além do mais o está fazendo pela Mamãe, era seu sonho”. Não podia escutar muito bem o que discutiam, por isso mandei à Lucha, minha empregada cúmplice há mais de duas décadas, varrer próxima da cozinha para passar-me a informação confidencialmente. As notícias davam conta de que Marlene firmemente dizia que o dinheiro era meu e que podia fazer o que me desse na telha: que eu merecia ser feliz. Desde aquele dia, começamos a nos olhar com mais profundidade e os reflexos nos faziam sorrir sempre, apesar do fogão a lenha jamais ter passado de um sonho fugaz ou talvez de uma cretina maneira que encontrei para observar as reações dos demais que valiam muito mais que muitas interpretações.

Uma tarde na qual Marlene passou para me visitar em casa eu a indaguei por seu irmão Omar e, no instante que terminei a pergunta, pude observar certa surpresa em seu rosto, que rebateu diretamente em meu subconsciente, ainda mais quando notei que ela tentava disfarçar um deslocado assombro.

– Mas, vó, se anteontem estivemos aqui os dois numa tarde quente e fatigada, você não lembra?

Não estava preparado para essa resposta, me soou o alarme imediatamente e a única salvação seria lembrar-me subitamente daquela visita. Torcia para que a lembrança viesse antes da manifestação de meu próprio estupor, antes do olhar de Marlene, antes da definitiva dúvida que eu tentava driblar, inclinando ligeiramente a cabeça para trás, como se assim fosse possível estimular o processo de busca ou ao menos frear os efeitos de pavor que sentia desde as batidas descompassadas de meu coração.

Lembro-me de como me safei dessa situação: tentei atuar normalmente e, sobretudo, deixar à minha neta a condução da conversa, já que repetidas vezes a memória de curto prazo me falhava. Havia aceitado sem grandes suspeitas a sugestão de Román (porque são sempre os filhos mais velhos os mais responsáveis?) e passar-lhe a administração de meus bens, “não te pre-o-cu-pes, papai, não te pre-o-cu-pes”, apesar de que eu gostava muito de falar com o senhor Campos, o gerente do banco. Confesso que me havia confundido nos últimos tempos. Inclusive, se não fosse pela honestidade de Lucha, que me avisou, eu lhe teria pago dois salários em um mês. Portanto há tempo Román gerencia tudo por Internet e sempre me deixa dinheiro, pelas dúvidas.

O segundo ato consciente (o que não elimina episódios anteriores dos quais fatalmente não guardo registro algum) aconteceu quando convidei Marlene para que viesse jantar em um sábado, eu prepararia bife com batatas fritas para Jairo, coisa de bisavô, o garoto merecia, vai ser um grande!

A evidência veio nesse preciso dia pela tarde, quando, do outro lado da linha Marlene dizia que estava indo ao supermercado e perguntava se eu precisava de algo para o jantar da noite, “creio que uma garrafa de tinto não fará mal a ninguém, não é certo, vizinho?”. Agora as perguntas vinham acompanhadas por suaves sorrisos que eu pensava ver pelo telefone, breves, identificava-as a cada princípio de titubeio.

– Não te inquietes com o vinho, minha neta, que eu já acertei tudo, você sabe a que horas vocês vão chegar? Lucha, venha! Está bem, Marlene. Luuucha! Tenho que desligar, até logo. Rápido, Lucha, pegue dinheiro de minha carteira e vá correndo ao supermercado, bife com batatas, creio e não se esqueça de comprar uma boa garrafa de tinto, depressa que em três horas estarão por aqui. Esqueci por completo, ou melhor dito, apagou-se totalmente de minha memória: abandonado e sem vestígios.

Pela noite, entre o jantar e o chá de camomila, disse a Marlene sem grandes rodeios:

– Quero que me faça um favor. Creio que já não raciocino como antes, minha memória está um pouco desordenada e com buracos que vão aumentando. Avise-me se perco a lucidez, preciso saber como estou, se falo ou faço coisas estranhas ou desconexas. Podem ser manias, é que minha memória talvez esteja um pouco desordenada. Não sei, posso desenvolver excentricidades sem dar-me conta, algo desordenado, você me entende?

– Claro, vô, até agora vai tudo bem. Siga sempre com a mente e o corpo ativos – dizia com seu sorriso pleno, despojada. Já não havia aquele breve sorriso, esse que era o mesmo para mim e para Jairo.

Olhava-me e em seus olhos havia um doce respeito. Tocou-me o braço, a face, calor que abriga, que cala e que parece haver entendido algo mais do que eu. A princípio, isso me pareceu um pouco suspeito, mas depois, antes de dormir em meu quarto que cheirava docemente à laranja, Emília aclarava que esses pensamentos eram típicos de homens inseguros, que importava a essência e os gestos, que Marlene era sincera em seus cuidados comigo, que não era mal confiar em seu amor.

Queria voltar ao assunto Román. Confesso que estou um pouco preocupado. Segue repetindo e pelas caretas que faz, parece gritar. Não sei por que me olhou com

tristeza, quando lhe perguntei se cruzou com Emília no corredor antes de entrar em meu quarto e me desse um beijo na testa.

– Che¹, vá buscar uma cerveja na geladeira e conte-me que está acontecendo contigo, para isso você tem o teu velho pai, com certeza há uma saída para tudo – tratei de animá-lo.

Retornou com dois copos, contando-me algo sobre uma comida deliciosa, ou talvez, sobre um restaurante. A verdade é que não me lembro e enquanto fazia cara de entendido me pus a pensar o quão bem me sentia, assim tranquilo no quintal de casa, o sol suave, ao lado de meu filho, que buscava conselhos com seu pai. Sim, definitivamente o pobre estava um pouco abatido. Ao mesmo tempo notei que os vasos ao lado da cadeira de Román estavam desalinhados, o que me causou um pouco de chateação. Além do mais estava quase seguro de que também estavam fora de ordem. Minha esposa havia disposto os vasos e os jarros de tal maneira que se alternavam flores com temperos e, inclusive, ervas para afugentar os mosquitos. Mas agora estavam diferentes e que diabo de memória a minha, havia me esquecido da ordem, fazer o quê?

De repente, suspeitei do olhar de Román e de seu silêncio. Há pouco me havia feito uma pergunta. Notei porque todo o seu corpo e expressão estavam expectantes. Arrisquei:

– Sim, meu filho, sempre temos que encarar as coisas com calma e com fé – respondi tentando demonstrar segurança, adicionando um discreto suspiro e mexendo afirmativamente a cabeça para dar maior profundidade ao meu pensamento vago. Sorri interiormente ao verificar que Román se satisfez com minha contribuição e retomou a conversa. Acalmei-me e tratei de buscar uma maneira de rememorar a ordem das plantas. O curioso é que Emília parecia ler meus pensamentos, pois em seguida estava ao lado dos vasos, observando as demais plantas. Quando sorriu, tive a certeza de que havia solucionado esse enigma, assim que me levantei e lentamente os reacomodei de acordo a suas instruções. Tudo ia bem, quando de repente escutei Román quase aos gritos:

– Papai!

Já lhes contei que ultimamente o pobre anda repetindo frases e gritando? Me preocupa um pouco.

– Que foi, Román? – Perguntei com suavidade.

¹ Palavra utilizada para chamar a atenção de alguém ou referir-se a alguém (Argentina / Uruguai)

– É que estava contando sobre os planos de teu aniversário e, você, sem mais nem menos, se levanta para arrumar os vasos – disse-me o descarado, mas assim são os filhos, caçoam de nós e damos risada. Era uma tarde linda e Román estava comigo, o típico momento pai e filho e que divino o sol, como trazia paz!

Sobretudo, são muito bons esses momentos, porque me ajudam a relaxar. Enquanto tenho saúde seguirei sempre ativo, propus-me isso. E não são poucas as tarefas, está a questão dos vasos que precisam ser ordenados todos os dias. Também trabalho com o projeto do fogão a lenha, fiz muitos desenhos. Mas gosto de tê-los todos por perto: a Román, a Nádia, a Enzo, quando vem, a Emília e, principalmente, a Marlene e a Jairo, que nunca me avisam antes de me visitarem.

Sempre espero até que estamos a sós, inclusive sem a presença de Emília. A levo para um canto e lhe pergunto:

– Sigo bem, minha querida? Avise-me se notar algo estranho em mim.

Quando noto o seu sorriso, quando sinto o calor de sua mão em meu rosto, quando reconheço o amor no olhar de Marlene, me convenço sempre de que tudo segue bem.

Somos doze

*“Até que os leões tenham seus próprios historiadores,
as histórias de caçadas continuarão glorificando o caçador.”
(Eduardo Galeano)*

Contarei uma história que busca completar-se. Não se sabe com quem começou e nunca o saberemos por que se trata de um relato sem nomes, montado por mãos anônimas. Nós, os copistas, fomos preparados para trabalhar sem fazer perguntas. Fomos alfabetizados por eles e com o pouco que nos pagam, nossas famílias sobrevivem. Éramos poucos no setor no qual nunca nos davam ordens completas, somente fragmentos de livros.

Leis, cálculos, órbitas, fórmulas, frações de mundos inteiros e de palavras isoladas de nosso cotidiano formavam uma tensão em minha mente. Quase um tipo de presságio, a esperança de que um dia pudesse copiar algum pensamento que me pudesse salvar.

Uma tarde aproximou-se o responsável do setor com um livro negro em um estado deteriorado. Indicou-me o trecho a ser copiado e se sentou ao meu lado. Tratava-se de um livro chamado *A Bíblia Sagrada* e correspondia à “*Parábola do Bom Samaritano*”, a primeira história que conhecia de um personagem chamado Jesus. Impressionou-me integralmente devido aos ensinamentos, a metáfora, a astúcia, o exemplo, a compaixão, mas por cautela dissimulei meus sentimentos ao avisar-lhe que a cópia estava pronta. A seguinte que me passaram era a de um tratado científico sobre agricultura, que copiei automaticamente, ainda absorto pela história de Jesus.

Passaram-se alguns meses até que o responsável me abordou novamente com aquele livro e se sentou a algumas mesas de distância da minha, diante de outro copista, que chamarei de Mateo, já que por resolução de nossa Ordem, jamais comprometeremos as pessoas envolvidas desde o princípio perdido no tempo. Reconheci-o pela cruz desenhada na capa e pela gravidade do responsável. Enquanto eu copiava um texto, disfarçadamente tentava observar o rosto de Mateo, que fazia o seu trabalho demonstrando indiferença, essa que por aqui vestimos quando o assunto que copiamos nos desperta interesse. Transcorreram alguns minutos até que o responsável lhe retirou o livro de cima da mesa, acercou-se a mim e me entregou.

– Copie essas duas páginas – disse com voz cansada, acomodando-se em uma cadeira, a um passo de ser vencido pelo esgotamento, já que seus costumes de glutão agora lhe pesavam na hora da sesta, turbando ainda mais seus sentidos.

Nessa oportunidade transcrevi a parte das sementes que se esparramam em diferentes terrenos pelo caminho e seus infortúnios. Até que caídas em boa terra pudessem criar raízes e que das árvores nascidas brotariam e se multiplicariam os bons frutos. Tratava-se novamente do mesmo personagem, Jesus, cujas palavras tinham um sentido que não conseguia dimensionar, mas que me impactavam sobremaneira. Enquanto reproduzia a história, parei por um breve instante como se tivesse recebido um aviso, alcei minha vista e me encontrei com o olhar de Mateo, que dissimuladamente levantava sua mão direita e a levava até a sua testa, logo até o coração, cruzando-a sobre o peito até conduzi-la em um movimento final até a sua boca, imitando no gesto o sinal da cruz que estava desenhada na capa. Não soube como reagir, mas creio que Mateo se deu conta de que não precisava temer o pior, a denúncia ao Comando, tal como aconteceu aos da masmorra, os lendários desaparecidos nas noites de gritos surdos.

Não darei mais detalhes do que necessário, por razões óbvias. Mas, com o passar do tempo e logo para certificar-se de minha idoneidade, Mateo, paulatinamente me explicava o essencial sobre a Ordem que era composta por doze copistas e em que ponto do projeto nos encontrávamos. Por ora, creem que tem quase dois terços do livro já estruturados, uma junção meticulosa de diversos fragmentos transcritos baseados na memória de inumeráveis membros por gerações contínuas. Sabemos o tamanho original da obra, visto que todos a tivemos por breves instantes em nossas mãos. Entretanto, nossas atividades são muito arriscadas, não se pode confiar em ninguém.

Os do Comando têm desenvolvido suas técnicas de repressão há séculos e, em relação a nosso trabalho, escolhem os escribas de acordo com o seu comportamento. Eles seguidamente se sentam ao nosso lado e fazem perguntas sobre o conteúdo das coisas que copiamos. Simulavam serem amigos e ao instante que notavam exagerado entusiasmo de nossa parte por um determinado assunto, não voltávamos a tocar em um livro de conteúdo similar. Assim sucedeu quando um responsável iniciou uma inocente e agradável conversa sobre os encantos da filosofia. Um tema que me fascinava há muito devido à sensação de infinito que produzia em mim. Falei sobre Sócrates e de sua incrível capacidade observadora, do conhece-te a ti mesmo. Curiosamente nos seguintes meses, somente reproduzi livros que tratavam de técnicas de arquitetura e relatos heroicos das proezas dos homens do Comando. Dessa situação, entendi que tudo aqui teria que se opor ao interesse real. Havia que demonstrar indiferença: ao fervor, frieza, à esperança, desalento e não demorei muito em compreender que a verdade do

Comando não passava de uma manipulada mentira, da qual eu afortunadamente contribuía com meu trabalho, copiando, alterando ou ocultando, enredado em minha própria teia de aranha.

Mas, como aprendi nos secretos estudos da Ordem: Deus fecha uma porta, mas abre uma janela. Nossos mártires nos ensinaram os corajosos caminhos da resistência, a existência de um argumento superior às leis, repressões, tempos e cegueiras. Em um determinado momento, alguém começou a contrabandear com a sua memória as poucas passagens que lhe correspondia à cópia do Novo Testamento, porque entendeu que estava diante do testemunho maior de toda a sua existência, que era o amor, a palavra de Jesus, inaugurando dessa maneira nossa Ordem. Em cuidadosos movimentos, o precursor observava a todos que duplicavam os fragmentos do Livro de todos os Livros. Provavelmente dotado de uma notável e misteriosa intuição, escolhia alguns que por uma razão oculta lhe parecessem de confiança e que contavam as partes que transcreveram. Assim se estabeleceu o início dessa obra que em seu momento preciso voltará a se fazer luz.

Às vezes, pensamos que os do Comando suspeitam de algo e devido a isso somos sempre muito cautos. Cada um tem suas tarefas na Ordem, mas ninguém sabe quem está dentro, nem com qual responsabilidade. Mateo é a única cara visível e somente se aproxima de um copista fora do âmbito de trabalho, depois de observá-lo muito e verificar que fragmento da Bíblia estaria transcrevendo. Outra de suas funções era a de informar onde podíamos encontrar as atualizações, sempre em um lugar diferente. Há mais de um ano estamos todos muito ansiosos, porque avançamos bastante, mas ninguém sabe do paradeiro de Jesus, de como terminou a sua trajetória. Uma vez, notei pelo olhar apreensivo de Mateo que um dos escribas próximo a ele provavelmente narrasse o final da vida de Jesus, tantas vezes anunciada e augurada desde os primeiros evangelhos incompletos. Os rumores a respeito já haviam sido muitos, alguns inclusive haviam dito que morreu de forma trágica, outros o negavam e diziam que reinava eternamente, mas ninguém do nós o sabia de maneira categórica.

Quando, por fim, pude perguntar discretamente a Mateo se tínhamos novidades, respondeu que aquele copista não era da Ordem, que inclusive simpatizava com a causa do Comando. Uma aproximação poderia ser fatal ou pelo menos imprudente, seria necessário manter a paciência.

Em casa, minha família indiretamente absorvia a ideia. Comecei pela minha esposa que já sofreu muito ao meu lado e que nunca se cansou de nos cuidar, desde as

crianças até aos mais velhos e, em uma ocasião, enquanto cuidava de meu pai, febril e irrequieto em seu leito, eu lhe toquei as mãos e a olhei nos olhos.

– Te agradeço por tudo o que você faz pelo meu pai. Deus um dia há de te retribuir por todos os cuidados que tens conosco – disse sinceramente.

– Te parece realmente? – Perguntou com um fio de fatigada esperança.

– Aquilo que semeamos, isso também colheremos, meu amor. E a tua semente é amor e dedicação. Assim que os frutos de felicidade estão madurando – respondi lembrando-me das palavras de Jesus.

Iniciamos então uma conversa muito amena enquanto velávamos o meu pai naquela sufocante noite de verão e minha esposa notou que o conteúdo de algumas frases minhas claramente estavam além de minhas poucas possibilidades morais e intelectuais.

– Como você sabe dessas coisas, meu amor? – Perguntou-me antes de dormir.

Contei-lhe um pouco do Livro que estávamos tentando montar, das proezas de Jesus. A cada noite lia um trecho de minha cópia pessoal, discutíamos nossas impressões e ao escutar sua interpretação das parábolas, descobria mais encantos no Profeta e na minha mulher. Nossos dias pareciam mais leves apesar da gripe de meu pai ter contagiado a um dos nossos filhos e que eu tivesse que trabalhar mais nesses largos dias de verão.

Ao entardecer, já com o setor quase vazio, um responsável se aproximou com a Bíblia em mãos, folheando-a, buscando o trecho preciso ao ritmo de meu coração, que pulsava com veemência. Em nenhum momento alcei o olhar, consciente de que seus olhos não deixavam de me analisar.

Indicou as páginas e comecei a trabalhar com um pouco mais de parcimônia, tentava ganhar tempo para gravar as passagens em minha memória, lutando para manter certo ar de enfado e de tédio diante do vigilante juiz. Não pude acreditar naquilo que lia em silêncio em uma passagem que ultrapassava a indicada pelo responsável. Por uma razão que desconheço, haviam capturado Jesus que chegou a Gólgota carregando sua própria cruz, depois de um calvário e sofrimentos terríveis. O crucificaram diante de sua mãe e de uma devota, entre dois ladrões, porque se dizia filho do Pai, de *nosso* Pai, e ao final, esgotado em suas aflições, disse para o céu:

– “Pai, Pai, perdoa-lhe, pois não sabem o que fazem”.

Minhas mãos tremiam enquanto lia os trechos proibidos. Meus olhos quase se enchiam de lágrimas e tentava evitá-las a todo custo. Dissimulava bocejos e a respiração

profunda me acalmava um pouco. Jamais esqueci de seus momentos finais, expirando eterno e puro.

– “Pai, em tuas mãos encomendo meu espírito”.

Quando a luz natural já perdia força, o responsável se endireitou na poltrona, esperou até que eu terminasse a cópia e se foi sem olhar para trás. Já não havia testemunhas na sala. Minha cabeça dava voltas e mais voltas, o caminho até em casa nunca me pareceu tão comprido e escuro. Como dizer a minha esposa que Ele havia falecido dessa maneira? Onde estava o reino prometido? Como contar a Mateo? Estava desorientado, seguro de que a notícia decepcionaria a todos e lhes tiraria o ânimo na luta contra o Comando.

Pensei que talvez os do Comando já suspeitassem da Ordem e me passaram um conteúdo falso para com isso contaminar a todos e dismantelar nossa estrutura. Havia que ser prudente e por isso decidi calar-me, algo em mim se negava a acreditar nesse final trágico. Seria o reino que descrevia uma utopia? Se aquele que tinha os poderes não consegui impor-se diante do “Comando” da época, como o faríamos nós?

Esse pesar durou algumas semanas. Mantive o silêncio até que dentro de mim resolvi que Jesus jamais morreu, que o plano do Comando para combater a Ordem havia falhado porque sentia interiormente que Jesus seguia existindo. Estava vivo dentro de nossos pensamentos e eternizado cada noite com o pai-nosso que orávamos antes de dormir. Éramos felizes assim, a nossa maneira, apesar de às vezes temer que os demais descobrissem a sua vil morte.

Vivi nesse universo de altos e baixos pelos seguintes meses até que Mateo me fez saber que havia atualizações que já estavam disponíveis em um determinado esconderijo no caminho de casa. Esperei até que todos estivessem dormindo para ler com a minha esposa, iluminados por um restinho de vela que queimava vacilante sobre a mesa.

Meu coração outra vez quase parou, era a confirmação de sua morte e agora não havia volta, muito menos seria possível seguir enganando a minha mulher. Apesar de já saber o trágico final, esperava encontrar os motivos que o levaram a esse tenebroso destino. Mas o que descobri é que Ele não havia morrido, mas que depois de três dias ressuscitou dos mortos e apareceu aos seus amigos e discípulos por muitos dias até que ascendeu aos céus.

Assim que continuava vivo! Era eterno e estava sentado à direita de Deus. Realmente seu reino não era deste mundo. Foi quando notei as lágrimas nos olhos de minha mulher, não eram de tristeza, mais bem de alívio, de esperança e de certezas.

– É como um consolo para tantas desgraças – disse com voz serena. – A vida não tem fim, é a história que busca completar-se. Bem-aventurados os mansos e os pacíficos, os perseguidos, os que têm fome e sede de justiça, porque deles é o Reino dos Céus.

– Não terá ressuscitado por ser filho do Pai? – Perguntei-lhe. – É especial e além do mais foi um exemplo vivo, tão distante de nossas qualidades.

– Você não lembra? “Em verdade vos digo: aquele que não renasce da água e do espírito não pode entrar no reino de Deus. O que nasce da carne é carne, mas o que nasce do espírito é espírito. Não te maravilhes porque de te ter dito: é necessário nascer de novo”.

Outra vez somos doze e cada um tem sua área de atuação, multiplicando palavras. A ideia é manter vivo o princípio, tratar de vivê-lo e, sobretudo, de difundi-lo, apesar da clandestinidade. Não queremos nem o poder, nem a glória, somente uma alternativa que nos ajude a compreender a vida, suas circunstâncias e também a morte. As revoluções pacíficas, as verdadeiras mudanças, principalmente as pessoais e anônimas, vieram sempre do coração em liberdade, de onde brotam sementes de eternidade.

As mãos

*“A igualdade pode ser um direito, mas não há poder sobre a Terra capaz de a tornar um fato.”
(Honore de Balzac)*

I

Quando cheguei nesta cidade ainda era uma criança. A princípio, permaneci isolada da grande maioria das meninas da escola que, muitas vezes, me olhavam com sorrisos dissimulados. Minha solidão só não foi total porque, passadas algumas semanas, Marta ingressou ao colégio, uma hondurenha cujos traços típicos evidenciavam sua descendência indígena, um fruto mais da mestiçagem latino-americana.

Foi minha companheira pelas primeiras semanas e eu, um pouco menos assustada que ela, buscava distraí-la enquanto as demais meninas riam de nós. Mamãe me advertiu desde o começo. Ela sempre me incentivava a não desanimar, *“já passará, minha filha, já te aceitarão como as demais”*, me dizia com muito carinho e me beijava no rosto. A pele de mamãe sempre cheirava a frescor e usava um colar com a figura de São Francisco de Assis, enquanto me entregava pão com geleia de morango, minha preferida, e um suco de limão

Acontece que, em uma manhã, na hora do recreio, a menina que liderava as demais me chamou para dizer que por fim decidiram que, apesar de minhas características estrangeiras, me aceitariam em seu grupo, notícia que realmente me alegrou e me aliviou bastante. A única questão pendente para ingressar no círculo das meninas era um ritual de admissão que seria o de me aproximar de Marta e derrubar meu suco de limão sobre o seu vestidinho. É uma imagem que até hoje me persegue, uma mistura de sentimentos me assaltou de uma só vez: as meninas me desafiando, minha tristeza acumulada desde a minha chegada pelo fato de ninguém me aceitar, *“de todas as formas, Marta terá novas oportunidades”*. Enquanto uma voz cada vez mais surda e distante me dizia que não, o suco, o vestido, as risadas de todas, o olhar valente de Marta, inalterada, retendo suas lágrimas que logo a ajudariam a limpar-se no solitário banheiro, as palmadas das demais meninas nos meus ombros parabenizando-me e minha falta de coragem de olhar para trás, minha vergonha e minha responsabilidade por uma dor alheia.

E não havia outra opção, tinha que aprender para não repetir, jamais nessa selva moderna onde se mata ou se morre, onde os olhares podem ser flechas de curare, os

silêncios podem explodir como gritos, as palavras podem ter outro sentido e o mundo recrudesce. Senti que minha vida seria um eterno desafio às convenções e sentimentos, que o meu entorno sempre irá tremer e me chicotear, porque assim serão invariavelmente os homens e as circunstâncias. Não era pessimismo, mas a viva e incansável realidade de um mundo, que persistentemente me manteria em xeque, tal como diziam mamãe e vovó.

II

Sempre suspeitei da intuição. Se para alguns é simplesmente resultado de uma matriz de conhecimentos, algo captado de nosso universo conhecido, para mim, mais por necessidade que por qualquer outro motivo, a intuição é uma porta que se abre para o (des)conhecido, algo metafísico ou transcendental. Não me refiro somente aos exemplos típicos, os que, sobretudo, aconteciam à tia Alberta: seus presságios, uma voz interior que a ordenava a mudar o caminho de casa em uma noite chuvosa ou a repentina ideia de ligar para mim justamente quando em meu apartamento começava a me sentir sozinho. Notei que algumas intuições muitas vezes conduziam a pensamentos que não me pertenciam e que, por conclusão lógica, eram passadas por outras mentes: um anjo da guarda ou um demônio, de acordo com a natureza de cada conceito compartilhado.

Surgem dissimuladamente, como uma sucessão de ideias, um momento no qual o inspirador e eu pensamos em uma mesma frequência, pela qual transmite a essência de uma ideia. Aproveitavam-se principalmente do nada: do caminhar sem rumo do escritório até minha casa, as alternativas para encher esse espaço, esse buraco, depois que o trabalho ocupasse meu tempo, determinasse meu papel e função nesse lapso de oito, nove ou dez horas ao dia. Para que logo, junto a outros personagens de crachá, enchêssemos o elevador e nos esparramásemos sincronizadamente por portas giratórias até o caudal anônimo das ruas.

Por numerosas vezes no metrô, quando imaginava a monotonia que me aguardava em meu apartamento, percebia sentimentos empilhados na minha mente que basicamente me advertiam que não estava feliz e que um dia necessitaria esclarecer-me de verdade e pôr à prova meus verdadeiros valores. O próximo pensamento me fez entrar no boteco de Don Pablo, me sentia merecedor de uma *ginebra*² que, com o

² Bebida alcoólica a base de zimbro, de uso tradicional na Argentina

primeiro cigarro, supunha ser o inútil limite que, à força de argumentos duvidosos, resultaram em uma noite em que tudo outra vez foi em demasia. Ao retornar caminhando para casa, andava igualmente desfocado como os rostos inadvertidos que via de lado.

Ontem a situação inicial foi idêntica. O metrô, o buraco, pensei em alternativas e decidi voltar diretamente para casa, calçar os tênis e sair para correr no parque. Precisava desfazer-me dos excessos da noite anterior, exigir dos músculos, do pulmão, do coração. O objetivo imediato era o de completar o circuito inteiro pelo parque como nos bons tempos, era uma chance para esquecer. Porque tudo passava a ser movimento, respiração e uma espécie de saudade, de súplica, para que o cansado corpo me presenteasse uma noite de sono pesado.

Falo dessa maneira porque tenho certeza de que por algum lugar andaré o amor de minha vida e sinto que é justamente essa a alavanca determinante de minha existência. O revulsivo que me tirará da tibieza, de minhas atitudes que refletem a espera enquanto os segundos se desvanecem em meus relógios de areia.

Mais tarde, cochilando no sofá com a televisão ligada, vi de soslaio uma reportagem sobre algumas cidades ancestrais cujas ruas e estilos arquitetônicos me chamavam a atenção. Algumas quase me eram familiares e me faziam recorrer a medinas, praças, festas, portos, e enquanto transitava pelas vielas, tinha a impressão de que recém-dobrava a esquina, de que caminhava por ruas paralelas às minhas, que entrava nos lugares justamente depois que eu os deixava, que se subia ao ônibus uma estação após a minha parada e que tudo o que ficava era o eco de seus passos que me diziam: estou viva!

III

Vovó, como legítima matriarca da família, apreciava sua independência, o que lhe impedia viver conosco na casa amarela situada a um par de quadras da sua. Creio que se decidiu dessa forma para poder fumar tranquila sem que minha mãe a criticasse e lhe recordasse o discurso do dr. Benítez. Responsabilizei-me de levar alguns mantimentos, ocasião que aproveitava para sentar-me ao seu lado, servir um café fresquinho e olhar como a fumaça do café se misturava com a dos cigarros, ambas com sorriso malicioso, sem dúvida, imaginando a cara de mamãe se o soubesse.

– Vó, ontem tive aquela mesma sensação. Sinto que alguém pensa em mim, que me chama – comentava e ela me observava do terraço onde se balançava em sua cadeira de sempre.

– E por que você não o chamou? – Indagou a anciã com um pouco de bronca.

– E como? – Devolvi a pergunta olhando para o pó de café moído no fundo da xícara.

– Com a mente, Elisa – respondeu enquanto as fumarolas do cigarro desenhavam curiosas formas que logo se confundiam com a cor branca da parede. – Está igualmente perdido, necessita uma referência, que se abra uma frequência – protestou como se o absurdo fosse óbvio.

Ao terminar de regar as plantas, notei que seus pés estavam um pouco inchados devido à má circulação, algo que uma leve massagem sempre aliviava. Buscava sempre tocá-la, me parecia uma coisa tão banalizada nos tempos modernos, principalmente quando se trata de gente de mais idade, com a pele ressecada e enrugada, de veias salientes e manchas que eles mesmos não sabem nem quando nem de onde vieram. Com certeza, ela sentia falta do tato, do carinho, do calor. Ao fazê-lo, parecia que lhe tocava o coração. Sentia minhas mãos formigando, quentes, quase não pressionava seus pés. Tocava-a suavemente e notava como pouco a pouco seus pés voltavam a sua forma original, como retomava sua circulação uma vez desatados os nós e após meia hora, finalizei como sempre gostava fazer, com uma ave-maria, enquanto seus roncos indicavam que se sentia no paraíso.

– Agradeço muito a vocês, minha filha – disse minha vó enquanto eu sentia um calafrio pelas minhas costas. Olhei para trás sem ver ninguém e ao me deparar novamente com os olhos da matriarca, me disse:

– Viu só? Você estabeleceu uma frequência, mas já se foram, minha filha...

E da mesma maneira que estava segura de que alguém estava comigo, sabia que um dia o encontraria e que não demoraria muito. Mas não imaginava Javier.

III

Algo em Elisa me tocou desde o primeiro momento em que a vi na fila para comprar um café antes das aulas da noite. Olhou-me um pouco surpreendida, quando lhe disse que precisava de um café puro e forte, para suportar as aulas de matemática financeira que me convenciam cada vez mais que algo no rumo de minha vida ia mal,

inclusive a pós-graduação. Conversou comigo por quinze minutos ao fim dos quais me despedi com vontade de vê-la novamente, inexplicavelmente feliz, sem estar seguro de que ela compartilhava dessa sensação.

Em realidade, não deixei de pensar nela um só momento desde aquele dia e apesar de notar que havia algo de reciprocidade nas próximas vezes que a encontrei, igualmente notava que algo se interpunha entre nós. Mas, quando por fim nos olhamos profundamente nos olhos por intermináveis segundos, um pleno e inevitável sorriso delatou meus sentimentos e percebi que repentinamente tomou a decisão de ir.

- Já vai embora? – Perguntei sem compreender.
- Melhor assim – respondeu escondendo-me verdades.
- Te incomodou algo?
- Teu sorriso.
- Por quê?
- É puro e inocente demais. Você não está preparado.

IV

Tive uma noite de insônia que somente venci um pouco antes do amanhecer. Era um sábado perfeito para convidar tia Alberta para um cafezinho no bairro e falar sobre assuntos da alma, tão infinitos como sua própria imortalidade

– Mas veja isso, Javiercito... há quanto tempo você não rega estas plantas? Creio que não sabem o que é ar puro e sol há semanas, meu Deus! Deixe-me ver teu quarto, o banheiro, as cortinas, mãe do céu...– disse já tomando conta da situação.

Passadas duas horas, estava impecável, os móveis mudaram de lugar (“*as energias paradas, Javiercito...*”), a cama convidava a uma noite de repouso e o ambiente cheirava a mate amargo e pedia para esticar as pernas sobre a velha mesa centro que tia Alberta descobriu abandonada no balcão.

– Você está diferente, Javier – disse logo ao observar-me detidamente. – Não sei, noto algo.

O melhor era não discutir, tia Alberta encontrava nexos ocultos nos destinos, na alma, em outras vidas e então me guiava com suas palavras até um mundo no qual existia a felicidade, onde se curavam as feridas e onde meu coração sentia saudades dela, “*você está perdido Javiercito, já a sentes, pulsa, vive*”.

Mas também sentia que havia outra coisa, um pesar inexplicável, uma tensão que se produzia quando Elisa e eu falávamos. Por momentos, não havia nada mais que a sua voz, seus gestos, suas ideias e seu olhar, tão infinito, enquanto lá fora pressentia que se armavam carregadas nuvens, fortes ventos e passavam pessoas cinzas.

E lhe contei de nossos silêncios quase constrangedores que ameaçavam sua intimidade como um trovão que transforma sorrisos anteriormente compartilhados em tímidas muralhas e distâncias incompreendidas, que nos despediam como amigos duvidosos na rua.

– Mas é óbvio, Javercito. Não sejas ingênuo. Em que mundo você vive?

IV

– A pureza de um sentimento é o melhor antídoto, minha neta – protestava vovó calmamente. – O que você sente é medo.

Tinha razão, sentia medo. Porque se em algum momento Marta me havia perdoado a cena do suco em seu vestido quando era criança, sabia que a Javier não o perdoaria jamais. Temia que não o suportaria, que exigisse demais de seu caráter, que vivia em um mundo de inocência tão diferente da realidade que sentia todos os dias, algo que incontrolavelmente registrava até em pequenos detalhes.

– Pensava sempre que seria melhor encontrar alguém que houvesse passado pelo mesmo, como fizeram você e mamãe. Seria mais fácil.

– Para o verdadeiro amor não existem diferenças. Em algum momento você terá que se arriscar.

Mesmo que ainda passasse no mundo de fantasia e sonho, decidi não me opor mais aos meus verdadeiros sentimentos. Gostava dele de verdade, o frio no estômago o confirmava, o coração acelerado. Confiava no brilho de seus olhos, no sorriso puro, quando decidi aceitar seu convite para jantar na seguinte noite. Nosso beijo de despedida já era uma entrega, meus lábios nervosos não falavam de corpo, mas de alma.

V

Entraram sorridentes, abraçados, olhando a disposição das mesas.

– Que tal essa? – Perguntou Javier, sempre cavalheiro.

– Prefiro aquela outra, mais ao fundo, próximo da janela, pode ser? – respondeu Elisa, mais precavida.

Era preciso cruzar todo o restaurante que a esse horário ainda não estava totalmente lotado. O rumor ambiente baixou um pouco depois da entrada do casal, que tinha a sensação de que algo, ou quase tudo, ocorria às suas costas.

– Que coisa, – lhe dizia um senhor septuagenário à sua mulher – pensei que não veria algo assim em um local como este.

– Em outras épocas, havia certos limites e um pouco mais de respeito – respondia, entre sussurros, sua esposa, que evitava olhar para eles.

Passaram pelo *buffet* onde uma jovem mulher, que se servia de salada, parou com sua atividade para observá-los discretamente, o que chamou a atenção de seu namorado. Enquanto ela pensava que “*o rapaz é atencioso e parecem felizes*”, seu parceiro, depois de olhar atentamente para as cadeiras de Elisa, sorriu maliciosamente para Javier, convencido de que estava com ela porque devia ser boa de cama.

Acomodaram-se na mesa escolhida, ao lado de um executivo que jantava sozinho lendo *The Economist* e olhava dissimuladamente por sobre o jornal. Tentava escutar parte da conversa de ambos, para saber se falavam em língua estrangeira.

– Como pode haver gente tão ingênua – concluía depois de alguns segundos. – Deve estar interessada em seu dinheiro – sentenciou.

Os pensamentos de todos inconscientemente os fustigavam e Javier sentiu pela primeira vez esse pressentimento que têm os animais, quando auguram algo no ar, uma tormenta, um terremoto, um depredador, sensações, cuja manifestação física eram o suor, uma ligeira dor de cabeça e o oculto nervosismo, mais além de seu enamoramento. Sobre a mesa havia um vaso de flores frescas que ambos gostaram, ao lado do cesto de pão. Nada seria como antes, nada seria como sempre. Olharam-se nos olhos, o coração saltando, as visões e as buscas, tia Alberta e a vovó, os chamados e as dúvidas, o suco que derrubava e os buracos do boteco de Don Pablo, o perdão de Marta e a fé no amor, tudo desembocava no sinuoso rio da hipocrisia, cuja boia assumia formas de mãos estendidas: as de Javier, suadas, firmes e quentes, que se juntavam as de Elisa, finas, delicadas e maravilhosamente negras.

O envelope

*“Doenças são palavras não ditas”
(Jacques Lacan)*

O doutor Rubén estendia-me sua mão com seriedade e entregava-me o envelope branco com o resultado dos exames. Depois veio o assunto da qualidade de vida e aquela pontada no estômago, que de alguma forma me fazia lembrar de Susana, sutilmente disfarçada de lipídios, linfócitos e outras *cositas* mais.

Alguma vez meus rancores me devorariam: talvez era o que eu buscava. Agora tinha a comprovação de que nada estava resolvido, um conjunto de sensações responsáveis por essa tontura emocional que me acompanha em meu caminho para casa. Ventava de tal maneira que o barulho da cidade chegava em rajadas, inconstante, sobreposto e por fim se emudecia enquanto descia pela escada rolante até as entranhas da terra, como si fosse na minha própria carne que hospedava fingidos esquecimentos.

As portas se abriram e entrei no vagão vazio, sentando-me ao lado da janela, no mesmo sentido do trem. Angustia-me olhar no sentido oposto do movimento, ao passado. No instante em que se pôs em movimento, duvidei se era meu vagão que se movimentava ou se era o da plataforma ao lado: ilusão momentânea que arrastaria por túneis vertiginosos a minha contida revolta. Tinha vontade de gritar a minha impotência, como naquela tarde com a pequena Ana Clara, tão febril, a escada interminável de nossa casa, do hipnótico rancor, preso pelo tempos escuros e corredores subterrâneos. Até que o trem emergia à superfície do sol que apagava os sentimentos que seguia sem compreender, nem apropriar ao chegar na primeira estação sob o céu azul.

Retornar ao bairro devolveu-me um pouco de segurança devido à familiaridade dos caminhos, os rostos e os costumes. Como a zombaria manjada do basco Garay da banca, capa do jornal esportivo em mão e principalmente as *medialunas*³ e o pingado da Negra⁴, de intermináveis encantos e que pouco caso fazia a meus galanteios. Disfrutava do aroma do café com raios de sol indiretos que me obrigavam a fechar os olhos e pensar em Ana Clara. Ontem mesmo me falou de que planejava, junto a Fernando, o novo itinerário das próximas férias: suas dúvidas entre o mundo árabe ou a aventura hindu, *“as duas me fascinan, papai”*, convencida de que uma mesquita, um

³ Variedade argentina do *Croissant* francês

⁴ Apelido dado na Argentina a pessoas de cabelo negro e ascendência indígena, sem sentido pejorativo

novo aroma, um novo costume ancestral ou uma impávida montanha lhe abrirão mais portas, pontos de vista e conhecimentos que o insípido divã a que havia renunciado.

Imaginava a Ana Clara ingressando curiosa e respeitosamente (tão tipicamente dela!) em algum templo hindu, suas buscas, as respostas que datavam de milênios, a alma que sobrevinha ao corpo (outra vez, a morte, ou seria a vida?). E de repente me observava na calçada, um envelope branco ao meu lado, cujo conteúdo verdadeiro indicava que meus pensamentos provavelmente estavam me matando.

– Diga-me o que você sabe da alma, Negra – lhe questionei desde o passado, regressando a casa com a pequeninha e febril Ana Clara antes do previsto, o carro do compadre Irineu estacionado em frente a nossa casa azul, sua saia e o sutiã jogados sobre o tapete ao lado dos sapatos do Compadre, a sombria e interminável escada e os gemidos ao fundo do corredor que me remexiam o estômago, tapando os olhos de Ana Clara sonolenta, enquanto os meus me açoitavam a alma, Susana, seu inesquecível olhar lascivo, seu inolvidável deleite em nossa cama matrimonial.

– O mesmo que sei da eternidade – respondeu a Negra, e suas palavras faziam eco naquela casa vazia, de quinze anos atrás, persianas fechadas, móveis cobertos por lençóis amarelados, a placa “vende-se”, as alvas paredes imundas que encarceravam meu rancor, meus tempos, quase uma existência.

Para mim, a memória é um buraco do tempo, uma dimensão paralela de tocaia, *“no que você está pensando, papai?”*, indagava Ana Clara tão cansada, que se despertou naquela tarde no carro sem notar nada. Meu olhar ausente, a bola que nascia como um protesto em meu estômago, alimentada pela minha dor que desde então deixei sob responsabilidade do tempo, de suas mortes, suas decepções e de minhas respostas que nunca existiram.

Notei que desde o início precisava ser a vítima, talvez porque era minha primeira opção e não encontrava outra saída. Depois devido ao costume, até constatar cientificamente em um envelope branco, que somente guardava covardias. Outra vez tinha certeza de que a bola em meu estômago nasceu ali, na minha psique, na alma.

– Como posso sair com um homem que não aprendeu a perdoar? – Já me havia dito a Negra ao recusar outra sincera tentativa de minha parte de fazê-la entender que por detrás de certa melancolia existia um sentimento vivo.

Mas as lembranças sempre vinham, principalmente de noite na zona entre o sono e a vigília. Estavam ali como o envelope branco. Alimentava ressentimentos inúteis, a impossibilidade de esquecer, de perdoar, talvez de libertar-me de minha

sombra, de Susana, tão vítima como eu, infeliz ao meu lado em um mundo tão distante de seus sonhos, oferecendo-se nua em um caminho que simplesmente não pode ser.

Ao doutor Rubén e à medicina lhes tenho plena confiança. Irão abrir-me, extirpar o que não serve, costurar o que resta e pronto. Mas isso não bastaria, teria que fazer exatamente o mesmo com a minha mente e essa noite, ao retornar como sempre com meus demônios até aquela escada e escutar os gemidos, arranquei os meus ouvidos e quando estava diante de Susana e do Compadre, arranque meus olhos e os joguei, já sem vida, aos seus pés, para que não fossem motivo de minha queda, para, por fim, descer definitivamente as escadas, palpando suas paredes imundas, buscando a saída na silenciosa escuridão.

De repente a senti, era o calor de seu olhar, a Negra, que me resgatava do pesadelo. Estendi meus braços para tentar tocá-la, parar confirmá-la, não sei como me encontrou aqui, na outra dimensão, como entrou infinita neste mundo de persianas fechadas e de lençóis amarelados, onde o tempo era outro e de onde apenas o amor poderia abrir a porta de saída.

– Obrigado por ontem... – lhe disse pela manhã, repleto de certezas e ela se fez de desentendida.

– Não sei do que você está falando, Pablo – respondeu sem poder entender meu sorriso, desprevenida.

– Meus olhos te dirão sempre. Já não me digas mais que não...

Azul

*“Naquele dia, fazia um azul tão límpido, meu Deus,
que eu me sentia perdoado para sempre.
Nem sei de quê.”
(Mario Quintana)*

De fato, o dia amanheceu outra vez com o céu limpo, tão pátrio como a bandeira. Não há como apagar o rosto de Quique⁵ de minha mente. Ainda não encontrei respostas, talvez por intermináveis, essas que geram sempre novas perguntas e que fazem duvidar de tudo, a dor e o buraco desenhado pelo sol nesse céu de fotografia. A distância entre os ideais e a realidade é uma cruz em minha vida, que se desenvolve da mesma maneira que a folha em branco na minha Olivetti, já com algumas manchas sangrentas oriundas da imprudência, inevitavelmente com minhas próprias impressões digitais, não há como esquivar-se.

Aos meus quarenta e seis anos, conto com prestígio crescente no cenário político. Cultivo boas relações, sem que isso influencie em minha imparcialidade, apesar de que nunca se sabe por onde caminha o meu inconsciente... Em minha coluna do jornal expressava meus pontos de vista com contundência e consistência, baseando-me em um posicionamento de cunho social que me protegia e me dava certa liberdade: um escudo diante dos ataques políticos. Quando me promoveram e me deram maior amplitude no jornal, passei a contar com um ajudante, um tipógrafo chamado Enrique, personagem que se meteu em minha rotina, porque se interessava muito pelas reportagens e depois de um tempo passou a interpelar-me nos corredores da imprensa. No começo me perguntava se estava conforme com seu trabalho, logo passou a discutir comigo o conteúdo político das reportagens com uma intensidade que quase me pareceu desaforada. Entretanto, talvez por ter esse selo invisível de destino trágico, o que era uma incômoda persistência se converteu, ao longo de uns meses e muitos conhaques e *ginebras*, em princípios de amizade. Passado um ano, quando me mostrou o certificado de fotógrafo conseguido com muito esforço e enchendo-me as paciências (*“vamos, Rubén, uma palavrinha tua com o chefe e pronto...”*), não tive alternativa a não ser promovê-lo e com isso passou a acompanhar-me em minhas reportagens, além de seguir preparando os textos para a impressão.

A coisa ficou mais aguda quando um dia fui falar com o secretário de transportes. O clima fervia devido aos planos de expandir a rede ferroviária do país.

⁵ Apelido de Enrique

Havia debates acalorados entre os partidos que aumentavam a tensão. À diferença do habitual, fui recebido de forma distante pelo secretário, que me deixou plantado devido a outro compromisso, supostamente mais importante.

– Sinto pelo inconveniente, Sr. Rubén. Faça-me o favor de voltar amanhã pela tarde, até logo – disse tentando disfarçar um leve nervosismo.

Transitamos então pelo departamento onde os engenheiros, sob a condição de anonimato, às vezes, falam pelos cotovelos e assim coletamos informações sobre a rota planejada da nova via férrea que cruzaria o país. Pelos fundos do ministério, avistamos o líder da oposição cruzando o corredor e antes que me desse conta, Quique subia as escadas a uma distância segura, seguindo os passos do surpreendente visitante que entrava na sala do secretário.

Passada uma semana, entreguei a meu ajudante o texto que preparei a respeito do plano de expansão férrea e que questionava de maneira sóbria e firme as prioridades do governo. No outro dia, como sempre me habituei a fazer, quando uma crônica minha saía no jornal, comprei um exemplar na banca da esquina de minha casa, caminhei com parcimônia até o café do “*tano*”⁶ Conte, acendi um cigarro e, depois de ler as manchetes e os editoriais, procurei meu próprio artigo. Faço isso porque meus textos sempre me parecem diferentes, uma vez publicados, como se o tempo e a distância pudessem mudar palavras e o sentido das linhas, quando se encontram irremediavelmente impressas, atadas à efêmera eternidade, como aquele inesquecível céu azul.

Costumava atentar-me em sutilezas, no estilo e na forma, em pequenos detalhes. Contudo, o que vi me fez ferver o sangue e se é verdade que os pensamentos chegam antes de qualquer outra forma de energia, tenho certeza de que Quique sentiu náuseas ao instante em que lia incredulamente que “*o governo preferia investir em uma obra que unia o nada com coisa alguma em lugar de buscar soluções mais urgentes para o povo, como a ampliação do hospital nacional e as necessidades de saneamento básico. Era o cúmulo que esse planejamento contasse com a impávida convivência da oposição que disfarça seus ocultos interesses sob um simulacro de inflamados debates públicos*”.

A sorte do garoto, que cada vez mais se enredava em seu destino, foi que enquanto arregaçava minhas mangas para executar com um golpe seco o que esse inconsequente moleque merecia, meu chefe me interpelou no corredor do jornal para

⁶ Apelido de “Italiano”

parabenizar-me pelo brilhante editorial, “*por fim, alguém com culhão que alça a sua voz*”, explicando-me que a acolhida foi muito positiva, de grande repercussão, mesmo que lhe surpreendesse um pouco que eu o fizesse, que era mais conhecido por ficar em cima do muro sem demonstrar a minha tendência.

– Acompanharás de perto esse projeto, conte com tudo o que precisar de nossa parte, Rubén, e siga por essa linha: picante e direto – determinou meu chefe, acompanhado de algumas palmas nos ombros.

A Quique, que se esfumou por um par de dias, voltei a encontrá-lo quando me abordou no estacionamento do jornal, a uma distância que ele julgava ser segura.

– Sinto muito, Rubén. Mesmo que te pareça irônico, jamais o faria se não tivesse a certeza de que no fundo você pensa igual – me dizia o cara de pau, mal parido.

Não tive outro remédio que relevar, o circo já estava armado e as expectativas colocadas. Dizer a verdade seria expor-me ao ridículo. Seria um verdadeiro vexame revelar que, depois de anos no jornal, o tão ansiado protagonismo o devia na verdade a um ato temerário de um tipógrafo que pensou ser um prócere do jornalismo de investigação. Demorou um pouco em voltar a me falar mais próximo e me olhava desconfiado, quando lhe mostrei o esboço do seguinte editorial.

– É um roubo sem-fim – disse olhando-me nos olhos ao terminar de ler. – É nosso dinheiro que esses desgraçados metem nos bolsos. Você tem que dizer isso com todas as letras.

– Não me venha com quixotismos estúpidos, moleque. Se você pensa que o ideologismo te protege de algo, está equivocado. O que você sabe de tudo isso? Por acaso você está por dentro de que vários desapareceram por muito menos?

– Mas é que a você eles não podem tocar, o assunto já repercutiu de tal maneira que você os tem atados.

– Te parece, rapazinho? Que uma repercussão é mais do que algumas propinas, uns esquemas e um par de botas, a ponto de derrubarem a porta de meu apartamento? Você sabe o que acontece naqueles porões, moleque?

– Mas, Rubén, você se conforma com o presente? Eu sei que você está farto de tudo isso, conheço a tua índole. Alguém tem que dizer a verdade, não te parece?

– A verdade, terei que revelar aos milicos quando me prendam e quando confesse que você é o detonador dessa história. Garanto-te que não vão acreditar em mim. Creia-me, moleque, estou sozinho porque você me meteu nessa.

Decidimos revisar o artigo em minha Olivetti. As teclas brilhavam pelos meus dedos que tremiam suados. Entrava por um caminho sem volta, em uma corrente indomável e não sei ao certo porque o fazia. Não era meu amor pela pátria nem por uma justiça utópica, muito menos por uma predisposição de ser herói de uma causa sem representantes dignos. Talvez o fazia por ausência, por vazio, pela solidão que desperta o mártir, sem orgulho nem vaidade, pelas calçadas perigosas da noite. Sempre estive sozinho, aí está a noite e meu apartamento que o confirmam: uma escova de dentes, uma cama de solteiro, a cafeteira italiana individual, a caixa de correios vazia, cravado no centro da cidade a algumas quadras de tudo, da multidão que me faz esquecer de meu isolamento, que me faz caminhar pelas ruas de mil passos, que me dão a sensação do coletivo que, por alguma razão, não tem voz.

Calam-se porque seus lares são tão distintos, retumba a gritaria de crianças, as necessidades de familiares e o amor de camas quentes que apaziguam o espírito e os fazem frear. Há tempos que minhas noites são de plena escuridão, nostalgia daquilo que não foi. Vivo sentado, estático diante da janela no terceiro andar, marco as minhas negras noites cortadas pela brasa de outro cigarro e pela luz da iluminação pública sob o meu parapeito, povoando o meu quarto com sombras indiscretas.

Percebia-se que o país politicamente estava perto do ponto de ebulição e que arrebentaria por algum elo frágil, um vulcão pelo qual pudesse correr toda lava de sujeira, de acusações e de execuções. O debate da via férrea mostrou-se ideal, assim que nas seguintes semanas teve de tudo: envelopes anônimos com documentos confidenciais, os vidros de meu carro quebrados, ligações ameaçadoras não identificadas e algumas repercussões, mas a verdade é que meus artigos não tiveram jamais o apelo para mobilizar as pessoas que se aglomeravam timidamente para as primeiras manifestações perto da casa do governo. Havia outras forças, ocultas, nos bastidores além da felicidade de meu chefe, com suas palmadas no ombro, que mais me davam a sensação de me impulsionar para o abatedouro.

– Você parece ausente, Quique – comentei enquanto o observava armando seu tripé no balcão da Praça Central, buscando o melhor ângulo da manifestação na plataforma armada para os inflamados e revoltosos discursos.

– É que às vezes me pergunto sobre o que vale realmente a pena escrever, Rubén – confidenciou. – Te parece que algo mudará? Cada vez descobrimos mais coisas, mais involucrados e isso me esvazia, me sinto desalentado, olho para essa pequena multidão

que se reúne aí embaixo e temo que serão enganados outra vez, como sempre, tal como nós, ou não te parece que de uma forma ou outra somos meras marionetes?

Suspeitávamos do mesmo, não controlávamos nada, nunca o fizemos. A situação já estava armada e o sistema havia decidido que chegava o momento de explodir, havia escolhido a um medíocre jornalista como soldado raso da primeira fila, enquanto tudo estava orquestrado para alcançar outros objetivos para os quais contribuía com minha ingenuidade, fazendo-me refém de meus passos. Minhas mãos de títere escreviam e as consequências de minhas frases as ditavam eles, movendo os fios, minha vida.

Aquilo que sucedeu, então, apenas posso imaginar, seu olhar pelo visor da câmara, do outro lado, o brilho do metal e o cotovelo esquerdo apoiado sobre o parapeito, um segundo paralelo. Olhando pela lente, Quique sabia que o alvo era eu. O assassino se sentiu observado. Um calmo movimento uniu os canos do rifle à objetiva da câmara, o destino em sua reta inevitável. Agônico em meus braços, sentiu-se surpreendido por compreender que sua hora chegava de forma tão banal, testemunha involuntária do tiro mortal, revelação final.

A foto do assassino a distribui entre alguns jornalistas conhecidos e meu chefe. Tenho certeza de que de alguma forma chegará aos executores, protegendo-me com a vida de Quique de seu mesmo destino desprevenido. Pela esquadria estática de minha janela do terceiro andar me dei conta de que recém-amanhecia e que a garrafa de uísque estava em seu terço final. Não me lembro de haver descido pela escada, muito menos como cheguei à banca para comprar o jornal, me guiava o torpor, a indiferença, a insensatez.

No café do *tano* Conte sabia que não haveria adulterações em meu artigo. Não sei se continuarei, se teria algum sentido um grito ou um silêncio. Talvez renasceríamos em uma nova folha em branco. Na contracapa, sob a manchete de “Uma ilusão” não havia uma só palavra ou acusação, mas sua última ação agonizante, caído, a eternidade azul celeste enquadrada, o céu portenho da última fotografia.

Norma e eu

“*Há sempre alguma loucura no amor.
Mas há sempre um pouco de razão na loucura.*”
(Friedrich Nietzsche)

Hermes

I

Não afirmo que se casar hoje em dia é um disparate ou um desperdício, mas em um mundo tão variado e moderno, costuma ser um anticlímax de rotineiras convivências intelectuais, sociais e também sexuais. Sempre comentávamos sobre isso nas épocas de universitários, quando as oportunidades de viver intensamente eram muitas e onde as noites se iniciavam a dois quartos da Faculdade de Odontologia no boteco “*La Catedral*” com o *tano* Marino, o *negro* Alonso e com o *gringo* Tomás, no esquentar entre risadas e olhares de águia que rastreavam o ambiente em busca de possíveis alvos. Desses tempos, sinto falta, mas lamentavelmente as pessoas mudam, perdem sua fidelidade ao que eram. Uma volatilidade que não faz parte de meu caráter. O distanciamento ocorreu naturalmente com o tempo, principalmente depois dos respectivos casamentos que claramente afetaram ou mesmo restringiram convicções e liberdades, que antes eram nossos estandartes de vida. Apesar de vociferarem que nada mudaria, os sintomas foram clássicos: pouco a pouco eram menos assíduos no futebolzinho, ficavam menos tempo nos churrascos, as quantidades de cervejas eram contadas e o carro os levava diretamente de volta aos seus plácidos lares.

Passada mais de uma década de encontros fortuitos, encontrei o *gringo* Tomás nas proximidades do Nuevo Gasómetro, em Bajo Flores, em uma tarde de exibição do *Ciclón*⁷. Estava sozinho em um boteco pequeno, tomando uma *Quilmes*⁸ na calçada, observando a torcida, quando o vi entrar de mãos dadas com um moleque de uns sete anos que precisava urgentemente ir ao banheiro. A princípio, hesitei um pouco e o observei sem que me notasse, mas ao ver que com os salgadinhos também pediu dois refrigerantes, não pude resistir.

– Para, *che*, os refrigerantes são uma das principais causas para o dano ou perda de dentes – abordei-o com minha cerveja em mão.

– Hermes? – Reconheceu-me de imediato. – Mas você não mudou nada, o velho galã de sempre.

⁷ Apelido do time de futebol San Lorenzo, de Buenos Aires

⁸ Marca de cerveja argentina

Beijamo-nos e nos abraçamos. Sinceramente não podia dizer o mesmo do *Gringo* e de sua barriguinha sobressalente, seu aspecto um pouco cansado e com a sua famosa cabeleira agora bem aparada. Decidi não comentar nada.

– Esse é o Carlitos, meu filho mais velho, óbvio que é torcedor do *Ciclón*. Tive que começar desde pequeno porque minha mulher é fã do *River*⁹. Vamos lá, Carlitos, canta aquela do sentimento.

– E por isso te-te sigo on-onde seja, eu sou corvo até que mo-morra, dá-lhe Sanlore, dá-lhe Sanlore... – gaguejava o moleque totalmente sem ritmo, mordendo o canudo enquanto que os olhos do *Gringo* quase se enchiam de lágrimas.

Convidei-o a compartilhar uma cerveja comigo, mas recusou a oferta porque não queria chegar tarde devido ao garoto e a crescente multidão que rumava ao estádio. Estávamos em arquibancadas diferentes e também não combinamos nada para depois do jogo, porque ele havia prometido retornar rapidamente à casa dos sogros, onde o esperariam sua mulher com o outro bebê. Suas negativas produziram um hiato de silêncio um pouco incômodo, de olhares baixos, apenas salvos por farrapos do passado.

– Você sabe algo do *tano* Marino e do *negro* Alonso?

– Não, Hermes, há tempos que não os vejo. Sei que tem seus consultórios privados e que continuam em Buenos Aires.

– Bem, hoje com a Internet não deve ser difícil localizá-los. Que te parece se os contato e nos reunirmos na “*La Catedral*”, como nos velhos tempos? – propus e, por certo tempo, dividimos a mesma nostalgia. Foi o suficiente para um abraço efusivo na despedida, o que cortou o torpe e morno ambiente que se havia instalado.

Contudo, o encontro me perseguiu durante a partida, talvez devido à tarde pouco criativa do San Lorenzo, mas principalmente porque de alguma maneira me caiu mal. Esperava um pouco mais de consideração, afinal compartilhamos anos de universidade, fomos cúmplices de várias situações, viajamos juntos em algumas férias, nos formamos em odontologia na mesma época e, agora, passados os anos, minha companhia não valia mais que trinta minutos de espera de sua mulher, virou um homem de saia, uma lástima... A isso me refiro quando falo de casamentos e a fidelidade para certos valores. Eu não me vendo assim facilmente, não negocio minhas liberdades, da mesma maneira que o *Ciclón* não negocia sua forma de jogar, o *toco y me voy*, de jogar com garra enquanto a torcida canta, a fome de glória e a mística copeira, pura solidez emocional.

⁹ River Plate, time de futebol de Buenos Aires

– Dá uma bicuda nessa bola, que isto aqui é jogo sério, véio! Você é multado se correr? – Gritava consumindo minhas últimas unhas. – Você é mais lento que *Only you!*

Enquanto me lembrava do *gringo* Tomás, mais vontade tinha de cantar, de mostrar que isso sim era sentimento, intensidade e lembrar-lhe que ao finalizar o jogo poderia fazer o que me desse na telha, talvez confraternizar-me com desconhecidos ou talvez ligar para Érica ou Isabel para ver o que rola, estar metido nesse turbilhão que são as emoções, que é o presente.

“*Um pouco diferente do destino do Gringo*” me alegrava ao imaginar seu mundo que nos últimos anos seguramente se reduziu a fraldas, conversas comedidas com os sogros, compras de papinhas (segundo disse Tomás, boa fonte de vitaminas, minerais, energia e fibras), além de tratar de satisfazer os caprichos de sua mulher que, com dois filhos pequenos, deve andar com um humor azedo e com o *sex appeal* de uma samambaia, mas entediante que chupar um prego, faça-me o favor. E por isso, por essa contradição de nossa juventude, não foi capaz de compartilhar uma birra comigo, fala sério!

– Vamos pressionar a saída de bola, moleque, que eu na tua idade os comeria vivos! Ainda não descobri se você é destro ou canhoto! “*Venho do bairro de Boedo, bairro de bandas e carnaval, te juro que nos maus momentos, sempre te vou acompanhar. Dá-lhe, dá-lhe, Matador, dá-lhe, dá-lhe, Matador, dá-lhe, dá-lhe, dá-lhe, dá-lhe, Matadooooor*”.

Mas a bola não entrava e pouco a pouco suspeitava que o encontro com o *Gringo* poderia ser um mau presságio, o futebol vive de cabalas e de superstições (não sei como, mas tenho certeza de que influenciam). Metemos uma na trave, tentávamos tomar conta do meio de campo, mas sentia que éramos vulneráveis. *Independiente*¹⁰ jogava especulando no contra-ataque e se aproximava perigosamente do gol. Quando atacávamos me animava, crescia diante da imagem do *gringo* Tomás e lhe dizia “*aqui tem time, tem estilo*” e no instante que o atacante furava, eu procurava pelo *Gringo* na arquibancada norte, esses torcedores turistas jamais trouxeram boa sorte.

Nossos dribles me davam razão enquanto as grossuras acusavam o *Gringo*, porque o mundo era assim: havia os fiéis e os vendidos, os desafiadores e os acomodados, os amigos de verdade e os que valem menos que uma *Quilmes* gelada. Meu temor se concretizou, sabia que em algum momento iria ocorrer: o cruzamento foi

¹⁰ Time de futebol de Buenos Aires

venenoso, o goleiro duvidava se saía ou não, a defesa parada. Pela maneira como se preparava para saltar o atacante rival, previ a jogada: cabeçada, sem perdão, no contrapé.

– Vai embora, *Gringo*, que te estão esperando em casa e leva contigo esse moleque torcedor do *River*, puta que pariu! – gritei, mas nada voltou ao seu lugar.

Não houve celebração com desconhecidos, Érica me explicava que já era tarde e que amanhã precisava levantar cedo, Isabel me dizia que nesse momento não podia responder e que deixasse uma mensagem após o bipe. Estava sem voz, me pesavam as pernas, comi umas empanadas frias perto de casa e imaginava que Tomás, a essa hora, disfrutaria de momentos de paz com sua mulher, com os filhos limpos sonhando na cama, talvez comendo algo quente e caseiro, para logo dividir um cobertor e o calor, malditos contra-ataques.

II

Todas as conversas ao telefone foram bastante curtas, talvez devido ao fator surpresa depois de muitos anos sem nos falar. O *negro* Alonso aceitou sem demoras, falou sobre o bem que nos faria reunir-nos outra vez e que a primeira rodada de cerveja seria por sua conta, boa *vibe*. Ficamos de nos encontrar dentro de duas semanas porque me parecia que, devido à delicada relação conjugal, o *gringo* Tomás precisaria de mais tempo para se organizar, pedir permissão a sua mulher e, pensando nisso, decidi respeitá-lo, afinal, sempre fui flexível para o bem comum de todos.

Já para o *tano* Martino “*La Catedral*” não lhe pareceu um lugar adequado, deixou no ar algo como “*esse tempo já passou e que o melhor seria ir a um local mais tranquilo*”, mas não lhe dei muitas opções ao afirmar que os demais já haviam confirmado. Não sei, mas me deu a sensação de que nossos costumes universitários agora eram a negação de seu presente, falso profeta.

Na semana prévia ao encontro no “*La Catedral*”, senti certa inquietação íntima, parecia que uma espécie de hora da verdade se aproximava, porque era sabido que haveria comparações, natural entre amigos da mesma idade que não se viam há muito tempo. Sou muito observador. Alguns *detalhes* são tão importantes como um firme aperto de mãos ou a primeira mirada nos olhos. Mas alguns, mais sutis, mostram a personalidade da pessoa. Um homem que escolhe um bom cinto, que combine com um bom par de sapatos e, se for o caso, com uma gravata de acordo, demonstra gana de

posicionar-se sem palavras. Os relógios são outra mina de informações. Um Rolex é um bom exemplo: claro que sua mensagem inicial é “*tenho dinheiro*”, mas não basta luzi-lo no pulso. O verdadeiro segredo de usar um Rolex é justamente não o ostentar, dessa maneira é uma prolongação do caráter, varonil, decidido, atemporal. Aqueles que conhecem relógios o identificarão, mas não te dirão nada, trata-se de um prazer solitário, egoísta e íntimo.

O encontro coincidia com algum programa que Érica insistia em levar-me (“*anda, meu velhinho lindo, vão estar todos os demais da facu*”) e ao que tive que renunciar. Talvez era para dançar essas músicas eletrônicas que seguem zunindo em meus ouvidos por horas, reunir-se com seus amigos para discutir sobre professores, férias em um *camping* na praia, entre outros temas transcendentais aos quais me fazia passar por surdo e preferia não tirar conclusões.

Nesses momentos, para que as horas passassem rapidamente, aferrava-me à lembrança da fogueira de Érica, sua pele jovem e doce. Nosso relacionamento passava por algumas crises, apesar de não ter certeza de que ela soubesse disso. Era algo estranho, dividido em duas fases e, na última vez, na discoteca com seus amigos, foi um exemplo perfeito. Não posso afirmar que tivesse me divertido, mesmo que sempre tenha adorado as noites agitadas. Entendo que na sua idade todos querem explorar sentimentos incompreendidos, pensam que quanto mais alto cantam ou gritam, mais se afirmam. Mas confesso que me sentia desorientado (por minha culpa, já sei), quando, por exemplo, comentei com um de seus amigos que o refrão em inglês (“*I'm hungry for cheese like hungry, hungry Hippo*”) do rap que repetia a todo pulmão e com plena emoção, na verdade fazia menção a um mamífero artiodátilo com louca vontade de um alimento de leite coalhado e este me abraçou feliz e aos saltinhos gritava “*yeah yeah, papito*”, que supunha ser o meu apelido entre eles. Mas aguentei tudo isso porque em algum lugar estava a recompensa, que já se iniciava na mesma discoteca, onde muitos homens admiravam a Érica, meu troféu, e mais mulheres me paqueravam com olhares insinuantes, com certeza, convencidas de que eu, por alguma razão, tinha muita lenha a queimar.

Logo, seguia disfrutando do prêmio em casa, ao ver seu espetacular corpo debaixo do chuveiro, seu frescor e suas curvas, sua ansiedade juvenil sob meu controle. Por fim, quase instantaneamente com o final do prazer maior, iniciava-se a segunda fase, quando suado me deitava com o coração ainda descompassado e antes que Érica me dissesse que eu seguia em plena forma com um “*apesar de tua idade*”

subentendido, um vazio melancólico me dominava. Era como se depois da satisfação carnal não ficasse mais do que um vazio silencioso na alma (que digo?), escuro e principalmente sem sentido e, a falta de entendimentos ou respostas, tudo o que me restava era a repetição de perguntas tão básicas que me causavam frustrado desânimo, refém de mim mesmo: o que estou fazendo aqui?

III

Fui o último a chegar a “*La Catedral*”. Creio que a impontualidade é uma característica mais assídua nos solteiros, porque não têm ninguém que nos espere. Reconhecê-los foi muito fácil porque eram os únicos “*maduros*” do lugar, que antes era a extensão de faculdade. A recepção foi calorosa entre abraços, beijos, palmadas nos ombros, rosto e panças, que culminava com algumas zombarias tradicionais.

– Alguém viu a Don Fernando? – Perguntei fazendo referência ao dono do boteco.

– Faleceu – respondeu o *negro* Alonso. – Também se foram os garçons de nossa época que aparentemente não se adaptaram às exigências dos novos donos.

Realmente o boteco havia mudado bastante: no lugar do ambiente simples e rústico que criava entre nós uma atmosfera familiar, a nova decoração primava por cores fortes e pinturas abstratas, em vez dos tijolos à vista e os retratos tão variados, como a memória e as anedotas de Don Fernando, que incluíam desde Piazzolla, passando pelos referentes históricos de River Plate, como Ángel Amadeo Labruna e Enrique Sívori, o dramaturgo Roberto Arlt, o *Intocable* Nicolino Locche, que reinava nas noites de boxe do Luna Park, sem contar a imagem da Virgem de Luján, todos testemunhas de tantas conversas entre bons goles e fumaça de cigarros, parcamente iluminados pelos lustres de metal esmaltado que naquela época já era *vintage*.

– Croquetes de presunto cru com pimenta, rapazes? – Perguntei com água na boca.

– *Che*, você está parado no tempo – me alertou o *tano* Marino. – Agora você tem que pedir o cardápio e pode escolher entre algumas opções contemporâneas, bem balanceadas. Pelo que comentou o *negro* Alonso, bastante observador, parece que as porções são pequenas.

– Mas, ao menos, são lindas – agregou o *gringo* Tomás. – Os japoneses dizem que comemos com os olhos.

– *Gringo*, te conto que meus olhos viram que, a três quarteirões daqui, há uma churrascaria que parece ser boa – lançou o *negro* Alonso, ávido por uma aprovação que não tardou em chegar.

E, assim, mal se havia passado vinte minutos, saímos em fila indiana, deixando para trás o nosso templo pretérito e enquanto os demais pensavam em um jantar decente, eu me esquivava dos escombros do passado que já não se encontravam em nenhum lugar: muito menos nas paredes estéreis de “*La Catedral*”, nem na música *lounge* que tocava de fundo, muito menos nos olhares examinadores das patricinhas que se pareciam um pouco a Érica.

– Até logo, voltem sempre – disse-me o garçom antes que a porta se fechasse às minhas costas.

Permaneci parado, em silêncio, porque não sabia como dizer-lhe que não havia como voltar a algo que somente existia em minha imaginação.

– *Che*, Hermes, você não vem? Se ficar parado vai morrer sentado... – provocava-me o *negro* Alonso, morto de fome.

IV

Nem bem chegamos à churrascaria, os demais tiraram seus celulares dos bolsos e assim se deu por iniciada a sessão “*fotos de família*”, da qual não há muito o que acrescentar para não correr o risco de ser entediante. Bastam algumas frases que creio pintam muito bem o ambiente: Quantos anos tem? Pensam em ter outros? O sarampo é bem sacana! Está nervosa porque vai entrar no colégio, mudaram as nossas vidas, é toda a nossa alegria, eu depois de ser pai penso mais a respeito de minhas atitudes, é preciso dar o exemplo e outras citações que me deixavam com o pensamento ausente.

– *Che*, você não tem nada para nos mostrar? – Perguntava Marino tentando integrar-me.

Procurei na galeria de fotos algumas nas quais estava com Érica em um balneário conhecido, outras nas quais jantávamos e, por fim, uma série na qual Érica posava junto a lhamas, patinhos, ovelhas e demais animaizinhos que ela tanto gostava porque a faziam se lembrar de sua infância e que agora me pareciam absurdamente patéticas.

– É muito linda, velho lobo – comentava o *Gringo*.

– Com todo respeito, que corpaço, *papito* – disse sinceramente o *negro* Alonso.

- Mas, quantos anos ela tem, Hermes? – Perguntou o *tano* Marino.
- Vinte e dois ou vinte e três, não sei.
- E sobre o que conversam? – voltou a questionar um pouco surpreso.

– *Che, Tano*, com um bombonzinho assim, não faz falta nenhuma conversa, de verdade – assegurava o *Negro* entre gargalhadas, às quais me juntei por repentino cansaço e com esperança de que a brincadeira me poupasse da resposta.

Tudo resultava tão diferente do imaginado. Tinha certeza de que o encontro me daria razão em muitas coisas de minha maneira de viver. Entretanto, senti certo constrangimento e desalento em tudo o que sustentava minhas partes emocional e sentimental. Sei que eles olhavam nas questões exteriores, que poderiam invejar-me pelo corpo de Érica, mas todas as fotos (com certeza, publicadas em sua conta do Facebook) demonstravam pelas poses o quão vazio era tudo: nas da praia, via-se como ostentava suas curvas, nas do jantar notava-se seu deslumbramento nos olhos, provavelmente devido à elegância do lugar, e nas dos animaizinhos, se observava como era infantil e a total falta de afinidade que nos unia. Em nenhum momento alguém comentou: parecem felizes ou como combinam, tal como fizeram com a foto do *negro* Alonso com a sua pança, abraçando a sua mulher com respeitáveis olheiras e com um bebê de fraldas em seus braços e que demonstrava tudo isso, que havia sentimento, que havia futuro, que havia cumplicidade.

– Não, *Negro*, eu falo sério. Uma coisa era falar com as meninas quando nós tínhamos vinte e tantos, outra coisa é fazê-lo com a maturidade de hoje. Não sei, mas me parece que as necessidades e as urgências são muito distintas. Com certeza, as garotas de hoje não vão se interessar, nem muito menos compreender, uma crise da meia-idade – insistia Marino que cada vez me parecia mais antipático.

– Mas, o que é o tempo, afinal, o que é a idade? – filosofei buscando instintivamente uma saída. – Você pode estar ao lado de uma mulher por toda uma vida sem que seus pensamentos jamais mudem. Para os assuntos da alma, não existe idade – respondi pensando em Érica e seus animaizinhos que a enterneciam e por um instante me veio à mente a imagem de uma ruminante lhama que me dizia: “*enganador, filosofando mentiras*”.

– Está bem, Hermes, não quero polemizar. O que importa é que você esteja feliz desta maneira e isso me alegra. É um assunto para o qual não existem receitas. Nati e eu temos a nossa, você e...

- Érica.
-

– Isso mesmo, você e Érica têm a de vocês – disse em tom apaziguador e com a velha palmadinha nos ombros.

Mas o seu olhar não me convenceu, ou talvez meu olhar não o havia convencido. Sua presença começava a me incomodar, em tudo que relatava sempre havia: “Nati e eu” por todos os lados, ia crescendo diante de mim por qualquer assuntinho, porque “*Nati e eu cozinhamos sempre*”, ou “*Nati e eu preferimos lugares mais tranquilos*” e nem quando o *Negro* se emocionou com a chegada do saboroso assado de tira, ao qual esperava ansiosamente, se conteve e soltou um “*Nati e eu agora evitamos comer carne vermelha*”: sujeito mais pesado que um colar de melões!

Parecia que todas as suas frases eram dirigidas a mim, tragava as suas palavras, sua entonação, o insuportável “*Nati e eu*” que me incomodava interiormente, que despertava sensações que não eram novas, somente desconhecidas, tinha a impressão de que suas palavras me queriam dizer *algo*.

Da mesma maneira, por minha cabeça passavam as fotos de Érica e as malditas lhamas, via minha cara no espelho, via os vazios, nada se formava, tudo era intangível, como um homem que se esquecia de se ver.

– Para mim essa preliminar é um prazer dobrado – explicava o *Negro* bastante contente, enquanto enchia seu copo com outra cerveja gelada, daquelas cujos primeiros goles se tomam de olhos fechados. – Escutar o barulho da birra enchendo o copo e ver como se forma a espuma e se separam as cores.

– Quem tem ouvidos de ouvir que ouça, quem tem olhos de ver que veja! – soltou Marino e todos riram, felizes.

Definitivamente algo não andava bem.

Norma

I

Não sei o que dizer a respeito dos casamentos. Sobre o de meus pais não sou capaz de julgar se reinava o amor. Há algumas gerações de diferença e isso é significativo em um mundo que muda tão vertiginosamente como o atual. Costumo dizer que ninguém pode opinar sobre a intimidade de um casal e se me baseio neste argumento para calar-me, também há de servir para a vida de meus pais. Poucas vezes os vi sorrir juntos, jamais os encontrei se beijando, muito menos sentia no ar essa tensão

ou romantismo expressado por boleros, por frases de duplo sentido ou por olhares cúmplices. Pode ser que entre suas quatro paredes tudo fosse diferente, mas para fora mais bem parecia que o casamento era um acordo velado, uma ajuda mútua para enfrentar as batalhas urbanas, para manter a família unida mesmo que sonhássemos coisas diferentes.

Conheci Mateo no casamento de um amigo em comum, algo que para ele era um daqueles simbolismos que a princípio me faziam rir. Meu ex-marido é bonito, de dentes brancos. Aproximou-se com assuntos politicamente corretos e um olhar indeciso, nem tímido, nem carnal, talvez um pouco perdido, em todo caso, não foi amor à primeira vista. Logo saímos um par de vezes, nas quais nunca tomava a iniciativa. Nosso primeiro beijo foi quase um trâmite, uma tentativa de quebrar o gelo para ver se havia algo a mais e que por muito tempo seguia sem encontrar.

Meus pais simpatizaram com Mateo porque se deram conta de que, além de ser um rapaz bastante agradável e profissionalmente estável, era essencialmente correto e nisso tinham total razão. Mateo segue sendo a pessoa mais correta que conheci, era quase impossível não sentir ternura por essa característica tão achegada à ingenuidade e, por outro lado, também, certa pena, porque era evidente que seria devorado pelos costumes canibais de nossa sociedade. Muitas vezes lhe comentava que no mundo prevalecia a lei do mais forte (e não do mais evoluído como gostava de *contra-argumentar*), que para não morrer era necessário atacar. *“Não acredite em tudo que aparenta, brilha o tem sabor doce”*, o advertia prematuramente pelos meus lábios pintados de promessas.

Por aquilo que via em casa, pelo bom caráter de Mateo, pela necessidade de ter mais liberdade (sou primogênita), não vacilei muito em dizer-lhe que sim em uma noite à margem do rio. Ali caminhamos depois de jantarmos uma massa deliciosa, acompanhada de um bom vinho, em um restaurante simples que ele conhecia desde pequeno. Algo que realmente criou um ambiente familiar e íntimo.

– Agora me dou conta de que foi tão perfeito, que noite maravilhosa! E ainda me pediu em casamento à beira do rio, me parece divino – respondi sem fingimento, porque pensava que as coisas deveriam ser assim.

Assim me casei quase seis meses depois, tinha vinte e três anos, nove a menos que ele. Levávamos uma vida dinâmica, desenvolvia muitos interesses novos, me formei como arquiteta com o apoio de Mateo. Tínhamos nossa casinha, nossas coisinhas, saíamos com amigos. Mas, na primeira oportunidade em que falou mais a

sério sobre ter filhos, senti algo estranho, quase um tremor, quase uma acusação que vinha *daquela* época.

Não sou uma pessoa acostumada a tomar decisões. Muito menos suspeitava que, em determinadas circunstâncias, uma decisão desencadearia uma série de dilemas e desconhecia completamente os mecanismos para deter esse efeito dominó.

– Esperemos um tempo mais, meu amor – respondi com voz doce, tentando disfarçar qualquer vestígio de receio ainda incompreendido.

– Penso que é um bom momento, estamos em nosso auge físico e mental. Nada mais natural que ter nesta casa o fruto de nosso amor, nossa eternidade – insisti com inadequada esperança.

Sua proposta me impactou de maneira totalmente desprevenida, forçava-me a chegar a conclusões sobre assuntos que postergava desde aqueles tempos, dos quais Ellen sempre gostava de se lembrar. Quase senti pavor ao pensar que ter um filho, e tudo aquilo que Mateo imaginava, significaria a perpetuação dessa vida que repentinamente parecia pouco excitante, muito previsível, de estéreis rotinas que não geravam intimidade, nem risadas. Mateo nunca me satisfez sexualmente, assim como não o fizeram outros homens que tive em minha vida antes de meu ex-marido. Imaginava-me uma intimidade diferente, sentia saudades de uma classe de paixão que preferi esquecer e que talvez esmiuçarei em minhas sessões de terapia.

Tinha certeza de que Mateo era mais do que essa figura apagada que eu moldava, quiçá com imperdoável apatia. Uma mulher sabe bem como elevar o seu parceiro, extrair suas melhores qualidades, mas, com relação a Mateo, admitia que me faltava algo, que com certeza outra mulher entraria em seus labirintos com maior destreza e sentimentos que eu. O amor não podia ser isso.

Por fim (sou prática), ocorreu-me que poderia simplesmente seguir tomando a pílula sem que ele soubesse e, com isso, o tema estaria adiado por tempo indeterminado. Entretanto, meus pensamentos já teciam a teia de aranha que me devorava, via urgências e erros, me confundia e me assustava em uma antropofagia insana. Alegar ignorância não me servia mais de álibi.

– Você busca por respostas, isso é importante. Se o equívoco é fruto da falta de compreensão, mais fácil fica de consertar ou de perdoar – me esclarecia a Dra. Marta, que para mim, desde o começo, me pareceu admirável.

Escolhi esta, porque gostei dela de cara e me transmitiu segurança, algo que julgo ser fundamental na terapia, apesar de parecer que primam justamente pelo oposto,

pela distância entre psicólogo e paciente. Notava-se que tinha uma personalidade destacada, que era moderna e bonita e que ditava seu próprio rumo na vida sem incomodar-se com preconceitos arcaicos. Foi uma recomendação de Ellen, uma companheira da universidade com quem compartilhei algumas idas aos botecos portenhos, quando o calor do verão, a cervejinha gelada e o bom ambiente eram mais atrativos do que as aulas de estática. Contávamos com o beneplácito do professor Agustín, que fazia vista grossa para nossas ausências, mas não para as torneadas coxas de minha amiga.

Marta muito menos vinha com os clichês vazios e inconclusivos como *“enganar-se a si mesma”* ou *“a resposta você já tem, está dentro de teu coração”*. Posso ser imatura, mas enganar-se a si mesma é como esquecer-se de seu próprio nome. Meu problema era que algumas decisões me violavam e claramente exigiam muito mais de mim do que eu podia abarcar: como, por exemplo, saber escolher uma carreira com dezoito ou saber com vinte e três anos o que é o amor? Sem querer ter pretensões analíticas, creio que a vida é assim, inclusive o casamento: percorremos caminhos com aquilo que temos, com o que buscamos e com aquilo que (não) conhecemos de nós mesmos. Eu não sabia de nada, simplesmente segui a corrente e basta. Com a minha mãe não podia falar sobre as minhas inquietações, sobre esses pensamentos que sempre me acompanham, porque o pouco tempo que de vez em quando lhe sobrava o passava melancolicamente em uma cadeira de balanço fazendo seus bordados e escutando algum programa religioso no rádio. Pai-nosso, Credo, Oração da Manhã, o Credo dos Apóstolos, todas as orações, as sei de memória e não traziam nem respostas nem paz, apesar das discretas preces de minha mãe que constantemente geravam harmonia, mesmo que fosse de poucas palavras.

A proposta da gravidez era um passo muito importante, representava o fim de qualquer simulação, um divisor de águas forçado, sem volta atrás, uma bifurcação diante da qual, atônita e incomodada comigo mesma, me dava conta de que não conseguia imaginar o Mateo eternamente... Pensava, logo existia e alucinava.

Não o amava (com certeza já o sabia), havia que ser direta, o demais eram disfarces. Dizem, e creio, que o amor é algo absoluto (que me desculpem outra hipocrisia e/ou contradição), não é algo que se inicia com a amizade e se desenvolve rumo a uma intimidade de almas, para logo adiante ser algo mais visceral.

– Minha relação com Mateo é um desses exemplos. A chama se apagou, não voltará. Devo dar mais voltas? – questionei à Dra. Marta.

– Isso depende muito de qual é o teu conceito de amor. Vamos amadurecendo, envelhecendo e a chama também pode mudar de forma, de aparência – respondeu a psicóloga com sua habitual elegância e seriedade, por detrás de seus óculos de armação metálica, exuberante.

– Isso sim, mas para a parte final de uma vida, não aos vinte e sete anos. Se eu o amasse não deveria procurar por ofertas para o enxoval do bebê?

– O coração é terra onde ninguém pisa – foi sua resposta *blasé*, que naquele momento não me ajudou em nada. Estava confusa e precisava de conselhos certos e não frases soltas, já que era uma variante do clássico “*a resposta está em você*”. Melhor tivesse sido que me chamasse de superficial ou de perversa ou que me incentivasse a seguir adiante na busca por novas experiências, qualquer filosofia contanto de dar-me o mínimo de orientação em meio a essas águas turbulentas.

Mas tudo o que permanecia era a minha responsabilidade. A que teria que decidir era eu. Claro que não poderia simplesmente chegar em casa e dizer a Mateo que tudo terminou, apesar de que decididamente desconheço uma linda maneira de dar uma má notícia.

II

Nunca pensei em trair o Mateo, não fazia sentido. Gostava de chamar a atenção, ser um pouco vaidosa, me levantava a autoestima saber que era parte do proibido mundo imaginário de certas pessoas, algo que acredito ser normal para nós mulheres.

– Não sei até que ponto podemos dizer que essa característica é essencialmente feminina. Às vezes é algo da personalidade, individual e não obrigatoriamente atada ao gênero de uma pessoa – contra-argumentava a Dra. Marta olhando para o seu caderno de anotações, concentrada. Enquanto escrevia, seu braço direito se movia, o que realçava a transparência do tecido de sua manga, que apenas deixava entrever seus contornos. Era transparente e velado.

– Que mulher não gosta de ser admirada? – Perguntei-lhe tentando descobrir uma expressão facial qualquer em seu rosto capaz de fazer-me penetrar em seu castelo de valores e de pensamentos, nos quais seguramente também habitavam fantasmas, maçãs mordidas e negações. Creio que nós pacientes também temos o direito a essa ambição, é uma via de mão dupla, gosto de saber quem me está analisando.

– Teu marido não te elogia? – Perguntou-me levantando ligeiramente sua sobancelha esquerda, que se arqueava por sobre a armação dos óculos em linhas que seguiam harmoniosas em seu movimento.

– É o que ele mais faz, Marta! Mateo às vezes me observa quietamente e quando me dava conta costuma dizer: “*como você está linda, meu amor*”.

– Não é o suficiente para você? – Perguntou soberanamente e com olhos que me convidavam a perder-me em pensamentos distantes.

III

Absorta em reflexões da sessão, entrei com cuidado ao consultório odontológico e, enquanto esperava, uma sensação agonizante me assaltava. Escolhi uma revista qualquer para distrair-me e, entre dietas revolucionárias e cremes de micropartículas ativas, uma manchete me desafiava: “*Separei-me aos trinta e me redescobri*”. Sentia em forma de pulsadas na têtpora os meus pensamentos há muito tempo enjaulados, inadvertidamente vivos e talvez premeditadamente ignorados, à espera de uma única e definitiva oportunidade de escaparem até sua perpétua e incontrolável liberdade.

As causas do seguinte capítulo, creio que são muitas, algumas totalmente contraditórias (o que não é nenhuma surpresa) e não se deve descartar nenhuma tendência minha. Sobre isso conversarei com a Dra. Marta: um lado proibido, atuante em detalhes reprimidos.

A figura do Dr. Hermes impactava: alto, pele morena curtida pelo sol de seus antepassados, queixo partido, mãos delicadas, mas fortes, ombros largos, cabelo ondulado, com os primeiros grisalhos, olhar profundo. Ao subir na cadeira odontológica para que analisasse minha boca, notei com certo gosto que, com a inclinação, minha saia descobria alguns centímetros decisivos de minhas coxas, ali na fronteira da indecência. Evidentemente ele notou. Quis que notasse. Era atrativo, a situação era provocativa, quase um fetiche, carregada de tensão, ideal para que ambos soltássemos as rédeas dos profanos pensamentos, rumo às traições perfeitas. Eu fechava os olhos onde impudica abria a porta de minha verdadeira necessidade. Contudo, as cenas que me vinham à mente (*daquela época*) me comprovavam que ali ocorria o meu divórcio, que o demais seria uma inútil resistência.

Quando por fim abri os olhos, notei que algo também acontecia ao Dr. Hermes, estava diferente. Ficamos em silêncio, com a mesma respiração. Talvez foi justamente

isso que nos aproximou, o fato de que éramos cúmplices de uma possibilidade que não se havia concretizado, réus que se confessavam em silêncio, incomodados por nossos pensamentos dos quais sabíamos sermos capazes de realizar.

IV

Recompus-me no primeiro café que estava na esquina para pensar com mais calma sobre tudo o que havia ocorrido. Não vou à psicóloga para que me diga que está tudo bem, para fugir de conflitos, muito menos me incomodava que pusesse os dedos nas zonas desconfortáveis. Era necessário, bastante necessário. Por alguma razão ou incapacidade, creio que não conseguia entender a dimensão de uma vida, de suas consequências, de suas conexões e tinha certeza de que a psicóloga me ajudava muito nisso. O café, seu vapor e o aroma que se desprendiam serviam para assentar os pensamentos, tratar de entender aquilo do consultório com Hermes, situar Mateo, acomodar os sentimentos e buscar um caminho antes de voltar a ganhar as ruas.

Passava por dias de nervosismo e notava também que muitas verdades iam desvelando-se em forma de sentimentos, de intuições. Revelavam-se sem conclusões, me agoniavam. Novamente tive taquicardia ao caminhar. Para mim, o coração acelerado em um momento de introspecção é uma verdade que se acerca e algo me dizia que não seria suave. Não a evitava, ao contrário, tratava de confrontá-la. Caminhava e por pouco a segurava, como um nome esquecido, quase uma necessidade.

Eram exatamente dezoito horas. Sei disso devido às badaladas dos sinos da Igreja do Arcanjo São Miguel, a um quarteirão de onde me encontrava e produziram um nó em minha garganta, que não tinha vontade nem força para conter. Golpeavam contradições, as badaladas abandonavam e amparavam, atemorizavam e aliviavam, condenavam e absolviam, entretanto, minhas lágrimas derramadas me lavavam. Com o eco do último badalo, irresoluta diante dos braços abertos de São Miguel em seu parapeito, sentia que o eterno residia em minha consciência que, assustada, olhava para o difícil caminho da verdade.

V

– Hoje estive em frente da Igreja de Arcanjo São Miguel – comentei.

Na verdade, sabia que era necessário falar muito mais, contar sobre minhas incômodas descobertas, mas tudo que consegui dizer foi essa frase cansada, que quiçá seria relegada à insignificância. Posto que Mateo estava mais ocupado com seu jogo de xadrez que disputava *online* contra Fang Li, um chinês conectado do outro lado do mundo, de quem Mateo suspeitava que jogava com um computador de xadrez escondido ao seu lado, voraz e frio devorador de bispos e cavalos.

E a resposta, aparentemente indiferente, tardou quase um minuto em chegar. Tive que controlar minha impaciência.

– Por qual motivo? – Perguntou com menos interesse em meu comentário do que nas possíveis estratégias de Fang Li.

– Nenhum em especial. Quando dei por mim já estava diante da igreja, confrontada com o sagrado, algo que me tocou profundamente. Você nunca perguntou nada à eternidade, alguma agonia, alguma dúvida? – desafiava-o com crescente irritação.

Olhou-me pela primeira vez, por esse hiato de tempo que uma inesperada pergunta costuma produzir e demorou poucos segundos até que o computador avisasse que Fang Li havia movido suas peças. Eu sentia que Mateo hesitava, que não sabia a quem atender primeiramente, era frustrante.

– Que pergunta... Claro que não! Como algo pode ser sagrado para você se a tua mulher é menos interessante que um chinês sem rosto? – Condenei-o, consciente de que meu pequeno surto misturava diversas situações, Fang Li e a Dra. Marta, a pílula e a eternidade, Arcanjo São Miguel e seu olhar que não me saía da memória.

– Calma, Norma, a que se deve isso agora? Que te aconteceu, meu amor? – indagava com voz conciliadora, equilibrada e precavida, tão típica de Mateo.

– Não sei, Mateo, estou cansada. Às vezes tenho a sensação de que tudo é incompleto, que a vida é mais do que uma mesa em um escritório ou um jantar no restaurante de sempre com o vinho da casa.

– Melhor que eu te prepare um chá de camomila – respondeu com olhos arregalados rumo à cozinha de onde sabia que voltaria com minha xícara *vintage*, a amarela.

E era tudo o que ele não deveria fazer. Ele pensava que assim consertaria tudo, que meus destemperos se resolviam com silêncio, com calma, que deveria imputar tudo a um simples estresse ou tensão pré-menstrual. Nesses momentos, creio que não pude ter sido mais clara. Mais além de minhas frases confusas, perguntas desordenadas e de

minha repentina divagação metafísica ao sagrado, sei que todo o meu corpo convulsionado, a amarga vibração de minhas cordas vocais e o fogo incompreendido de meus olhos lhe mostravam a sombra do pecado, os desejos relegados, as urgências da alma.

Havia tirado várias máscaras minhas de forma descontrolada, mostrava-lhe minhas máculas da alma em carne viva, estava disposta a pedir perdão, a tentar novamente, a comentar do consultório de Hermes e que jurava a São Miguel que não sabia que me equivocava antes do “*sim, aceito*”, que não tinha maturidade suficiente para saber que, para mim, nem o amor e nem a paixão vinham com o tempo.

Meses mais tarde, quando já me havia ido, Mateo me confessava que não havia entendido dessa maneira, que pensava que apenas se tratasse de um dia ruim. Era a confirmação daquilo que sentia exatamente naquele momento: Mateo não me conhecia. Melhor tivesse sido que reagisse de qualquer maneira, que me cravasse palavras-punhais no coração para que me ferissem, qualquer coisa menos uma chaleira esquentando água para um desalmado chá de camomila na patética xícara amarela. Quando, por fim, retornou à sala, a encontrou vazia. Quando olhou o monitor, Fang Li o encurralava com seus cavalos feitos dragões alados na noite. Quando se deitou, fingi que estava dormindo. Quando voltamos a nos olhar, já não nos conhecíamos.

VI

– Me incomodam minhas contradições, a ambiguidade deixa-me insegura – contei à psicóloga nem bem entrei no consultório.

– As verdadeiras mudanças não costumam ser imediatas. É um modelo evolutivo, portanto não nos resta alternativa que progredir, identificar as más tendências e transformá-las em hábitos saudáveis. Para isso é importante conhecer a verdade, é libertadora – respondia Marta. Naquele dia, cheirava muito bem, um perfume sutilmente adocicado que chegava em ondas fortuitas, com certeza, algumas gotas depositadas na parte interior de seu pulso, outras em seu pescoço, realizadas pelo coque clássico que usava.

– Já contei que ultimamente sinto que a figura de São Miguel me persegue em pensamentos, não é verdade? Atribuo-o ao meu sentimento de culpa. Desde pequena brigava com a minha consciência, perguntava-me que nota moral precisava obter para fugir do inferno. Acreditava que era semelhante à escola, que com nota cinco ainda

escapava. Isso me gerava uma margem de manobra na qual podia incluir algumas mentiras ou omitir alguns pensamentos pecaminosos no confissãoário. Olhava ao meu redor, comparava-me com algumas meninas e pensava: cinco, ainda me safo – tentava explicar à Dra. Marta. Havia decidido, por sugestão dela, não medir as palavras, nem me preocupar com a coerência, mas sim com a verdade.

– Muito além do céu e do inferno, o que une ambos é a eternidade. Como psicóloga te asseguro, que pessoas moralmente adiantadas costumam ser mais felizes e realizadas – me explicava e eu sentia que queria dizer-me muito mais.

– Não acredito que eu seja uma mulher espiritualizada, não o sinto dentro de mim – respondi esperando não a decepcionar.

– Mas sim, o conflito moral. E também, a eternidade. Se fumamos muito, causamos danos ao pulmão. Se plantamos sementes de tomates e cuidamos das mudas, colheremos tomates e não abobrinhas. De ações e consequentes reações se constrói a eternidade. Se você pensa em escapar do inferno com um cinco, você se esquece do futuro, de que você é a tua própria herança – sentenciou sem se impor e de alguma maneira, naquele momento, quase me convenceu.

– Não serão meras especulações? – Perguntei para não parecer facilmente influenciável.

– Pergunte a São Miguel – recomendou.

Hermes

Desde a volta de *La Catedral* (que não foi) até a minha casa, me senti verdadeiramente vazio, perdido em uma imensidão sem resgate, na qual emocionalmente alternava entre a melancolia e a cara de Martino, seu “*Nati e eu*” como introdução a cada frase, o presuntuoso “*mande lembranças à Érica*”, que fazia de mim o escárnio de sua *Natilândia*.

A penúltima paciente daquela calorosa tarde de verão se chamava Norma e eu a atenderia pela primeira vez. Chamou-me a atenção de imediato, não devido à sua aparência (era como tantas outras), mas porque parecia um pouco perdida ao entrar, emocionalmente instável. Olhava-me nos olhos e por um instante identifiquei que se havia impressionado com a minha figura, talvez esperasse encontrar um senhor de mais idade, sem esta aura varonil que sei que me caracteriza.

Contudo, havia algo nela que mexia comigo, que me fazia ferver o sangue. Parecia metida no meio de tormentas e conflitos interiores que quase a desnudavam. Tinha um ar de inocência e de fragilidade, do qual não me fiava totalmente, ela não sabia para onde olhar, nem o que fazer com as suas mãos. E exatamente ali, em sua mão esquerda, adverti aquilo que acelerava meu coração, o que imediatamente disparava uma onda de pensamentos descontrolados aos quais sucumbia sem oferecer resistência, a que me unia de modo mais insano e vaidoso à figura de Martino e, principalmente, de sua imaculada Nati: a dourada aliança.

Antes de refletir sobre a raiz enferma dos pensamentos, já havia mudado o meu tom de voz. Olhava-a profundamente nos olhos, inclinava e aproximava-me o suficiente para que sentisse o cheiro de minha colônia e, quando por fim subi a cadeira odontológica e a inclinação revelava suas coxas, nossos olhares se cruzaram naquela zona do pensamento, onde o pecado já se havia instalado e a permissividade era uma resposta oculta.

Liguei para ela no dia seguinte com a típica desculpa do dentista preocupado com sua paciente, fiz alguns galanteios tradicionais, mas na verdade era muito difícil entendê-la. Disse-se surpresa com a minha ligação, mas parecia um pouco confusa, perguntei-lhe se a incomodava, “*não, não, está bem, estou sozinha*”. Entretanto, o que mais me intrigava era a sua voz que nunca chegava a se estabilizar, nem a definir um estado emocional. Identificava em suas escassas palavras um pouco de medo, mas também de curiosidade, algo de alívio e de dúvidas, algo que negava nem bem havia aflorado, voz muito feminina que me sussurrava dilemas ao ouvido. Em algum pensamento meu, Nati e Martino, a heresia que golpeava minha consciência e desmoronava *La Catedral* com todos meus santos que se partiam, ocos, impávidos e sem vida.

Não me estendi na conversa e prometi voltar a ligar na próxima semana para ver se a gengiva não se havia inflamado. E desde então ligava uma vez por semana. Contava-me que em sua adolescência lia novelas bregas de amor escondida de sua mãe e me perguntava se eu tinha ascendência grega ou romana. Comentou que hoje em dia é possível jogar xadrez *online* contra um chinês qualquer, mas que “*atenção (!) porque alguns podem tentar te enganar por usarem um aplicativo de xadrez*”.

Torpemente acreditava que sua possível infidelidade me vingaria de Marino e de sua petulância, mas não suspeitava que lentamente entrava em seu mundo íntimo de uma maneira muito diferente à imaginada. Não a tocava fisicamente, mas de repente

decifrava seus segredos íntimos, conflitos abertos, a cada ligação sentia que venciam barreiras, que conquistava outra posição estratégica em sua mente. Falava sobre quebrar rotinas, de que era bom surpreender-se com coisas novas, das infinitas possibilidades dos sentidos: movia-me por zonas opostas à sua evidente realidade de mulher entediada. Faria com que ela traísse com a mente, por um impulso mais perverso que a atração física. Pouco a pouco desnudava pensamentos que seu marido nem suspeitava, deflorava desejos jamais pronunciados, violava culpas e assim passamos a conviver uma vez por semana, pontualmente às seis. Quando estamos os dois caminhando por diferentes ruas ou, em dias corridos, entre um paciente e outro.

– Você não sabe como me faz bem falar contigo, Hermes – confessou em um entardecer por telefone. – É quase uma terapia, vejo as coisas com mais clareza.

– Para mim, é um prazer, você é uma mulher realmente incrível – respondi e estava seguro de que abria portas. – Ontem à noite sonhei contigo, não pude evitar... – lancei, mas fiquei sem resposta, era difícil.

Nossos silêncios foram distintos. Sabia que aquela noite ela tomaria uma decisão. Tive certeza disso antes de atender ao seguinte paciente, a partir do momento em que começou a correr a água pela torneira para lavar minhas mãos, o ruído sobre o lavabo, uma correnteza, a certeza agonizante de que Norma iria separar-se, uma sensação que não podia apagar. O primeiro pensamento que tive foi o único correto, ligar para ela imediatamente e dizer que não, que tudo era devido a uma noite ruim com amigos, que o que me movia em direção a ela eram puras carências, decepções, desabafos e não nobres sentimentos. Mas não reagi. Com parcimônia ensaboava minhas mãos que se deslizavam e se enredavam em suaves atritos e assim passavam os segundos iniciais daquele golpe à consciência, do primeiro impacto. A água estava quase morna.

– Também já não é nenhuma menina, já é dona de sua vida – pensei enquanto enxaguava as mãos. – É uma decisão dela, eu nunca lhe prometi nada...

Mas lembrava-me de minhas insinuações, de meu tom de voz mudado, pausado e firme, de como instigava sua fantasia, como jogava com frases do outro lado, na imaginação de Norma, algo que já não podia controlar nem deter. Talvez para ela eram porta-vozes de esperança, de ilusão, de comparações e de coragem. Era meu dever aclarar tudo antes que ela o condenasse, e assumir minha parte de responsabilidade. Seu marido era inocente porque eu era um simulacro.

– Nada que ver, se eu nem sequer a toquei...

Lavar-me as mãos nunca me havia ocupado tanto, era como se por detrás dessa ação houvesse algo a mais que eu não atinava entender, sujeiras invisíveis ao olho nu. Mesmo que se tratasse de uma rotina na minha profissão, esse ritual, logo após a conversa com Norma, estava carregado de um pesar inexplicável, talvez devido à óbvia metáfora. A única coisa que me despertou dessa letargia foram as batidas na porta que anunciavam a seguinte paciente.

Norma

– Talvez seja apenas uma fase, Norma. Você não pode jogar tudo pela janela sem ao menos tentar ao máximo. Estamos falando de um casamento, não de um capricho – desafiou-me encarando a situação de frente. – Por acaso há algo em mim que te incomoda? Te falta algo?

Sabia que me fazia muitos questionamentos coerentes. Meus argumentos, por total incapacidade e falta de recursos, eram frases comuns com certo apelo emocional, uma postura femininamente frágil, confusos reflexos de meu estado.

– Sinto que tenho algo mais para dar, que o amor é um sentimento maior daquilo que eu sinto. Quando falamos sobre a possibilidade de ter filhos, creio que tudo começou a ganhar corpo, era o princípio da eternidade, não sei se você me entende?

– O tempo... – disse como se lembrasse de um inimigo.

– Desde aquele dia minhas dúvidas foram crescendo. Tenho que ser sincera: também não parei de tomar a pílula anticoncepcional – comentei e Mateo em nenhum momento fez cara de escândalo.

Era incrível como aceitava certas coisas que para mim eram pecados, como se fizessem parte da natureza do homem andar entre a luz e a sombra, entre conflitos e ambiguidades.

– Tenho desejo de amar, sinto falta de algo que não sei explicar. Te confesso que não tinha a mínima experiência ou base para questionar-me isso antes de casar-me.

– O amor tem as suas armadilhas, Norma, temos que lutar, tenho esse direito, não te parece?

Tinha sim, concordava com ele, mas não podia conceder-lhe essa esperança. Às vezes é necessário morrer para nascer, às vezes precisamos dar o golpe fatal para que se acabe o sofrimento. A cena era deplorável, porque sentia que Mateo mendigava por

amor e eu me lembrava da cadeira do doutor Hermes, como a cada grau de inclinação minhas coxas lhe eram reveladas, como não dei um basta em suas ligações, reações que me confirmavam que Mateo não era o homem de minha vida. Já era a mais completa infiel: adulterava seus sonhos, suas ilusões, suas crenças, traía seus esforços enquanto eu sentia o olhar do doutor e minhas fantasias me surpreendiam com lembranças *daquela* época que somente Ellen conhecia. E Mateo me olhava, agonizava em sua clemência, sua ingênua e desesperada integridade que me feria o coração. Tinha que matá-lo e recorri a uma arma, proveniente de meu mundo de fantasia, que era responsável por tudo o que se desmoronava.

– Penso em outra pessoa, Mateo.

Esta vez seu silêncio alcançou uma amplitude agonizante e eu sentia como se ruía a minha imagem, o que me aliviou um pouco, pois me permitiria assumir o papel de mártir que no fundo sabe que merece a sua condenação. Porque em determinado momento, deixamos de ser heróis para ser suicidas, confundimos a coragem com a imprudência, desejosos de que uma bala nos parta, nos purifique, que uma dor nos encontre para aplacar a que causamos

– Então nos separamos – disse com olhos ressecados, voz metálica e gestos definitivamente ausentes.

Mateo

I

O cenário não diferia ao de encontros anteriores: as brasas perdiam seu ardor na churrasqueira, eu jogava as garrafas de vinho no lixo, os guardanapos, as embalagens espalhadas, tratava de devolver ao ambiente um mínimo de ordem e de limpeza. Franco, por sua vez, não sabia o que fazer com a toalha de mesa de algodão cru com bordados típicos, feitas à mão em Fortaleza, Brasil. Recordação de minha lua de mel que parecia condenada perpetuamente depois das manchas do *chimichurri*¹¹, dos buracos das imprevisíveis brasas dos cigarros e do vinho derrubado por Sérgio, que representava o sangue de meu coração desprezado.

¹¹ Molho para carnes à base de ervas

– Está asquerosa, sinto muito, meu irmão. A duas quadras daqui, na loja do *turco* Chalita você encontrará umas bem parecidas – assegurava, sem saber que gravidade pôr em sua voz e em seus gestos diante de meu olhar indecifrável.

– Para encontrar uma igualzinha, você terá que viajar para longe e para o passado – respondi um pouco surpreso com minha própria irritação.

– Talvez deem um jeito na lavanderia – propôs Sérgio com esperança em seu semblante, diante da inesperada saia justa, tratando-se de três autênticos machos que comiam a carne com as mãos e se limpavam os lambidos dedos nas barras das calças.

– *Che*, não existem casualidades – interveio Franco, que podia ser bastante cru com a verdade. – Para ser sincero, Mateo, você tem que se libertar de tudo que te possa lembrar, remeter ou te faça pensar em Norma. Há quase meio ano que você está divorciado. A verdade é que, ao arruinar a toalha de mesa, te estamos presenteando um futuro sem amarras, sem fantasmas. De nada, meu irmão!

– Preparo um café, *ragazzi*? – Propôs Sérgio, que seguia o fechamento de nosso roteiro original, que tramitava por café, cigarros, conversas existenciais e, de vez em quando, surtos sentimentais.

Na separação de bens fiquei com a cafeteira (em troca do secador de cabelo), na qual costumava preparar o café puro para Norma, com adoçante (cinco gotinhas), na xícara amarela, “*estilo vintage*” como me explicava. A escondi quando veio o pessoal da mudança, inicialmente como uma sutil e sádica forma de vingar-me. Até que nos fizemos amigos em uma solitária tarde de sábado, onde o tempo se estancava, as dúvidas cresciam e o cheiro de café tinha rosto e memória. Sabia que era uma sabotagem, mas tomar um café na xícara *vintage* significava trazer um pouco de algo conhecido, um calor esquecido e proibido, um engano fugaz, mas doce, como um pedacinho de chocolate com o qual nos presentamos depois de uma semana de dieta: ilusões contraditórias.

– No fundo, você tem razão Franco, não sei por que a mantenho viva – confessei pensando nela.

– *Che*, não tenha medo de voltar a começar. Porque parado assim, você acaba flertando com a depressão e logo você pensará que tem mais dúvidas do que certezas. E isso é um erro – incentivava-me Sérgio.

– Te parece? – Perguntei desanimado.

– Claro, tua consciência é a tua certeza. Contudo, agora é a tua vez de reinventar-te. Todos mudamos incessantemente, é um processo natural e você tem que seguir adiante.

– Não sei por que tenho que mudar. Eu era feliz. Fui fiel, tinha vontades e planos. Sentia-me realizado. Creio que talvez me pôs os chifres porque estava incomodada com a minha correção – observei consciente de que me convertia pesado e repetitivo.

Vi que Franco e Sergio intercambiavam miradas, me escutavam tranquilamente enquanto buscavam o cinzeiro, o isqueiro e se colocavam em uma posição cômoda para que todos os meus pensamentos, por mais conhecidos que fossem, pudessem ser analisados novamente. Talvez alguém teria uma ideia ou um ponto de vista capaz de ajudar-me a sair desse túnel no qual me encontrava.

– Não, *flaco*¹². Já não te serve buscar explicações. O importante é que você se portou bem, você não tem culpa que Norma escolheu um mau caminho. Muitas vezes nos enganamos. Veja quantos casais se separaram. O passado não voltará e já te deu as respostas que tinha.

– Sérgio tem razão, você tem que avançar – completou Franco. – Existem algumas coisas que somente entenderemos mais adiante, é necessário que passe o tempo.

– Às vezes me parece que o tempo se detém. Não tenho vontade de sair de noite, tudo me parece tão falso, sem sentido, me sinto deslocado e além do mais já vou entrando na casa dos quarenta.

– Para um pouquinho, *che!* – protestou Franco esmagando a ponta do cigarro no cinzeiro. – Primero, o ataque sentimental por causa da toalha de mesa, depois essa xicrinha amarela, agora você me vem com essa de que está se sentindo velho, você está parecendo um...

– ... autêntico metrossexual emotivo, segundo explica a revista *Marie Claire* que encontrei no banheiro de Mateo... – disparou Sérgio satisfeito pelas evidências que fundamentavam a imprevista gozação.

– Vocês estão de sacanagem! Estou mais desorientado que Adão no dia das mães.

¹² Significa “magro”, mas como gíria se refere a rapaz, homem

– Viva com aquilo que você tem: inteligência, integridade, estilo, bom astral. Dá na mesma se Norma fez o que fez, é problema *dela*, de *sua* consciência. Não pode ser que ela agora esteja de boa com seu novo par e você não siga adiante. Ela não servia para você, o tempo por sorte te mostrou, entenda isso de uma vez por todas!

– Por onde começo? – Perguntei.

– Por qualquer lado, pelo olhar, pela postura ereta, por sair desta casa onde tudo é Norma, por jogar essa maldita xícara amarela no lixo, por um futuro que você poderá desenhar em tua mente. Permanecer aqui é um suplício desnecessário que você se inflige, vá saber por quê?

II

Mais tarde, outra vez sozinho em nossa casa, o impacto motivador de meus amigos desaparecia lentamente. Era algo vicioso cultivado pela certeza de que minha dor chegaria até Norma pelas invisíveis ondas de meus porfiados pensamentos. E quanto mais pesar, inveja e tristeza sentia, mais potência acreditava gerar, essas flechas mentais que buscavam feri-la porque não aceitava que sua alegria estivesse erguida sobre meu ridículo e minha desgraça. Mas as flechas voltavam e me acertavam com o silêncio da madrugada, onde os únicos ruídos eram de mau presságio: uma ave noturna, ratos hiperativos, morcegos livres, escorpiões atentos e meus olhos abertos. Olhos grandes e secos, observando imagens de Norma em outros braços, pensando nas vezes que se haviam rido de mim. Buscava desencontros em minha memória, alguma possível desculpa inventada por ela em uma cama alheia, enquanto eu a esperava em casa. Minha imaginação sortia cenas quiçá inventadas, mas não por isso menos vivas, que me destroçavam como mártir de uma causa já há tempo perdida.

Dessa maneira voltava a cair em melancolia, abria as portas de minha mente por onde transitava livremente, infiltrando-se pelas rachaduras de meus medos mais secretos, para assaltar até minhas últimas convicções. Tardei em notar a armadilha, em entender que a cada tentativa de reagir, a depressão afrouxava suas rédeas sem jamais as soltar, para logo, noite traz noite, lembrança traz lembrança, convencer-me de que em realidade era a minha melhor e mais fiel companheira. Seu feitiço hipnotizava minha razão e me rendia com sua falsa doçura, como uma droga que faz dano a troco de um delírio esgotador.

Tentava fugir de outra noite negra, sentia urgência por mover-me, distrair-me pelas ruas da cidade, fazer que situações externas alimentassem meus sentidos e anestesiassem pensamentos pesados. Gostava de caminhar à toa, deter-me por inércia própria, recorrer ao *Microcentro* de Buenos Aires, prestando atenção em detalhes arquitetônicos, tais como: balaustradas, claraboias e portas. Desculpas para voltar a matar um tempo morto. Tratava-se de um costume que adquiri desde que Norma se foi, experimentar essa falsa liberdade restrita pela simetria das ruas, mover-me sem perder-me entre os projetados quarteirões e ruas retas. Tudo me recordava que era impossível evadir-me por muito tempo: à direita, pela Rua Corrientes, esquerda em Maipú, direita em Sarmiento (onde tudo seria o mesmo), cruzar Esmeralda. Quadrados de geometrias perfeitas, cada lado de uma quadra soma 153 passos, alguns ansiosos, outros esquecidos, todos encaixados em equilíbrios sem saída. Até que, de repente, Diagonal Saenz Peña, uma hipotenusa impensada entre o desenho sempre tão *normal*, rompendo as *normas* onde *normalmente* a esquecia. Nada Ocorria Respeito Minha Angústia, sempre Norma em todos os lugares e a convicção aflita de que isso era insustentável.

Não conseguia esquecer que um dia fui feliz. Não importa que essa felicidade estivesse baseada em mentiras ou ilusões, sabia que a havia sentido e que vivi por ela. Não era uma questão simplesmente de Norma e suas atitudes, o que se havia rompido era algo mais que uma relação. Desmoronou-se uma crença, um ídolo que resultava ser de barro: conclusão sacramental, diante da igreja do Arcanjo São Miguel, incrustada entre as ruas Suipacha e Bartolomé Mitre. “*Sim, aceito*” – dizia Norma detrás do véu que cobria seu rosto em seu vestido branco, transparente disfarce de infâmias que voltavam a se formar em fumarolas de um cigarro grudado em meus lábios secos. Havia conseguido parar de fumar por quase seis anos, mas a desmoralização não me deu a mínima chance de resistir: para cada ansiedade, um cigarro, para cada solidão, um maço, para cada imagem, fumaça para dissipá-la.

Tal como São Miguel, que combateu valioso nos céus, eu todos os dias lutava desesperado contra um apocalipse íntimo. Vivia uma existência que subitamente havia ficado exposta, um banquete para fofoqueiros. E enquanto o Arcanjo derrubava o Dragão, esse diabo sedutor do mundo, e a seus anjos marcados com o selo de caídos na face, eu tinha a impressão de que saía de casa com um cartaz colado em minha testa que dizia “*cornio*”. Não havia um só lugar, seja na quitanda da esquina ou no trabalho, onde não houvesse um sussurro, um olhar jocoso, um suspiro apenado ou um tapinha nos ombros. Absolutamente todos me despertavam ganas de mandá-los ao inferno.

– Até que a morte os separe, São Miguel... – recordei à testemunha de meu casamento, impávido sobre o parapeito de uma noite límpida.

– “*Eu não falhei com você*” – pensei que seria sua única resposta sensata enquanto voltava sobre meus passos, pisando a bituca com a ponta do sapato.

III

Por fim me desfiz de algumas coisas que eram concretos fantasmas: fotos, cama, lençóis, objetos e aromas que eram verdadeiras armadilhas no emaranhado de meus pensamentos adictos. Por outro lado, mudei tudo o que me parecia possível: nova marca de vinho, de perfume, de barbearia, outro bairro, diferentes músicas e filmes. Enforcava hábitos comuns para que também pudessem mudar os pensamentos nos quais Norma não teria espaço. Assim, lentamente, deveria desaparecer sem ser substituída por outra pessoa, outro rosto, por uma vingança ou uma dor: em seu lugar ficaria o esquecimento, o vazio.

– Vou preparar outro *mate*¹³, que este já está lavado – informei a Sergio enquanto observava a sua irmã. – Você não parece muito interessada em nossa conversa, Rosa.

– É que não presto atenção somente ao conteúdo, mas também em outras coisas.

– Por exemplo? – Perguntei enquanto esquentava a água na chaleira.

– Gestos, tons de vozes, olhares, detalhes que me fazem *sentir* algo – afirmava com naturalidade. – Veem antes do pensamento, antes das palavras, são manifestações que nascem sem disfarces.

Era curioso porque eu pensava parecido: minha teoria consistia em que conseguimos descrever um sentimento, esconder, disfarçar ou tentar negá-lo, mas não podemos impedir de que ele nasça e inevitavelmente acabe por se expressar. Posto assim, sempre se manifestará de alguma maneira, talvez oculta, impossível de vigiar e bastaria um poder de observação refinado (especialidade feminina), para fazer a leitura correta, mais além de palavras e gestos.

“*Mateo está perdido*”, estaria então pensando Rosa enquanto selecionava temperos para o molho, sem saber o que fazer com essa inútil revelação pessoal.

¹³ Infusão à base de Erva-mate, típica na Argentina e Uruguai

– Pensarei em algo dentro de duas semanas, na minha primeira consulta com o psicólogo. Não tenho a mínima ideia do que lhe contar – confessei-lhes.

– Por que você não fala de tua fé? – Propôs Rosa no instante que adverti inquieto que seu breve olhar e palavras continham uma pitada de intimidade (tudo menos piedade!). Parecia dizê-lo com aborrecimento e sem acreditar em mim, quase sem querer, entrava por uma porta para surpreender-me como a um menino nu, envergonhado, sem preliminares ou aspiradas ansiedades.

IV

Realmente me incomodou. Porque o afirmava de longe, como se fosse o mais óbvio. Além do mais me pareceu que deduziu algo tão teórico como *“por que você simplesmente não fala de tua fé?”*. Baseada em nenhuma bagagem própria, ou pior ainda, creio que me discutia escondendo mundos em seus olhos. Talvez também me incomodava que não pudesse pensar nada conclusivo dela: ao instante em que me parecia que por detrás de certas frases havia aborrecimento e desinteresse, ao mesmo tempo notava uma proximidade intangível que me acolhia sem julgar. Quis odiá-la e não pude. Quis agradecer-lhe ternamente e também não me animei a isso.

Entretanto, reconheci que, pelo momento que passava, se tratava de uma pergunta precisa, tão essencial para uma vida e para a qual não tinha uma resposta adequada, nem sequer uma dúvida contundente. Mais fácil seria responder o contrário: “Rosa querida: não tenho fé na política, também não na humanidade e, nas mulheres, nem pensar. O país é um fiasco, a honestidade uma piada de mau gosto, o céu é um conto e eu uma utopia incompreendida por mim mesmo. Contudo, acredito em Deus, não me pergunte por quê... Assim que falar de minha fé começa incondicionalmente aí: eu acredito em Deus e ponto. E você, Rosa, também tem uma convicção tão sólida e irrefutável?”.

– Permita-me que o interrompa, mas quem é Rosa? – Perguntou tranquilamente o doutor Friedrich, a quem havia escolhido pelo seu nome, porque alguém disse que somente era possível filosofar em alemão.

– Trata-se da irmã de meu amigo Sérgio. Disse-me que inicialmente lhe comentasse algo sobre minhas crenças, minha fé. Na verdade, teria sido muito mais fácil se eu lhe contasse de minha mãe ou de uma surra que levei de meu pai quando quebrei o vidro da janela da sala com um inesquecível chute de três dedos.

– Como preferir, senhor Díaz. Conte-me sobre o que mais lhe ocupe a mente. É a nossa primeira sessão e logo vamos formando uma ideia – respondia sem mover muitos músculos de sua face e com um olhar paciente.

– Entendi... aqui procuramos analisar contradições, disso que se trata, doutor Friedrich?

– Pois bem, então me fale de suas contradições – sugeria com uma serenidade adquirida com os anos.

– Bom, se sigo minha linha, parece-me que atualmente a contradição mais evidente é que afirmei que creio em um Deus infalível, mas não em sua criação, neste caso, em mim.

– O senhor é muito religioso?

– Não, honestamente, não. E isso é algo que entendi pela primeira vez quando Rosa me veio com isso, de falar de minha fé – comentei ao instante em que a recordava fugazmente.

– O senhor não sente falta de sentir fé? Porque mesmo que o senhor esteja levando na brincadeira, é um tema do qual não se esqueceu desde que a senhora Rosa...

– Senhorita, doutor – corriji sem saber por que, já que não fazia a menor diferença.

– Pois bem, desde que a senhorita Rosa lhe sugeriu o assunto – finalizou o doutor Friedrich.

– Veja que nisso somos distintos. Sou engenheiro, especializado em construir túneis. Minhas crenças são fórmulas, experiências, análises, digamos que tudo ao fim e ao cabo se resume a números que confessam verdades. Por outro lado, o senhor trabalha com psicologia, confia em coisas mais abstratas, está convencido de que por meio de conversas, de analisar meu estado de espírito e a história de minha vida, poderá indicar-me uma rota de saída de meu atolamento emocional. O senhor acredita em palavras, forma perspectivas e convicções e nesse sentido eu o invejo positivamente, doutor.

– Lhe parece que posso ter convicção no efeito das palavras sem ter fé?

Não respondi, porque suspeitava que era uma pergunta retórica.

– Ambos temos a fé ao alcance das mãos ou dos pensamentos – prosseguiu o doutor. – Contudo, mais além de minhas palavras, existe uma conexão com a fé de curar-se, da mesma maneira que existe um vínculo inquebrantável entre a sua pessoa e o Criador, segundo o senhor se referiu ao princípio da sessão – concluiu diante de minha melhor cara de silêncio.

Duzentos e cinquenta *pesos*! Enquanto pagava a secretária do doutor Friedrich e retinha as avaras lágrimas a cada cédula que lhe entregava, meu inconformismo aumentava a passos gigantes. “*Mais resvaladiço que um salmão ensaboadado*”, pensei ao dar-me conta de que esse sujeito sem humor me vinha sempre com novas perguntas e se utilizava estrategicamente da figura de Rosa e de sua esplêndida ideia de falar de fé. Valia-se de minhas próprias palavras e contradições para demonstrar-me que o intangível necessita ser visceral. Lembrei-me de Norma e de algumas de suas sentenças.

IV

Não posso afirmar que todas as conversas, pensamentos, conselhos, situações embaraçosas e as noites em claro me conduziram a uma conclusão final. Talvez aumentaram minha percepção e meu entendimento, ao levantar muitas questões escondidas, temerárias, incompreendidas, soltas por diversos cantos e que rondavam pela minha cabeça, mas já sem me assustarem mais. E isso era um passo importante. Acredito que aprendi um pouco a andar entre meus escombros, a situar-me entre minhas ruínas, sem intimidar-me tanto. Buscava sair dessa forma-pensamento que me consumia e que gerava sempre novas dúvidas.

As primeiras mudanças foram verdadeiramente em minha postura, no meu olhar. Estufava o peito, erguia a cabeça, falava com voz firme, adicionei certa dose de humor e de acidez para construir minha proteção mental.

– Deixa ver, me dá um exemplo – desafiava-me Franco.

– Aperto de mão mais forte, voz um pouco mais grave – respondi preocupado em estabelecer contato visual com o garçom que atendia com grande solicitude a uma mesa com três mulheres. – Estou falando de psicologia, de converter detalhes ocultos em força mental. Há duas semanas estou falando com as pessoas um metro mais próximo, como crescendo frente a eles, olhando fixamente nos olhos, com expressão mais determinada. E, principalmente, aprendi a conduzir melhor os silêncios.

– Sei como são, principalmente os constrangedores. Às vezes nos parecem intermináveis – compartia Franco.

– Exato. Antes, essas situações me consumiam, não suportava o silêncio, tinha que falar qualquer coisa para quebrar o ambiente estranho. Agora já não me mexo mais para desfazer situações incômodas que não produzi. É como dizer basta, você não

imagina como isso me enchia! – comentei quando, por fim, consegui fazer um sinal impaciente ao garçom, que entendeu que era hora de outra *Quilmes*.

– Normalmente rompe o silêncio aquele que se sente culpado – agregava, observando-me.

– Você está ansioso? – Perguntou referindo-se à minha inquietação.

– Creio que sim, é reflexo de tudo. Penso que algo me falta para tranquilizar-me, para me fazer compreender, uma explicação. Evidentemente falo um pouco de Norma, mas é também independente disso, você me entende? – tratei de explicar o que também não compreendia perfeitamente.

Por falta de culpados, o único barulho a quebrar o silêncio foi o da cerveja enchendo os copos, prefácio de outra noite irresoluta.

Ao chegar em casa, decidi tomar o restinho de vinho tinto que tinha na cozinha com um pedaço de pão, que era uma das poucas alternativas que costumam encontrar-se em casa de solteiros. Parti pensando em maneiras ou crenças definitivas para apagar ou mitigar os pensamentos enfermiços que me azotavam. Mastiguei lentamente contemplando a maravilhosa coloração do vinho. A impensada e improvisada eucaristia criava uma suave tensão no ambiente. Parecia que tudo se detinha, “*tome, coma, esse é meu corpo*”, pensei surpreendido por uma emoção que desconhecia, com gosto de alívio.

Norma

Diante de tantas incertezas e dúvidas que mantive ao longo dos últimos meses, acreditava que, a partir do instante em que um caminho estivesse traçado, sem volta atrás, me fortaleceria. Mas deparei-me com a solidão, com um esboço de vida e tremendamente desiludida comigo mesma, parecia uma estrangeira no mundo de meus espelhos. Estava tão longe de tudo.

Curiosamente, o único caminho que fazia com frequência aleatória, muito mais movida pela agonia, era até a igreja de São Miguel. Era um mundo quieto, exigia de mim introspecção, me acalmava um pouco pensar como meu “*sim, aceito!*” proferido há alguns anos pudesse seguir atuando.

No silêncio de meu coração, na igreja, a figura do Arcanjo surgia como um alter ego, como minha consciência em forma de personagem imaculado. Como se em mim existisse uma versão pura, sagrada, virgem, que me levasse de volta àquilo que um dia

foi a base de minha criação. E os olhos imóveis de São Miguel, tão seguro de sua verdade, indicavam sempre os caminhos que sentia serem corretos, apesar da dificuldade que representavam.

– É possível afirmar que nós temos uma consciência incorruptível daquilo que é certo ou não? – Perguntei à Dra. Marta, que casualmente usava uma blusa étnica parecida com a minha, uma coincidência que me alegrou.

– De certa forma, a figura de São Miguel desloca teu ponto de vista até um mirante de moral elevada. Isso te permite mudar de perspectivas, aumenta a tua capacidade de análise, é um vínculo com a tua ambição moral. De longe, pode-se ver melhor – escutei com atenção, deitada sobre o divã, de olhos bem fechados.

Creio que a principal razão de minha depressão era ter machucado o Mateo. Tinha a impressão de que sua dor me consumia. Era triste sentir-se responsável por uma dor alheia, notar que não estava à altura de minhas palavras.

Havia alugado um apartamento, não era amplo, mas tinha uma janela grande da qual podia se ver pedaços do céu que, com o piso de madeira, transmitia uma sensação de calor. Pintei meu lar em um sábado, de branco, preenchendo seus silêncios com o rádio, a mesma que minha mãe costumava sintonizar, era uma lembrança que me confortava. Os movimentos repetitivos me deixavam mentalmente ausente, desconectada, vivia somente o presente. De parede a parede, tirava os pregos enferrujados, tapava os buracos e tirava as teias de aranha que se fartavam de minhas presas que pairavam no ar: fingimentos, simulacros, mentiras e promessas vãs. Apesar das paredes serem igualmente brancas, a nova demão de pintura contrastava com a anterior e tragava as cinzas, cansaços e manchas para formar faixas imaculadas que escondiam o anterior. Dediquei muita atenção aos detalhes: cobri todos os cantos, as fendas a no fim da tarde, de joelhos, esfreguei o piso com água para tirar as manchas brancas que estavam prestes a aderirem à madeira.

Notei que no rádio tocava a ave-maria e a voz da cantora parecia um chamado, como uma mesquita ao pôr do sol. Ajoelhada e emocionada devido à celeste voz, clamava mentalmente por perdão. Assegurava que não sabia de muito antes de dizer “*sim, aceito*”. Escutei até o fim, derrubada e extenuada, pregada sobre a madeira entre paredes brancas e uma janela aberta.

Hermes

Minhas suspeitas se haviam confirmado e isso foi tudo o que acertei. Com a separação, o comportamento de Norma mudou paulatinamente. Pensei que, uma vez libertada das amarras do casamento, viria como um furacão enjaulado me procurar, saciar sua sede de mulher podada e dar rédeas a suas fantasias atadas. Mas não. Norma me ligava, às vezes tomávamos um café em um local neutro. Seguia distanciada, dizia que ainda não estava preparada, que precisava de tempo para encontrar-se, que seus pensamentos não se haviam assentado.

– Sinto que tenho que fazer as coisas de uma maneira diferente, você me entende? – tratava de explicar apesar de ter a impressão de que ela falava para si mesma.
– A separação foi um divisor de águas em minha vida, doloroso e também constrangedor...

Não gostava quando falava dessa maneira, confiar-me esses pensamentos me fazia sentir responsável e, também, mais amigo.

– Às vezes, é necessário tomar decisões, mas como é possível condenar boas intenções? – Perguntei com voz complacente.

Minhas respostas eram sempre poeticamente possíveis e filosoficamente inegáveis: o que é o tempo, Marino? Como condenar uma boa intenção, Norma? Minhas conclusões eram puras reticências.

Normalmente minhas novas relações costumavam engatar rapidamente nessa corrente física repleta de sensações prazerosas, corpos por descobrir, necessidades carnis comprazidas, esses paliativos emocionais que fazem esquecer. Mas Norma se movia lentamente, sem pressa e esse inesperado tempo adicional, antes de nosso primeiro encontro íntimo, me inquietava.

– Novos caminhos significam novas experiências, em tudo há sempre um risco. A verdade, Norma, é que não deveríamos negar nossos impulsos, é a voz de nossas urgências – respondia com certas ambiguidades e um breve silêncio clássico. – Hoje tenho a tarde livre e estarei no café de *La Recoleta*¹⁴, esperando por você para irmos para a minha casa. Tenho que desligar porque vou para uma cirurgia importante.

Sabia que Norma agora estava cercada. Meu celular permaneceria desconectado para não lhe dar opção de talvez, seria sim ou não. Vir para cima de mim, macaco velho, com bananas verdes, não senhorita, definitivamente não.

¹⁴ Bairro de Buenos Aires, dotado de bares e um cemitério

Mateo

Falar de fé me desnudava. O homem pré-histórico adorava com parcos conhecimentos a Deus, a manifestações da natureza em genuínas expressões de fé e eu não sabia nem como explicá-la ou dar-lhe um sentido. Mas descobri que com ela não se negocia porque está irmanada com a verdade, porque parte do absoluto que, como já lhe havia comentado ao doutor Friedrich, é Deus. No auge de minha desilusão com Norma, jamais torpedeei os céus com cobranças ou desesperações que clamassem por justiça. Os questionamentos começaram aquela vez diante do parapeito de São Miguel e, desde então, todas as vezes em que quase protestava por reparação, por conseqüências na vida de Norma (e *não* a sua felicidade), quando já por pouco estava exigindo algum fato, algo em meu interior me dizia de maneira crua e direta que eu *merecia* passar por tudo isso, Deus jamais seria injusto.

– Seria uma loucura afirmar que eu precisava de sua traição para me libertar?

– Mas onde o senhor estava encarcerado? – perguntou o licenciado Friedrich sobre minha ainda frágil estrutura de pensamentos.

Cárceres, tive muitos, quase todos mentais. E em alguns ainda seguia vivendo. Abria-os para libertar-me a mim e a Norma, pensava que já não me faria dano, mas na verdade andava à beira do abismo. Manifestava-se veladamente, inicialmente de maneira inconsciente, mas de repente voltava a almoçar perto de seu local de trabalho, às sextas-feiras estacionava meu carro perto de seu cabeleireiro. Jogava com a sorte, sem saber por quê. Minha versão mais valente me dizia que necessitava vê-la, mesmo que fosse de longe, para confirmar que já fazia parte do passado, enquanto meu lado covarde ansiava por um encontro no qual talvez um gesto, um cheiro ou uma atração esquecida a pudessem afetar, jogar com seus remorsos, com minhas disfarçadas esperanças.

Mas as coisas nem sempre saem como planejadas. Já haviam passado três semanas sem que se houvesse produzido um encontro. Até que a vi em uma tarde ensolarada perto de *La Recoleta*. Recém-saído de uma reunião de trabalho e enquanto acendia um cigarro e expulsava as primeiras fumaças, a vi a uns trinta metros, quase dobrando a esquina. Discretamente a segui.

Difícil explicar o que senti. Os primeiros dois quarteirões foram de pura emoção, o coração disparado, a boca ressecada. O ritmo de nossos passos era idêntico, paralelos à distância. Estava linda, magra, com o cabelo brilhoso e caminhava com certa

sensualidade velada. Apesar de estar de costas para mim, sentia que estava feliz, notava pelo sorriso das pessoas com que cruzava pela calçada. Foi exatamente assim que me havia apaixonado por dela.

Pouco a pouco a razão me despertava. Sabia que me autossabotava, que não havia maneira de juntar os cacos de nossos sentimentos partidos, que ela me havia abandonado, que não me queria mais. Mas o lado irracional e a paixão insensata moviam meus passos, os aceleravam quando ela parava e erguia a vista. *“Aqui estou”*, pensava enquanto ela subia a rua do cemitério olhando o seu relógio com crescente ansiedade. Eu lhe seguia os passos aspirando por um encontro, a intimidade de um café, a suavidade e a saudade de nossas vozes e nossos costumes, a trégua e o alívio, *“aqui estou, sei que você me sente, é a força do pensamento”*. Quase lhe gritei, quando parou e seu rosto se iluminou. Olhou em minha direção antes de atravessar a rua, o suficiente para que eu levantasse os braços em trejeitos torpes, combatendo sua indiferença.

Não me notou. Enquanto chegava ao outro lado da rua, vi como sorria, senti o seu coração a galope, o frio em seu estômago, vi como ligeiramente umedecia seus lábios, como sua respiração ficava entrecortada. Eu estava quase em êxtase, já estava disposto a entregar-lhe novamente minha alma diante de tanto frescor, *“eu te perdoo, minha linda, sem rancores”*. A perdi de vista por um par de ônibus que se interpunham entre nós, até que por detrás da negra nuvem de diesel a voltei a ver, abraçada a outro homem. Não se tratava de um abraço qualquer, porque sua duração era mais larga que a habitual entre simples conhecidos, transcendia aqueles três segundos que significavam *“que prazer em te ver”*, para entrar na zona inconsciente do *“que alívio em te ver, saudades de teu calor”*. A cena me fez retroceder até apoiar minhas costas no muro do cemitério, quase unido a outros mortos, onde teria que sepultar novamente os sentimentos que torpe e estupidamente havia tentado ressuscitar. Logo, ele a beijou perto do pescoço e ela ficou toda arrepiada. *“Para, como você é mau, meu amor. Aqui não podemos...”* disse ao seu amante.

– Mas o senhor o pôde escutar do outro lado da calçada? – Perguntou o doutor Friedrich que realmente escutava com atenção.

– Não, mas é o que ela costumava dizer. Em seguida lhe daria um tapinha nos ombros, assim como fazia comigo. Ou seja, nem sequer mudou os seus hábitos, pensava que eram para mim, dedicados, exclusivos. Segue sendo a minha Norma, mas totalmente entregue a outro, profana-se como se eu não existisse – finalizava meu relato.

– O senhor já pensou que talvez Norma estivesse verdadeiramente apaixonada? Talvez por isso o senhor já não existe mais em seu presente. Seria isso um desastre para o senhor, ou simplesmente um detalhe?

– Um detalhe, nada mais que um detalhe – defendi por inércia ou preguiça, porque ver Norma abraçada a outro me dilacerou o coração, mas não voltou a me matar, apenas respondeu por intermédio de imagens minhas, pequenas mentiras e esperanças.

Aquele tonto Mateo que a seguia na *La Recoleta* ficou para ser enterrado pelos demais mortos. Por algum lugar o deixei, já o devorarão os abutres imaginários que planavam sobre a minha cabeça em constantes ameaças emocionais. Eu sou a minha ressurreição, morri, mas sigo vivo.

Norma

Decidi aceitar seu convite, dizia que na sua casa estaríamos mais à vontade. Na verdade, as palavras pouco importavam, sabia que não seria um encontro sem consequências. O táxi não demorou um quarto de hora, marcadas pelas batidas de meu coração, dores de cabeça e muitos pensamentos que se expressavam em poucas palavras e sorrisos nervosos. Apesar de não me lembrar sobre o que falamos no trajeto até seu apartamento, sei que Hermes me tratava bem, que iniciou alguma conversa que buscava fazer com que eu me sentisse à vontade.

Hermes

Não estava à vontade, se notava porque parecia um pouco travada, assim que era preciso aproximar-se com calma. A convidei de maneira muito natural, com olhos de bom moço, era uma questão de confiança. Lhe mostraria meu apartamento, minhas intimidades com uma xícara de café, fotos de meus pais, livros de receitas, alguma isca sentimental que finalmente resultou serem as xícaras dos anos cinquenta que minha tia Carmelita me havia presenteado.

– Adoro xícaras antigas, são lindas – comentou desarmando-se pouco a pouco.

– Te dou uma de presente, com certeza, você irá precisar em tua nova casa – incentivei.

Não reagiu, parecia tímida e não se atrevia a decidir por uma. Escolhi a primeira, uma amarela que nunca usava e lhe dei de presente. Comoveu-se e pensava que isso era um bom sinal.

Norma

Estava aí, diante de mim, como em alguns dos romances que devorava escondida durante minha juventude. Era o protótipo perfeito, suas palavras e sua maneira de ser, tratavam de me envolver e não seria absurdo ceder. Preparava o café assoviando uma melodia alegre, decidi presentear-me com uma xícara e escolheu uma amarela, estilo *vintage*, como costumava explicar a Mateo. Não podia acreditar. Terminei fazendo todo o contrário daquilo que Hermes desejava: comecei a chorar.

Hermes

Maldita sorte, era incrível! Como podia imaginar que justamente essa miserável xícara de tia Carmelita, que jamais utilizei para coisa alguma, fosse o gatilho dessa torrente de lamentos, de culpas do passado, desse anticlímax total? Se tivesse escolhido a verde, ou a azul, nada disso teria acontecido.

Não me restava outra coisa que abraçá-la, tentar acalmá-la e escutá-la em seu labirinto de palavras e anjos, de dúvidas, do passado, de um tal de São Miguel e como não nos devemos enganar mais. Terminou dormida em meu colo devido ao cafuné que fazia em seu cabelo. Absorvia a minha calma, minha paciência e incrivelmente notava como mudava suas feições, como se relaxava e quase sorria, como se acomodava no sofá para entregar-se melhor ao seu mundo de sonhos, confiada à minha proteção.

Não me lembrava de outras situações nas quais minhas carícias tenham servido como um bálsamo para alguém e não sei muito bem por que, mas me senti feliz, útil enquanto a velava. Eram sinais, de outra maneira não podia explicar essas situações. Em seguida me lembrei do impulso primário que me aproximou de Norma, o maldito *Nati e eu* que era a raiz de nossos desencontros.

No celular, Érica insistia inutilmente. Não me entenderia, com razão.

Rosa

Quando meu irmão Sérgio me contou sobre a iminente separação de Mateo e Norma, respondi com um seco “*isso já estava cantado*”. Porque assim o era. De fora se via claramente, que nos gestos de Norma não havia nada de especial, também não nos olhares para seu marido, nem em sua maneira de falar ou em seus sorrisos ausentes.

Quando Mateo apareceu naquela tarde depois de visitar um cliente em *La Recoleta*, em nenhum momento fez referência direta sobre algo que lhe tenha acontecido. Eu percebia que lutava interiormente para frear impulsos, controlar sentimentos e impor-se. Falávamos de Sérgio, de receitas e de música, mas suas palavras e gestos não eram fluídos, como se a cada dois minutos um sentimento ou um pensamento se infiltrasse e ele buscasse rebelar-se. Tenho essa característica de decifrar as pessoas baseando-me em atitudes banais, é um impulso que não controlo, fronteiro à fantasia, se não fosse por sua veracidade.

Tinha a sensação de que se ausentava de algo. Como se recentemente se desprendesse de uma curva de rio para seguir pela despedida. Parava diante do equipamento de som para escolher uma nova canção: passava a mão pelo cabelo, suspirava fundo, tomava outro gole e eu notava, entre uma frase e outra, o desenvolvimento de sua batalha. Sua mente brigava entre sentimentos por Norma, condutas, crenças que já não desembocariam em silêncios resignados por ruas vazias (sempre tive a sensação de que Mateo é uma dessas pessoas que caminha para poder libertar-se de pensamentos agoniantes). Mas já não havia lamentos pronunciados, seus soldados à frente da batalha se haviam decidido a matar ou morrer pela glória.

Não importava sobre o que falávamos, eu o lia, era inevitável, evidenciava seus sentimentos em palavras comuns, inadvertidamente expunha sua intimidade pela qual jamais clamei. Conhecia-o nesse preciso instante. Entrava em suas vulneráveis fortalezas, advertia seus medos pelos corredores, suas esperançosas janelas, seus porões do passado, seus calabouços solitários, seu jardim de inverno onde sentia que ninguém havia pisado. Um mundo por descobrir que Norma jamais havia tocado.

Tentava desvincular-me de minhas observações, me sentia espiando através de uma porta encostada que deveria estar trancada se não fosse seu descuido, mas essa metafórica violação me atava, me levava da ternura até o proibido, da vontade de sair de seu castelo até o coração arcano que receia em ser descoberto, esse temor natural que nos desperta o sagrado, a alma de uma pessoa que acredita que ninguém a observa.

Já não sabia onde estava, quando voltamos a nos olhar, quando, já vestido, me perguntava se o amor merece os seus riscos.

Mateo

Passado um par de semanas, as palavras do sábio Friedrich me abriam as avenidas, dando rédeas aos pensamentos em meio a um dinâmico trajeto entre os pedestres, que pouco a pouco drenavam a minha ansiedade e minha incompreensão. A possibilidade de que Norma tenha tomado a decisão correta (independentemente dos meios), ao separar-se de mim para viver seu momento e encontrar-se com sua felicidade, não me deixava muitas alternativas.

Rememorava a cena daquela tarde na *La Recoleta*, principalmente as atitudes e os detalhes de Norma. Estávamos em primavera, a temperatura era agradável, havia uma suave brisa que lhe dava movimento ao seu cabelo comprido e iluminado, se vestia com roupas claras, de estampas floridas e sua maneira de caminhar refletia alegria e essa tensão que costumam provocar as borboletas na barriga. Tudo parecia idílico, como em uma propaganda de perfumes ou de absorventes, essas que dão à mulher ares de confiança, graça e naturalidade. Impossível adicionar a tudo isso um sentimento de culpa, sendo tamanha a espontaneidade.

“Norma não sente culpa alguma” pensava.

“Mateo está pensativo”, lia Rosa ao me abrir a porta.

– Que bom, você chegou mais cedo, assim você pode me dar uma mão na cozinha – convidava-me com sinceridade. – Sérgio está lá em cima, no escritório, falando com uns fornecedores chineses – concluiu mostrando-me a banqueta e a tábua para picar os ingredientes.

– Antes, ponha música, Mateo – pediu.

E assim, embalados por música suave, falávamos, trabalhávamos, experimentávamos. Conversávamos e eu me sentia bem, compreendido, Rosa me tirava dos lugares desconformes, gostava como respeitava minhas vulnerabilidades. Observava suas mãos ao experimentar o molho, suas comissuras, a luminosidade da cozinha, os aromas que se soltavam da panela, algo generoso.

– O amor merece seus riscos, você não acha? – Comentei.

– E os seus equívocos também. Uma vez saí com alguém que devorava com o olhar todas as mulheres com que cruzava. Falava sobre quantos abdominais fazia e me perguntou se queria tocar o seu abdômen, como se isso fosse o prêmio máximo do país: coisas que acontecem.

– Que amor! Um homem deveria se preparar muito bem antes de falar contigo.

– Não me diga.

– Deveria tentar ir por temas mais sensíveis, Buda ou a lenda do unicórnio azul, algo que a princípio te despertasse ternura – falei ao azar.

– Quem sabe, Mateo... Suponho que depois dos contos orientais você passaria a um convite para jantar, o típico – deduziu ao entrar em uma zona já sem donos.

– Claro, a noite sempre colabora com os românticos. Em um lugar próximo da água, que é outra característica que, não me pergunte o porquê, penso que favorece o entendimento e atrai bons fluidos. Levaria você a um restaurante pouco conhecido e simples para que você saiba que não sou um cara afetado. E tudo, menos carne, não me parece agradável buscar tocar o teu coração enquanto o sangue de um morto escorre pelo meu prato – respondi sem saber quais momentos misturava, nem porque de repente sorriamos.

– E vinho, claro – agreguei a modo de explicação, – porque em último caso suplicaria a Baco para que me desse uma mãozinha – arremeti ao mesmo tempo em que lhe servia um pouco mais de vinho tinto, em um sincronismo indeliberado que detinha o tempo e o nosso assombro.

Escutávamos Sérgio que ficava louco ao telefone tentando pela enésima vez explicar ao chinês em perfeito inglês *gauchesco* o formato das tomadas de nosso país e que em alguns segundos ingressaria na cozinha. Vi como ela se endireitava sobre a baqueta. Como se tratasse de disfarçar algo que já se encontrava em outras partes, em sua atitude, em seus cabelos brilhosos, em seu hálito secreto e que lentamente aparecia em seus olhos de caleidoscópio. Detalhes que, ambos, desde então, sabíamos que existiam verdadeiramente.

Hermes

– Não te faças de tonto, Hermes. Você sabe muito bem – explicou-me uma semana depois no café onde nos encontrávamos. Os papéis definitivamente se inverteram porque eu escutava seus conselhos.

– Melhor que você o diga bem devagar e claro – respondi com segurança apesar de que possivelmente estivesse fingindo.

– Meu querido dentista, para que o entendas bem, não existe a menor possibilidade de êxito sentimental em tua vida se você cuidar de muitas bocas ao mesmo tempo, fui suficientemente clara?

Norma tinha razão, não cabiam argumentos. Um par de dias depois, Érica se foi tristemente e me deixou com um gosto amargo na boca. Apesar de ter certeza de que ao longo de algumas semanas ela e sua juventude já o teriam superado, o que realmente me atormentava era como me havia equivocado, como fui capaz de dar corda à Érica sem perspectivas concretas.

– Você foi infiel? – Perguntou Norma que me escutava com atenção.

– Algumas vezes.

Escutar-me era patético. No caso de Érica, e em outras anteriores também, o que realmente me incomodava era que as decisões de terminar não eram baseadas em iluminações interiores, em compreensões íntimas, em lições que faziam de mim uma pessoa mais esclarecida, madura e consciente. As situações se sucediam e pouco em mim mudou verdadeiramente.

Eu traía minhas namoradas e essa era minha verdade. O resto era egoísmo, vaidade e tantas outras coisas das quais buscava escapar mergulhando na seguinte ilusão, na seguinte pessoa. Estava longe do amor.

– Você teve coragem – disse a Norma pensando em suas decisões.

– Era a responsável. Sei que seria julgada, que não faltariam pedras. Por um lado, sigo esperando a condenação, a vingança do destino, mas, até agora, tudo o que me sobraram foram horas solitárias.

– Você se sente sozinha? – Perguntei acomodando-me na poltrona.

– Sinto que é necessário. Além do mais, tenho a você, meu querido amigo – disse com tamanha naturalidade e com expressão de pesado alívio, que apenas a boa consciência pode outorgar.

Norma foi embora antes do anoitecer e como costumava acontecer em nossos últimos encontros, sua presença e suas ideias permaneciam presentes, como efeitos do sopro de uma mãe que permanece milagrosamente sobre a ferida até que nos esqueçamos da ardência. Sua proximidade agregava o inesperado. Norma se movia através de pensamentos que me serviam, que me mostravam certas verdades sem o peso de um julgamento.

Ela me mostrava a possibilidade de ser diferente, que o bom caminho com o passar do tempo trazia paz. Que a fidelidade era mais que um desejo, era uma

necessidade. “*Primeiramente consigo mesmo*”, responderia Norma em uma de suas frases emprestadas de seu mundo imperfeito. Ela me inquietava, ainda me lembrava de suas palavras sobre a possibilidade de começar a mudar a cada novo segundo, novas páginas de vida.

Naquela noite apaguei todos os contatos femininos de meu celular, *3421-4121*, em um impulso cego, queimei cartas e fotos sem mirar, sem dar chance à inoportuna nostalgia e com o pensamento eufórico em minhas possibilidades, *3421-4121*, joguei no lixo roupa, presentes e lembrancinhas com o pensamento fixo em mudar. Ansiava chegar a um novo lugar que pensava ser libertador. Lutava para que essa limpeza se sobrepusesse ao primeiro pensamento que me atacaria na sobriedade.

Talvez fosse inútil, era inocente. Desde o começo, sabia, no terreno pagão de minha existência, o diabo habitava a minha memória, *3421-4121*, nesses números decorados do telefone de Isabel que lhe davam vida. Que me mostravam a tirania de meus deuses que apreendiam minha verdadeira liberdade. Tentava dar os primeiros passos. As vitórias e as derrotas seriam todas morais, sem testemunhas.

Norma

Não sei que opinar a respeito dos casamentos, mas também não me importa muito neste momento. Quero voltar a me sentir bem e para que seja dessa maneira, é importante estar atenta aos caminhos, às verdades das quais agora sou dona. Creio que a Dra. Marta (digo doutora, porque ela me parece tão elegante) está orgulhosa de mim, em alguns momentos, penso que somos cada vez mais parecidas, algumas decisões eu sei que ela tomaria igual, mesmo que nunca o confessasse.

Dizer que o encontro foi casual é uma meia verdade. Algo fazia com que eu almoçasse próximo de seu consultório, estacionava o carro todas as sextas-feiras perto de seu cabeleireiro, tal como Ellen o fazia naquelas épocas, quando realmente me descobria...

Marta

Não a via há uns três meses, desde que dei a alta. Foi por casualidade, almoçava perto de meu trabalho e a encontrei, parecia que já me havia visto porque me sorriu e

imediatamente me convidou à sua mesa. Estava linda, parecia feliz. Norma depois me contou que naquele momento teve a certeza, que me olhava e não conseguia parar de sorrir.

Norma e eu nos entendemos muito bem desde o começo de nossa relação. Compartilhamos tudo o que a vida nos oferece: pensamentos, sabores, alegrias, preconceitos, cores, momentos, fé e principalmente amor. É um amor pleno e calmo, gostamos de viver juntas as nossas rotinas. Outro dia me falou mais seriamente a respeito de ter filhos e decidimos que realmente era a hora. Quando chegou a confirmação, a Hermes não apenas lhe demos a boa notícia, mas também o convidamos para ser padrinho.

– Claro que aceito – respondia disfarçando olhos emocionados. – Bem-vindo, seja outro torcedor do *Ciclón!*.

Alba

*“O futuro tortura-nos e o passado encandeia-nos.
É por aí que se nos escapa o presente.”
(Gustave Flaubert)*

Tudo ia relativamente bem, até voltar a ganhar as ruas desertas. O frio era outro indício de que a noite seria imensa, mais escura como costuma ser no inverno, clandestina como sempre. O que sucedia era uma série de decisões menores, às quais realmente lhes restava importância, porque o único objetivo era mover-me, fazer algo enquanto meus pensamentos seguiam do lado interior do edifício que ficava às minhas costas, soberano e pesado como a história.

A primeira medida, depois de acender um cigarro, que já era um automatismo e uma necessidade, foi ir até a zona dos bares que não dormem jamais, ali na baixada do rio, onde ninguém se importa com nada. Ia dirigindo devagar sobre a minha moto por diferentes razões que, juntas, formavam um vazio. Porque ao longo dos últimos meses resultavam ser o único roteiro possível para que talvez, mais tarde, juntando o porão e o prostíbulo e os tragos e a escuridão de minha mente, por fim, me brindassem algo impossível: uma noite de sono da qual preferia despertar-me sem recordações.

Sabia que não era tristeza e que tentar uma análise mais além do óbvio poderia ser um convite à loucura, algo que evitava, apesar dos fatos. A zona portuária também significava o limite do país, o final da Argentina, sete passos mais e água, o fim de tudo. Talvez era justamente por isso que vinha para cá, entre caminhos do porão e da cama, porque aqui existia a alternativa do final, que bastava cruzar, que o dinheiro alcançaria para alguns meses, que sabia como fazê-lo. Poderia começar tudo do zero, não importava a direita ou a esquerda, sistemas e mentiras, porfiadas justificações do impossível. Estava envolvido naquilo que não existia, mas que era tão tangível como a loira de batom carmim, corpete ajustado e carnes abundantes, que me sorria na entrada.

– Muito cansado, bombom? – perguntava com voz rouca. – Que tal um destilado para ir relaxando? Te vejo um pouco tenso – propunha a Marilyn Monroe suburbana.

E pensei que não tinha alternativa. Que o uísque envelhecido e falso era um passaporte mais para entrar nessa zona irreal. A que logo se acoplará uma morena, ou talvez Marilyn. Com sorte, Sophia Loren, igualmente irreais, mas suficientemente verdadeiras para as seguintes horas. Para diluir os fatos perto do rio, do final do território onde terminava o sólido e começava o marejo de meus olhos de hipócritas lágrimas rasas.

Acontece que o prostíbulo era a contradição mesma: minha verdade e o único caminho possível, a dor que alivia, o narcótico que fazia esquecer e que causava dano enquanto os olhos se fechavam e o corpo afundava na cama da penumbra. Onde afinal tudo se invertia e eu repousava minha cabeça vazia sobre seios fartos, como nas noites difíceis, nas quais mamãe me fazia cafuné, quando não me imaginava nos quartos escuros do porão.

Ingressei no exército por insistência de mamãe, que me criou sozinha e em algum momento pensou que a carreira militar me daria estabilidade. Para ela “*a estabilidade*” era um sonho jamais vivido desde que leu uma carta de meu pai, em mau castelhano, dizendo que regressava a sua pátria ou a outro leito desvergonhado em um navio que se perdia no horizonte. Mamãe me contou que permaneceu na margem até que não restasse mais do que um longínquo pontinho cinza, que se confundia na linha do céu com o do rio rumo ao mar e com uma lágrima que não permitiu que caísse, pela vida que surgia em seu ventre. Aprendeu que os sonhos se esfumam em uma manhã qualquer. Olhando para sua época e as poucas opções, pensou que ganharíamos o respeito na carreira militar, salvando-nos assim dos olhares hipócritas e despeitados dos vizinhos que nos tratavam como puta e bastardo. Havia as cantadas pesadas e as risadas dos garotos do bairro. Ao final de cada dia, cada um com suas marcas: seu cheiro a perfume barato e outro rasgo em minhas calças.

– Como ocorreu isso? – Incepava-me enquanto costurava os remendos. – Você andou brigando de novo?

– Foi no futebol do recreio, sinto muito mamãe – respondia disfarçando minha dor nas costelas, onde me haviam batido os rapazes da quinta série.

Apesar de que não gostasse, eu a esperava até que voltasse a casa de madrugada, eu insistia por notar seu cansaço. Preparava-lhe leite quente, que ela tomava ao sair do banho, onde se esfregava violentamente com uma esponja amarela, que disfarçava seu pranto entre tanta água que a limpava e que se perdia pelo ralo, para ter como destino o conhecido rio salgado. E deitávamos em nossa cama, que era a única que havia naquela quitinete. Ambos permanecíamos em silêncio. Meus ouvidos repousando sobre seu coração de leite que era todo o meu alimento em um mundo que parecia não me querer.

Ao final, a ideia de seguir pelo caminho militar foi uma promessa que lhe fiz olhando em seus corajosos olhos amarelados, frutos da hepatite que um cliente lhe presenteou em uma noite em que não pôde se defender. Creio que entre náuseas,

fraqueza e perda de apetite, ela quis ignorar os sintomas e o possível diagnóstico e havia decidido deixar-se levar pela morte que muitas vezes lhe parecia uma alternativa melhor do que a realidade. Enquanto optava por deixar-se levar até a tumba, investiu toda sua energia em planejar meu futuro: em orientar-me para que não cometa delitos, para distanciar-me das confusões com os demais rapazes do bairro e da polícia. Que controlasse certos impulsos agressivos para colher no futuro os frutos de minha paciência e dedicação.

– Não te metas nunca com a polícia, meu anjo. De outra maneira jamais poderás ingressar no Colégio Militar – me advertia, sem recriminações.

Recordava esses costumes, sentado na barra do bar, enquanto esperava que Sophia Loren terminasse de atender seu cliente no quarto quatorze (meu número de sorte, no limite do azar). As gozações dos meninos eram constantes. Um dia, os rapazes comandados por um tal de Russo, criticavam a outro menino de seu bando por referir-se ao professor de matemática como “*um verdadeiro filho da puta*”.

– Essa designação é exclusiva de Héctor, o único, verdadeiro e legítimo filho de uma quenga – caçoava o Russo, poucos segundos antes de que meus pés lhe quebrassem os dentes caninos em ataque de fúria, que me surpreendeu até a mim. Cheguei em casa muito feliz, em uma mão a carta do diretor do colégio para mamãe e na outra um dente do Russo, um souvenir que representava nossa honra lavada. Entretanto, mamãe ficou muito nervosa, dizia que o diretor queria expulsar-me do colégio e que a citava para o dia seguinte em seu despacho. Entramos juntos e ao escutar o diretor, soubemos que minha expulsão era praticamente um fato consumado.

– Queria falar um instante em particular com o senhor Diretor – disse mamãe fazendo-me um sinal com seu olhar para que eu saísse da sala.

Passados vinte minutos, saiu do escritório do diretor com o cabelo um pouco desarrumado, o batom borrado, uma bala de menta na boca e com meu lugar no colégio garantido. Por pura ironia, minha briga com o Russo, pela honra de minha mãe, teve como consequência sujá-la para assegurar uma esperança de futuro em minha vida.

Passei minha adolescência tratando de controlar os impulsos, de aguentar calado as humilhações dos demais. Tudo para evitar a tristeza de mamãe, cujo corpo languidescia até que, em uma noite de *sudestada*¹⁵, me disse suas últimas frases, que

¹⁵ Fenômeno climático de ventos fortes e alagamentos na região do rio da Prata

incluíam os lugares secretos de suas economias, os papéis da pensão de órfãos e sua emotiva despedida:

– Sinto muitíssimo, meu anjo. Sei que você merecia uma mãe melhor, mas fiz tudo por você, acredite.

E, de repente, seus olhos se fecharam e meu coração parou, frio, indiferente diante da dor, da falta de sentido em uma vida que somente se mostrava em sua cara mais degradante e cruel. Apesar de que me houvesse pedido um enterro humilde, não economizei dinheiro para dar-lhe um fim decente e digno, de acordo com minhas sinceras lembranças, seu constante amor que sempre senti em seu olhar, em suas palavras e em sua luta. Nunca lhe censurei a vida que levava, porque temia que meu destino fosse igualmente aziago. Pois muitos passos de minha vida iam ao encontro do fogo eterno sem que houvesse em mim uma força suficientemente grande para afastar-me de minha lenta condenação. Desde pequeno, com o destino de minha mãe selado devido à sua saúde, investi todos os meus esforços em seu único sonho, aceitando todo o restante, economizando forças para o único disparo ao destino.

Não se tratava de um sonho que abarcava família, dinheiro, poder e vingança. Não havia um plano de vida. Também não, um amor platônico. Tudo o que desejava, ao caminhar pela margem do rio, era que um dia o pudesse cruzar, ingressar em seu caudal revolto, limpar-me de tudo, ser revolcado por sua fúria e sua correnteza para ser devolvido a outra margem. Tal como todas as coisas que se jogam no mar e que algum dia ele se ocuparia de devolver. Desejava uma nova vida, uma folha em branco, sem pretensões, nem idealismos.

Assim que vivia minha vida sem tentar nadar contra a corrente. Obedecia às ordens de meus comandantes que elogiavam minha maneira discreta na execução das tarefas. Cada quatro semanas me chamavam para fazer parte das tarefas dos porões, como observador, onde pela primeira vez tomava ciência da máquina trituradora sob o olhar atento dos demais, que analisavam todas as minhas reações. Registrava tudo calado e tratava de não me envolver, nem demonstrar um só sentimento enquanto suava frio. Percebia como os sentimentos explodiam do céu ao inferno. Como um pedido de clemência se chocava com a escondida sede de poder. Como a coragem ajoelhada e soluçante afundava diante da covardia, como diante da humilhação, os demais vomitavam sarcasmos, assumindo papéis tão efêmeros como o governo, até o próximo golpe de estado. Quando tudo será outra vez vingança, ilusão, outra volta na história da humanidade faminta de sangue e desprezo.

– Vai se preparando, Héctor, você tem todas as características para chegar onde estou – incentivava-me o sargento Bravo depois de uma sessão de alicates elétricos, submarinos e porradas diversas.

Informaram-me que, devido às férias do cabo Valdez, prontamente seria a minha vez de segurar o acusado e de ignorar a sua agonia. Escrever parte da história que não existia. Foram horas de meu lado mais escuro, que mais tarde trataria de diluir na fumaça dos cigarros, no uísque falsificado, nas coxas de Sophia Loren que talvez tivesse o seu ventre desocupado para mim, que me faria cafuné na cabeça, olhando silenciosamente para o rio. Compartilharia melancolias confusas e um futuro incerto, cuja base era minha consciência de que tudo ia mal, que poderia ser diferente.

– Apenas penso num novo começo, Sophia – disse em uma noite onde gastei o dinheiro apenas para conversar à margem do rio e não para possuí-la. Desde pequeno anseio por isso, uma salvação chamada esquecimento.

– Eu também sonho com isso e cada dia busco distanciar-me de tudo, de cortar os fios que de alguma maneira me trouxeram até aqui. E assim vivo duas vidas: a puta, trato com frieza, a calo e a deixo boiar em um mar de letargia pelas horas que estou atado à cama, trato de não alimentar com nada, nem sequer com pena ou com raiva. Tenho que deixá-la indiferente para a apunhalar de uma só vez, distraída.

E por essas razões que não tem fundamento no senso comum, eu lhe falava olhando-a nos olhos, contava de mamãe e do porão. Que dentro de duas semanas sairia a minha promoção a uma carreira, onde crescer significava saber utilizar técnicas de tortura e sentir satisfação na crueldade. Que os gritos agonizantes me acusavam menos que o heroico silêncio e minhas náuseas e cravejada consciência lhes importava absolutamente nada, enfermos psicopatas.

– Apesar de a vida ter me tratado como lixo, as angústias dos porões não significam minha vingança, nem fazem despertar em mim um monstro oculto. Me dão asco, é uma parte de mim que quero deixar morrer, sem rancores nem remorsos, você me entende, Sophia?

– Te entendo, as coincidências entre os milicos e as rameiras. Me chamo Alba¹⁶, se você preferir.

E de repente nos abraçamos e o rio foi testemunha de nosso beijo ardente e desejoso de reconciliação. Não me importava que essa boca fosse fonte de prazeres para

¹⁶ Nome que significa “amanhecer”, “alvorada”, “nascer do sol”

bêbados porcos. Porque de sua boca e sua língua não via as inumeráveis imundices, somente a mesma desilusão, a mesma esperança desquiciada de que, em algum momento, algo poderia ser fruto do amor e que venha Freud a nos saudar em nossa faminta miséria de indigentes. E nosso beijo nos desarmava e nos emocionava, porque sentíamos que não nos julgávamos. Que eu não pensava em sua boca de quenga nem ela em minhas mãos de alicate. Que a sinceridade de um gesto afetivo unicamente se podia produzir assim: sem máscaras, nem mentiras, afogando com saliva as vidas que queríamos matar, adivinhando em suas lágrimas de prata e em meu coração descompassado a fugaz eternidade de um sentimento.

Antes não acreditávamos no amor porque pensávamos que não o merecíamos, porque a vida quase nunca nos mostrou a sua cara. E também não falamos sobre ele nos seguintes dias onde os encontros era alívio e a entrega ocorria nas palavras, nos primeiros sonhos pintados com as cores do amanhecer. Onde nossos culpados fantasmas conviviam em harmonia e nos pediam uma oportunidade.

Tudo o que tínhamos (o que realmente valia a pena levar) coube com folga no porta-malas do carro. Tinha dois dias de descanso (*“para desfrutar da vida, Héctor”* me dizia o capitão). Era um sentimento único para ambos. As janelas abertas, o ar quente da Província de Misiones, o cigarro, a pura brasa, o *mate* que preparava Alba enquanto costurava com destreza as minhas camisas, o tango de Carlitos¹⁷ e o olhar posto no horizonte sem-fim. Seus carinhos em meu cabelo me estremeciam e nossos olhares eram de puro sonho, a realização de perdidos anseios e, apesar de o futuro ser uma incógnita, seria menos terrível que a recente atualidade. O destino escolhido era Porto Iguazu, portal de entrada a um novo país no qual deixaríamos às nossas costas as cataratas do esquecimento, caudais revoltos tragando uma pequena fração de dores e remorsos. As cataratas se fundiam com as lágrimas que Alba escondia em meu peito no abraço companheiro e cúmplice.

Transportava comigo a ilusão de um porvir que levava seu nome.

¹⁷ Carlos Gardel

Anjo caído

*“A inconsciência é uma pátria;
a consciência, um exílio.”
(Emil Mihai Cioran)*

I

Ninguém me tirava a certeza de que meu natural estado de consciência e de conhecimento era muito expandido e vasto. Que diversos cantos de meu cérebro pareciam estar sob anestesia e somente se manifestavam por meio de pálidas e difusas lembranças que também me traziam sensações de amargo rancor e rebelião.

Existia algo que se chocava com minha energia e logo se transformava em um profundo inconformismo por haver descendido a este lugar primitivo e que me mantém afastado da dimensão original à qual, como anjo caído, devo regressar.

Os resignados mestres trataram de explicar-me que me encontrava nessa situação, não por decisão de Deus, mas sim devido aos meus próprios atos. Por ter caído pela ambição neste lugar inóspito, onde o mais aterrador é o estado arcaico de obras, de conhecimento e de entendimento da gente.

Da pátria, do passado, não guardo uma recordação sequer, tal como lhes ocorre aos demais, o véu do esquecimento. Isso provocava-me inquietações, algo dentro de mim gritava, íntimos sentimentos descontrolados. Uma mistura de raiva e saudades em um labirinto de espelhos, onde eu era todas as respostas ou as imagens do que pensava ser.

Era como viver em dois mundos distintos: como uma mente brilhante acostumada a manipular corpos e energias quintessenciadas que, de pronto, se percebe em um ambiente arcaico, com ferramentas obsoletas, rodeado por torpes aprendizes. E para cúmulo, parcialmente encarcerado em um restritivo e pesado corpo que absorvia os venenos da alma e os expurgava nas mais bizarras enfermidades.

Pertencia ao que se pode denominar de elite espiritual e intelectual do império. Estudávamos os fenômenos da vida e da morte sob um pacto de silêncio, enquanto os sacerdotes decidiam que informações passariam ao povo e de que maneira. Somente eram capazes de compreender certos princípios básicos em forma de metáforas, o que nos obrigava a incluir gatos, cachorros, vacas, centauros e demais personagens em uma precária mitologia.

– A evolução não salta, Amasis. Não é possível exigir que leiam e apliquem nossas escrituras se não as conhecem, se não sabem ler – dizia o mestre Kheruef.

Ele foi o responsável de trazer-me ao templo, quando eu ainda era um menino e contava com apenas sete anos. Na volta de suas viagens pelo império, ele costumava desviar-se da caravana e andava de incógnito pelos povoados do caminho, acompanhado de seu discípulo da vez e de um experiente militar. Na planície do rio, a três dias da capital, chegaram a uma vila que imediatamente lhes chamou a atenção por parecer abandonada. Havia, como muito, umas trintas choupanas ainda habitadas e uma praça com o depósito central, que naquele momento albergava algumas macas, velas, doenças, muitos gemidos e, ao fundo, uma mesa com ervas, azeites, panos e água. Contavam-se umas setenta pessoas, entre elas, anciões, doentes e mulheres que respiravam o mesmo ar carregado, contaminado de morte e esperança.

Encontrou-me junto à mesa, era a única criança do lugar. Macerava ervas, preparava infusões, ordenava tratamentos com olhos vitrificados e com voz por demais grossa para um menino. Representava um claro fenômeno de incorporação, como me explicou Kheruef em meus anos iniciáticos.

Imediatamente se juntou a mim por uma noite intensa, na qual duas vidas fizeram a passagem. Os demais doentes pouco a pouco saíram da zona de risco e entraram em um processo mais estável de recuperação.

Kheruef se informou de que eu era órfão e que anteriormente vivia com minha vó, falecida há três anos. Uma de minhas particularidades era que, desde criança, tinha sensibilidade especial para comunicar-me com o mundo dos espíritos. E, casualmente, uma noite, o comandante do povoado ardia em febre e todos já temiam pelo pior, quando lhe preparei um chá à base de ervas, passei unguento em seu peito e nos pés e lhe apliquei sessões com passes energéticos. Ao cabo de três dias, o comandante se havia recuperado e desde então as pessoas me procuravam para que eu consultasse os deuses.

Antes de me levar ao templo, o mestre me garantiu que em uma semana um destacamento do império os ajudaria a reconstruir a vila e as plantações abandonadas. Também lhes entregou uma carta de recomendação ao templo, em caso de doenças mais graves. Por fim, informou-me sobre meu novo destino.

– Será uma honra – disse automaticamente. Olhava para o chão com a cabeça baixa enquanto os olhos de Kheruef se umedeciam, convencidos de que Deus lhe havia devolvido um espírito ao qual estava ligado há muito tempo.

– Tenho a sensação de que inconscientemente roguei muito a Deus para que esse encontro se pudesse realizar – disse emocionado em um momento que até hoje está guardado em nossa memória.

Entretanto, apesar de nutrir muito respeito e admiração pelo mestre Kheruef, por momentos, sua paciência e resignação me incomodavam, uma espécie de passividade que indiretamente aumentava meu inconformismo. Tratar-me como um exilado jamais me motivou a alcançar a chamada evolução moral e espiritual que ele professava incessantemente. Naturalmente, alguns pensamentos meus, livres do cabresto do templo vigilante, abordavam um argumento básico: *para que regressar para onde não me quiseram, onde minha maneira de pensar era um entrave na evolução do demais?*

Sinceramente, esse tema de alunos néscios, indisciplinados, castigados por uma aparente má conduta era uma teoria humilhante que me negava a aceitar, além de questionar quem nos mandou para cá e com que legitimidade.

– O verdadeiro conhecimento se converte em caridade – sentenciava o mestre, quase como um mantra.

Tais comentários muitas vezes me chegavam como veladas acusações diante das quais tratava de calar-me para evitar atritos com Kheruef. Nesses tempos, já comandava uma parte da ala ocidental do templo, para onde eram conduzidos os enfermos do corpo, da psique ou da alma. Eu os atendia, os levava a um estado de relaxamento, a uma controlada inconsciência, identificava com os enviados (sempre presentes nessas horas) em qual corpo espiritual se encontrava a causa raiz, a sanávamos e, em seguida, os dispensava.

Também havia casos de desajustes emocionais ocasionados por obsessões de espíritos mais atrasados ainda, aos quais fazia falta convencer de que o caminho da escuridão era equivocada. Falava sobre o livre-arbítrio, das leis de causa e efeito, essas compreensões básicas que ainda precisamos explicar pacientemente. Os resultados práticos obviamente eram bons e despertavam nos pacientes, gratidão, tanto como admiração e até adoração.

Quase todos os dias deixavam com meus assistentes alguns presentes (ou coisas que pretendiam sê-lo), tais como pães, roupas, cartas e demais bugigangas que eu repartia entre outros necessitados.

Uma vez tratei de um influente comerciante da capital, chamado Badru, que nos últimos tempos era acometido por pesadelos, andava vendo vultos e sofria de um

inexplicável pânico ao instante que pensava sair de casa para trabalhar. Chegou extremamente debilitado e alienado à ala ocidental. Após analisá-lo, rapidamente com os enviados (no lado de lá, vê-se melhor), mudamos a frequência de seu chacra coronário, doutrinamos e encaminhamos as entidades obsessoras e o reequilibramos energeticamente.

– Muitíssimo obrigado, mestre Amasis – soluçava de joelhos, – benditos poderes os teus – balbuciava enquanto tentava a todo custo me beijar as mãos e os pés.

– Agradeça ao nosso Deus único – respondi automaticamente por tratar-se de uma frase que Kheruef sempre recomendava dizer nesses casos, questão de simples humildade...

Eu vivia em uma casa contígua ao templo, era relativamente ampla, com jardins preciosos. Relaxava-me na banheira de água quente, quando Zaid pediu permissão para falar-me:

– Mestre Amasis, há um presente do mercador Badru, que insiste em que o aceite. Posso trazê-lo ou devo dispensá-lo? – Perguntava sem tirar o olhar do chão.

Suspirei profundamente, jogando com a água que escorria entre minhas mãos.

– Traga-o.

Passados alguns instantes, escutei suaves passos que se aproximavam e pouco a pouco, entre a penumbra do quarto, surpreendido vi a uma maravilhosa jovem envolta em uma bata dourada. Observei que tinha muitas joias, seu aroma era fresco, sua maquiagem delicada e muito feminina. Não me disse nada. Parou diante de mim e desatou os nós de sua roupa, revelando a nudez de seu esbelto corpo. Aí estava, ao alcance de minhas mãos.

Se por um lado a ignorância das leis universais e invisíveis que governam esse orbe era uma característica do povo ao qual estava condenado a conviver, pelo menos reconhecia que possuíam um magnetismo único, sensualidade à flor da pele, entorpecedora, solitária, nostálgica...

Ela preparou minha banheira com novos sais minerais e ervas, logo esfregou e massageou meu corpo, me fez mimos no cabelo, me fez disfrutar. Despedi-me dela na alvorada.

– Que te disse Badru, que você volte ou que fique?

– Nobre mestre, disse apenas que eu era tua propriedade.

- Então se considere livre, não suporto escravidão – lhe comuniquei em seguida.
- Fale com Nailah, a governanta da casa, ela te ajudará. Se você não tiver aonde ir, pode ficar.

II

Minha rotina permanecia inalterada, atendíamos aos enfermos sem distinções entre os necessitados. Fazíamos de nosso posto um lugar onde convergiam ricos e pobres, jovens e anciões, militares, domésticas e escravos. Era mais uma das premissas de Kheruef, que em suas bases morais rechaçava firmemente qualquer forma de discriminação.

No templo, o tempo estava disciplinadamente dividido: havia um horário para as orações, os momentos conjuntos de alimentação frugal, o grupo de estudos comandado por Kheruef e, por fim, durante um período de três ampulhetas, atendíamos o povo. O respeito pelo horário era sagrado devido à presença da equipe espiritual (os enviados) e também para não extrapolar o desgaste dos médiuns.

- Hoje não poderemos atender todos, maestro Amasis. A ampulheta indica que temos tempo apenas para mais um paciente – me informava Zaid.

- Quantos estão esperando? – Perguntei já um pouco cansado.

- De acordo com a ordem de chegada, está o caso da anciã Zahra, com grandes dificuldades respiratórias. Logo o de Donkor, um lavrador da margem ocidental do rio, com dores agudas nas costas e recém-chegado o comandante Abubakar, primo do mercador Badru, que retornou de suas incursões nas terras conquistadas ao oriente, com uma dor muscular no antebraço esquerdo.

- Pois faça entrar Abubakar e, os demais, que esperem por outra oportunidade, quando o grande Deus único o permita. À anciã, uma infusão, ao lavrador, uns analgésicos herbais e diga-lhes que tenham fé. A mente, os pensamentos são a porta das doenças e da cura.

Abubakar não tinha nada, alguns pontos de tensão em seu braço que com o passar dos dias poderiam evoluir para algo mais crônico. Assim que tratei desses aspectos, teve alívio quase que imediato.

- Muito obrigado, mestre Amasis – disse ao se despedir. – O senhor tem benditos poderes.

- De nada, comandante Abubakar, faço o que posso.

III

À noite estive um pouco ansioso, o calor era sufocante, no ar se notava o aroma doce e penetrante das flores que observava do meu balcão. Olhava as estrelas, principalmente as que formavam o cinturão de Orion (“desde sempre Orion”, repetia quase emocionado), e me entristecia sem motivo aparente. Era toda uma referência, contudo, pareciam inalcançáveis, demonstravam minhas conflitivas dualidades: o ideal e o exílio, a teoria e suas aplicações, o conhecimento e a moral, o homem e o animal, elos perdidos daquilo que eu pretendia ser.

Aproximava-se uma comitiva do comandante Abubkar, que dissipou meus densos pensamentos. Vi a mucama de Abubakar junto a uma preciosa jovem, bastante nervosa, mas impecavelmente vestida com tecidos semitransparentes e abundantes joias. A despedida entre ambas foi bastante emotiva. Passados alguns minutos, Zaid a anunciava na entrada de meus aposentos. A decisão claramente estava em minhas mãos e a aceitei, apesar de todas as minhas certezas, como um viciado que nega sua dependência com desculpas que na verdade eram confissões. Necessitado de reconciliar-me com o espiritual, me amarrava ao terrenal, metade homem, metade animal.

«*Aquele que foge da verdade, não se liberta daquilo que o escraviza*» eram as palavras de Kheruef, onipresentes em minha memória e que mostravam que meus atuais deuses eram como os das fábulas que ensinávamos ao povo: animalizados.

IV

Nunca precisei de muitas horas de sono, bastava-me desconectar o cérebro temporariamente. Controlava o cansaço físico aplicando técnicas de meditação: primeiro registrava a parte do corpo, o músculo ou o sistema que estava tenso ou desajustado e, à base de comandos mentais, dissolvia as tensões, equilibrava as químicas interiores, suportando assim as próximas horas sem incômodos. Tudo o devo ao mestre Kheruef, que me ensinou os métodos de respiração, de consciência física e extrafísica e, por fim, me especializei nessas técnicas devido à urgente necessidade de fugir de desagradáveis e insistentes pesadelos.

Eram noites nas quais sabia que me mexia muito na cama, algumas vezes me despertava banhado em suor, jogado sobre o chão, mas quase nunca me lembrava do conteúdo dos sonhos. Apenas sentia uma sensação de alívio por acordar e por escapar de situações ameaçadoras, até que chegasse uma mão invisível em meu quarto vazio para tirar o suor de minha testa: «*Amasis, meu querido, a verdade não se altera por esconder-se em um corpo*», uma voz feminina que acalmava meu coração, quando eu fugia até o balcão para fixar meu olhar nas estrelas e no oriente, onde ansiava pela chegada do sol que esvaneceria a negra noite de medos ocultos. Absorvia os primeiros raios que fortaleciam meu corpo e queimavam mentalmente as difusas lembranças dos gritos agora esquecidos.

V

Meu prestígio aumentava nos corredores do império, porque nascia das bocas dos expoentes da sociedade política, econômica e militar. Enquanto isso, portas adentro do templo, meu comportamento era estritamente correto nas atividades comuns. Sentia que a fascinação também se estendia às mulheres da corte, que me seguiam ardentemente com os olhos, buscavam ávidas por uma provocativa abertura, jogo que eu manipulava instintivamente ao meu prazer.

– Para que voltar aonde não me quiseram se aqui posso construir meu próprio mundo? – Perguntei a Kheruef.

– Viverás onde te mandar a tua verdadeira consciência. Olhe ao teu redor: violência, guerras, intrigas, sensualidade, escravidão e ignorância. É um reflexo de nossa moral.

– Você fala como se fôssemos vis condenados – me manifestei depois de um breve silêncio.

– Todos o somos, mestre Amasis. Condenados a nosso livre-arbítrio.

Mas enxergava outras possibilidades. Nos primeiros anos de minha iniciação, quando tomei ciência de minha condição de estrangeiro em terras primitivas, notava que muitas pessoas me tinham em consideração como um ser semi-iluminado, um missioneiro benevolente e misericordioso. Kheruef, contudo, me dizia todo o contrário, que os iniciados, na grande maioria dos casos, apresentavam enormes falências perante Deus, que precisavam exercer a caridade como forma de reconciliarem-se com Ele. Em vez de missionário, era um caído da moral, um abismo entre perspectiva e realidades.

Na seguinte manhã à da conversa com Kheruef, Zaid anunciou à Samira, jovem mulher da qual não tinham mais dados que o nome e suas queixas relativas ao pulmão. Lavava-me as mãos e ao dar-me volta, me surpreendi ao ver que me estava analisando atentamente, sem saber por quanto tempo o fazia e, por um instante me senti nu... Era de uma beleza singular, linda sem dúvidas, mas a sua beleza não se explicava por conceitos estéticos, por simetrias ou proporções, mas por uma aura de intenso magnetismo. Os segundos se passavam e não conseguia controlar-me enquanto nossos olhares se tocavam. Desejava ser outro, sua imagem me despertava certa vergonha e naquele instante, lamentei não ser uma pessoa melhor.

Apesar de me ser familiar, tinha certeza de que jamais a havia visto e essa convicção a tinha devido ao impacto que sua simples presença me causava, convencido de que teria sido impossível esquecê-la.

Sua firme e doce voz estabeleciam distância, mas mesmo assim era conhecida e me fazia estremecer. Inexplicavelmente parecia prometer-me mundos insondáveis. Em suas objetivas palavras soava o intangível, sentia infundadas e surpreendentes esperanças, que talvez me condenariam à liberdade.

Relatou-me de seu tratamento com o médico da família que atuava de acordo aos procedimentos comuns e, como resultaram ineficazes, a encaminhou aos meus cuidados. Seu estado preocupava. Enquanto lhe explicava meu diagnóstico e as alternativas de tratamentos, queria saber se morava perto e sob quais condições.

– O senhor me diga que tratamento devo seguir e eu lhe asseguro que o farei – respondeu decididamente sem mais informações.

Optei por um tratamento com ervas, algumas maceradas e diluídas em azeites e outras preparadas para inalação, que decidi realizar ali mesmo. Era um procedimento que costumava fazer ao princípio de minha residência clínica, quando os destinos dos enfermos ainda me preocupavam.

Nesse momento, a jovem Hayat entrava com os preparados e dispunha as ervas para a infusão. Sua chegada como que por encanto transformou completamente o contexto. Sua quase imperceptível mirada (da qual tratei de evitar) estava carregada de magnetismo sensual, potencializado por mim em desenfreadas noites de luxúria, contaminando todo o ambiente anterior.

Evidentemente Samira o notou e, calada, me olhou pela última vez naquele dia. Nesse instante senti que a havia perdido um pouco, apesar de nunca a ter tido. Não sabia se seu olhar era vazio, decepcionado, provavelmente indiferente. Seus profundos olhos

adivinham silenciosamente meu lado escondido, advertiam em mim o selo do desterro, minhas asas rotas e confirmavam os motivos de minha inapelável condenação.

Naquele momento confirmei que não me diferenciava em nada dos demais vis porcos que comercializavam mulheres, que traía os princípios de fé e de moral, tantas vezes explanados por Kheruef.

VI

Somente voltei a encontrar depois de três semanas, devido a um chamado de Kheruef, que pedia minha ajuda para a parte final de um tratamento, no qual minhas características mediúnicas seriam de utilidade.

Vê-la me alterava o metabolismo, algo inexplicável. Seu aspecto físico era consideravelmente melhor, apesar de notar que a minha chegada não lhe tenha agradado muito, talvez por perceber a minha surpresa.

– Vejo que a senhora aparentemente não confiou em minhas recomendações – comentei, porque realmente me indignei que fosse consultar outro especialista, mesmo que fosse Kheruef.

– Não confiei em teus olhos.

Houve um breve silêncio no qual nós três nos olhávamos alternadamente. O primeiro em sorrir foi o Mestre e logo nós o acompanhamos sem mais explicações, apenas com certo alívio.

– Os caídos têm essa característica: uma oculta desconfiança. Porque todos viemos parar nestas paragens devido a nossas sombras morais. Não sabemos se nós ou os demais exilados as temos domadas ou se nos subjugarão novamente.

Samira e eu nos olhamos e vi como se emocionava. Assombrado, observei o mesmo selo em sua testa, enquanto as palavras do Mestre eram como um amanhecer, onde lentamente o sol se impunha, o frescor pacífico e nítido do renascimento.

– Nossa realidade é essa, o banquete está servido com todas as suas provas: as possibilidades do poder, da sedução, do orgulho, de egoísmos, tal como antes. O passado não voltará, apesar de vocês estarem reunidos outra vez. O caminho no desterro permanece o mesmo, o da consciência, do livre-arbítrio.

A cena já me era conhecida. Recordava-a exatamente assim. Kheruef conscientemente havia aberto a porta do passado pela qual agora eu voltava a entrar. Do outro lado estava a caída, vertiginosa, completamente escura, formada pelo pesado éter de minha consciência, que inapelavelmente me tragava, sem maneira de frear. Caía

de costas, com os braços estirados, gritando por Samira, desesperado de solidão: conflitivas incertezas de condenado.

Durante a minha negra caída, uma incontrolável onda de imagens e sensações se alternavam. Simples variações daquilo que agora eram os presentes nus dos mercadores, minha imagem no império e meus secretos planos de poder, minha prepotência diante dos menos favorecidos, meus pesadelos aterrorizantes. Recordações que queimavam minha testa em um selo que me marcaria, *“tal como antes”*.

Senti o impacto da queda com os olhos abertos, secos, vidrados e assim os mantive. Nascido como órfão, espírito velho em um corpo de criança, macerando ervas, recitando mantras de parcas memórias, em um isolado e miserável povoado, do qual um dia Kheruef novamente me resgataria. Para dizer-me, por meio de seu exemplo, que aquilo que me dói é a alma, que minha consciência é o meu verdadeiro exílio, onde jaz meu par de asas quebradas: humildade e caridade.

E, ao fundo, cada vez mais nítido e distante, o cinturão, para sempre Orion.

O Centauro

*“Minha consciência é inconsciente de si mesma,
por isso eu me obedeco cegamente.”
(Clarice Lispector)*

Em algum momento, quando Sole me recriminava no carro por ter permanecido calado uma vez mais durante a discussão familiar sobre seu cunhado acomodado, que tanto sofrimento causava a sua irmã Antônia, sei que pensava que algo em mim estava carregado de culpa, temendo uma pena futura.

– Vai saber o que você esconde aí dentro, Darío – me disse com voz fria. Isso demonstrava que estava alterada. E que dentro de alguns instantes, quando sentisse o aroma do cafezinho que lhe preparava na cozinha com suas duas colheres de açúcar (havia, por fim, abdicado do adoçante), um punhado de bolachas acompanhadas de gestos calmos e por meu olhar de paz, talvez sua tensão já faria parte de um passado soterrado momentaneamente por aquilo que tanto nos une: o amor e nossas imperfeições.

Creio que talvez tinha razão. Algo me condenava de antemão, situado, por exclusão, no passado. Algo possivelmente latente em meu caráter, contra o que esperava travar uma batalha oculta e silenciosa. Realmente não sei de que me acusava, mas sua convicção era tal que eu me questionava se existia dentro de mim um vulcão desconhecido em lento processo de ebulição. Se eu empilhava sentimentos, se guardava rancores em algum esconderijo, que estivesse a ponto de estourar e tudo que via era um lago de águas calmas, escuras e profundas, uma pesada sensação morna, nem paz, nem guerra.

Recostado no sofá da sala, Sole me observava discretamente, mas era evidente que seus pensamentos estavam longe, em um mundo do qual tínhamos combinado que não nos resgataríamos para não perder a linha. Recorríamos a terrenos desconhecidos, que talvez nos traziam um indício. Como uma roda gigante em cujo ponto mais alto lhe seria permitido olhar o horizonte antes de que o peso de minha culpa a fizesse descender, girar a roda, subir a dúvida, descer uma lembrança nebulosa, alçar a suspeita e a muralha, para cair no mutismo e no abandono.

Com sua xícara de café esquentando suas mãos, a respiração calma e o rosto imutável, ela olhava pela janela para o pequeno jardim do qual me ocupo todos os dias, com suas flores multicoloridas que eram todo o seu sonho. Sei que ela me localizava ali, no centro de seus anseios floridos, metade homem, metade animal. Marcando meu

passo pela sua sonhada vida, com meus cascos na terra, rodeado de frágeis cravos e margaridas que me mantinham ansiosamente inerte, porque não sabia como sair sem pisá-los. Inquieto, aguardava que ela voltasse apesar de não ter se dado conta de haver ido. Voltou a sorver o café que com certeza já se havia esfriado um pouco e por fim me encarou.

– A nova gerente financeira que começou em teu trabalho tem quantos anos? – Perguntou-me endireitando-se.

– Estimo que ao redor dos trinta e cinco, por quê? – respondi sem saber o que desatou essa inesperada consulta.

– É casada? – prosseguiu, ignorando minha pergunta.

– Não sei – respondi movendo inconscientemente meu rabo, esse costume inadvertido que temos, nós os equinos, para fingir indiferença e preencher o silêncio com um movimento que nos justifique.

Nesses momentos cada um moldava o consequente silêncio a sua maneira. O povoávamos com pensamentos próprios que seguramente não nos aproximavam. De onde saiu esse pensamento? O desentendimento sobre a situação de sua irmã não era nada mais que uma desculpa para me acusar. Para manifestar esse entranhado desagrado que em sua mente já adquiria vida própria. Criava mutações, ramificações que golpeavam suas recônditas caixas negras, averiguando quais destas estava com o cadeado solto: intuição traiçoeira e escondida que a avisava, aparentemente.

Mais tarde, ao vê-la tão linda escolhendo um novo livro na estante (o que significava que o resto do dia estaria ausente, respaldando-se na desculpa da leitura), sentia que meu coração se apertava e o amor me inundava a alma, acompanhado de uma imperiosa necessidade de cultivar esses sentimentos e de protegê-los de pensamentos intrusos que batiam à porta, *toc*, de emoções descontroladas, *toc, toc*.

O silêncio, que tantas vezes nos uniu, também podia ter esse efeito de distanciar-nos sem nos mover do lugar. Seus olhos se perdiam nas páginas do livro, os meus se fechavam em uma meditação inexistente. Torres de marfim nas esquinas do tabuleiro, obstruídos por cavalos, bispos, reis e rainhas, somente capazes de movimentos paralelos, apesar de nossa vocação ser a da unidade. Era um jogo dissimulado, mais bem uma armadilha da qual eu capitulava em seguida (e ela o sabe, menos mal). Eu não queria dar batalha no campo de nossos equívocos e minha rendição vinha em forma de massagem nos pés. Esse sinal que ela já conhece, o relaxamento e o bem-estar do corpo embalando suas emoções. Seus olhos se fechavam com calma, entregando-se ao tato,

seu rosto se distendia, nossos pensamentos e sentimentos voltavam a seu lugar depois de uma ronda com matizes de patrulhamento.

– Não te aborrecem essas perguntas que faço, meu amor?

– Talvez algo tenha despertado a tua intuição. Você bem sabe como é o mundo corporativo, precisamos sempre estar atentos, melhor se precaver.

– Você sabe como podem ser as mulheres.

– Nunca notei nada disso. Na verdade, não me interessa.

– Não consigo entender, se tenho confiança em você, por que tudo isso? –

Perguntou-me sinceramente.

O que dizer quando se busca justamente a sua própria culpabilidade: as impressões digitais, o rastro do sapato sobre o sangue, o DNA de um crime em uma noite sem álibi. Cortava-me em própria carne, obrigado a produzir provas que talvez me condenarão. Era um caminho onde não era possível prever as descobertas e suas consequências. Se trarão preocupações ou liberações, medos ou certezas, se deveria enfrentar, ou melhor, ficar inocentemente cego, tal como estava.

Ficava o germe, era inevitável. Por algum lugar se aproximava, ganhava corpo impulsionado por uma força oculta. Ambos o sentíamos. E justamente aconteceu uma semana depois. Sou médico e fui jantar com uns clientes norte-americanos da indústria farmacêutica. Ao chegar em casa a beijei mornamente. Seu cumprimento frívolo era somente uma desculpa. Ou pelo menos, assim eu o sentia, estudava meus gestos, meu tom de voz, me olhava nos olhos, mas também me rodeava, como buscando despojos de algum pensamento suspenso.

– Havia mulheres no jantar? – Perguntou aparentando indiferença ao mesmo tempo em que a inevitável pergunta destapava aquele caudal reprimido em sua intimidade. Uma ansiedade descontrolada prestes a explodir.

– A assistente do Sr. Johnson – respondi rememorando o cenário daquela noite. Já adivinhava a estrada e seus buracos, os equívocos previsíveis que teríamos que combater, minha defesa instintiva, nossa busca pelo primeiro sentimento, o que desencadeava todo o processo. Talvez uma traição remota em sua mente, ou algo que se intrometia entre isto e as saudades do dia, de tê-la em meus braços, de escutar sua respiração sobre meu peito com seu disco de Reiki tocando ao fundo, agradecido por outro dia que terminava com Sole em meus braços e minha mente tranquila: *“meu amor, era jovem, sentou-se a minha esquerda, mas em diagonal. Chame-se Lucy, foi a*

primeira vez que a vi, não sei se usava muita maquiagem, não presto atenção nessas coisas, na verdade, tudo o que eu desejava era chegar em casa”.

Enfim, o germe ainda estava lá e o alimentávamos. Em determinado momento, quando seu olhar começava a deter-se mais na novela que em mim, sabia que as perguntas cessariam. Talvez até o comercial, onde poderiam brotar os últimos vestígios antes que se desvanecessem. Enquanto isso, o barco seguia a deriva e tudo o que conseguíamos fazer era ocupar as nossas mãos. As suas buscavam seu largo cabelo ruivo para formar espirais sem-fim, as minhas enrolavam um cigarro, minha contradição médica em tempos de frustração. Um papel bem liso, a quantidade precisa de tabaco, os segundos que passavam, o filtro e o papel colado pelo silêncio, por aquilo que sentia preso e que tentava tontamente liberar através da fumaça. O milagre do fogo que não era suficiente para queimar a sombra da assistente do Sr. Johnson, nem a minha maçã mordida em algum recôndito Éden.

– Sole, te parece que você me conhece bem? Do que você tem medo? – formulei minha pergunta ignorando se gostaria da resposta. Talvez desviasse até um beco sem saída, do qual habitualmente saíamos unicamente na alvorada do próximo dia. Reféns recorrentes de uma noite mal dormida, que muitas vezes terminavam comigo esperando o amanhecer na sala, ou tratando de manter-me ocupado com algum trabalho na cozinha ou consertando alguma coisa defeituosa na casa.

– Não te abandonarei jamais, mas disto você somente terá certeza quando der meu último suspiro de vida – confessei com minha última pitada.

Pelas noites a observo dormir. Dorme profundamente, apesar de notar que segue tensa. De repente, Sole se agita, um grito surdo de seu mundo de sonhos. Sua perna se mexe como em um reflexo, como se fugisse por um chão de brasas ou de uma armadilha cortante. Sei que é ali, naquele mundo, onde tudo ocorre, onde vê ou se recorda de minha parte animal, a dualidade do centauro que ela ressuscita de outras vidas. Nesses momentos a abraço, conchinha calorosa, meus dedos percorrem seu cabelo em espirais ruivas, trago-a ao borde da vigília, onde se lembra de que estou presente. Estica as suas pernas e com os pés toca as minhas e se dá conta que não tenho patas, nem ferraduras, que não tenho rabo, nem que galopo mais. Respira satisfeita, aliviada, confiante.

– Te amo muito, meu amor – lhe sussurro ao ouvido para que chegue longe, ao seu inconsciente, para trazê-la de volta por caminhos destroçados de algum passado remoto de outra vida, para que o amor presente apague seus medos que, em algum momento, não mais a alcançarão.

Logo a sua cabeça, instintivamente, procura por meu peito, onde escuta o meu coração, tal como sou, suas mãos em um lânguido abraço.

Amanhã cedo, quando abra a janela de nosso quarto, quando as difusas lembranças da noite seguem soltas, verá em nosso jardim que tanto cuidou, todas as rosas, cravos, azaleias, lírios, puros e brancos. A primavera poderia ser toda de flores brancas, mas o amor, em sua infinita variedade, tingiu todas as flores para que todas fossem belas, sem que nenhuma deixe de ser flor. E a vida seguirá seu caminho, a primavera será amorosamente queimada pelos doces raios do verão, acariciada com os ventos do outono e o inverno guardará dentro de si um frio fortalecedor.

E quando renasça a primavera, quando Sole me olhar profundamente nos olhos sem saber até onde seus pensamentos ausentes a levaram, verá a explosão de cores, onde todas as flores do jardim são para ela, inteiras e silenciosas, porque para o amor não existe poesia mais profunda que o silêncio, o breve momento de um instante que equivale a todo um porvir.

Até o último suspiro de minha vida. E mais além...

Hoje

*“Não há vício tão simples
que não afivele a aparência de virtude.”
(William Shakespeare)*

Saía de casa consciente de que tudo, outra vez, dependeria única e exclusivamente de mim. Justamente o elo mais fraco dessa corrente que, quando se quebrava, me catapultava à seguinte manhã à beira da depressão, do arrependimento ou talvez, de uma frágil vitória sem testemunhas. Havia me despedido de minha vó e de suas preocupações que se evidenciavam pela simples presença do rosário de contas em suas mãos. Este indicava uma noite de vigília, costume que adquiriu desde que mamãe e eu escapamos com vida do complicado parto que lhes tirava a meus pais qualquer perspectiva de aumentar a família de maneira natural e que introduziu a briga entre a vida e a morte aos segundos prévios de minha existência.

– Te cuida, minha filha, você sabe que você é o nosso único tesouro – recomendava enquanto subia na moto de Roberto rumo a uma *rave* tão comum no balneário. – E você, meu rapaz, traga-a de volta em segurança, você é o responsável – agregava por fim com um tom de voz que não transmitia confiança, nem muito menos simpatia.

– Claro, vizinha – respondeu Beto, sem dar muita importância.

Sempre adorei moto, a sensação ambígua que me despertava o frio na barriga, fomentado por cada desnível, cada curva, cada inclinação, vento, liberdade, esquecimento e o risco, enquanto as costas de Beto me esquentavam e serviam de apoio à minha cabeça, que já sabia quais seriam as decisões corretas.

Estacionamos a moto justamente na entrada de um sítio transformado em discoteca e, enquanto dançávamos, todo o ambiente me transportava até a necessidade de buscar alegria. A música eletrônica contagiava, a bebida começava a circular de boca em boca entre luzes frenéticas. Umam amigas de Roberto lhe sorriam em um dialeto que não compreendia, meu corpo pedia dança, ritmo, coreografias e insinuações audazes e as mãos cada vez mais ágeis de Roberto em meu corpo, entre beijos voluptuosos que me mordiam os lábios.

– Ai, você está me machucando, Beto! – disse já um pouco alterada, creio que devido à bebida, para a qual não sou muito resistente.

Beto sorria para mim, também gritava e saltava com seus musculosos e insinuantes amigos da academia da capital, cujas camisetas suadas, grudadas no corpo,

eram toda uma mensagem. Beto me agarrava, me olhava nos olhos e ao se aproximar me disse: “*princesinha delícia, feche os olhos e abra a boquinha...*” com um olhar pícaro carregado de segundas intenções.

Era o meu momento, esse que já estava cantando, era meu único obstáculo e já sabia que bastava ser forte, apenas por um tempo. Mas, tudo aquilo que me propus anteriormente se desmoronava tão fragilmente como uma mentira, sentia que minha negação seria falsa, que já claudicava à primeira oportunidade. Em poucos segundos todas as minhas convicções se dissolviam como a *bala* em minha boca, tão negra como a noite, tão profunda como um vício. Minha oposição, tão importante quanto falsa, nunca existiu concretamente.

Já com a ansiada droga e movida pela moral e pela coragem pós-delito consumado, minha única resistência, inútil e tardia, surgia do arrependimento inócuo e de minhas promessas vãs: que essa seria a última vez e que, definitivamente, me afastaria de Beto, transferindo para ele a culpa de meus naufrágios. Para tentar justificar minha queda, construía possibilidades futuras, desejosa de que pudesse acreditar em alguma, mesmo que fosse por horas. Quase como uma indignada vítima, decidi deixá-los na pista de dança e mover-me entre as pessoas, seguir a *vibe* e disfrutar de minha última vez, desse alívio imaginário que me convencia de que na seguinte oportunidade teria essa força ausente, essa vontade inquebrantável.

Pouco a pouco, enquanto dançava, notava como a intensidade da música era cada vez mais forte, sentia a cadência, a energia, um apelo à liberdade, à festa, à vida. Tudo isso era muito divertido, primeiramente porque as luzes da pista de dança pareciam espantosas, como se estivessem sincronizadas com a música, principalmente uma de um azul intenso, que se acendia e se apagava rapidamente e que cortava meus movimentos e alguns pensamentos, além dos raios laser que cruzavam esses vastos céus da discoteca ao ar livre, tudo era emancipação.

Não havia percebido antes, mas a música de ritmo ansioso parecia interminável em minha mente, olhava para os demais infinitamente e éramos tão felizes, que vontade de confraternizar-me, de saltar, de abraçar, de clamar para todo mundo qualquer bobagem, mas gritar, exteriorizar minha euforia de confusas sinapses em minutos ou horas elásticas.

Realmente o tempo era relativo. Não sei por que pensava isso, talvez porque o compasso da música se assemelhava ao do relógio enorme de uma catedral, o ponteiro amplificado que, a cada sessenta golpes, voltava ao mesmo lugar, assim como minhas

sensações. Porque transpirava horrores e voltava a sentir calor e frio como na moto de Roberto, desaparecido nesse mar de cabeças saltantes. Tinha enorme sede e decidi que compraria água ou que tentaria ao menos chegar ao banheiro, mas tudo estava incrivelmente distante como minhas promessas. A tarefa de passar entre as milhares de pessoas era quase impossível em minha imaginação ou em minha realidade (que acredito que eram a mesma coisa).

Duvidava se saía pela direita ou pelo sul, não havia um mísero luminoso que indicava “*banheiro*” ou “*exit*” e apenas lembrava que estava em um sítio e não em uma discoteca. E que, por detrás das luzes que me mareavam, estava a escuridão do céu, este que vovó sempre via tão claro quando rezava o rosário. Seguia estática, mesmo que a cadência acelerada da música seguisse igual a das batidas de meu coração, que talvez com um pouco de água fria se pudesse acalmar, se não fosse por esse mar de gente e pela ausência de um luminoso e por essa distância paralisante. Decidida a mover-me, tratei de começar pelo primeiro passo, com a primeira letra: Andar Ao Azar Adentrando A Angulados e Angustiosos Alfabetos, Abrindo Áreas Ao Alcance do B, Buscando Burlar Braços de Brutas Bestas Bailando, Cega por Centenas de Corpos Cerrados que Criavam emaranhados de olhares e de pernas. Tentava determinar um ponto fixo que se desvanecia em seguida em mutações irreais, olhava o vazio e o chão negro que se abria a cada novo passo do alfabeto. Creio que estava paralisada porque a música ritmada me atolava o pensamento e aumentava a dificuldade em tomar uma decisão, por onde andaria Roberto? Decidi mudar de direção, talvez voltar ao lugar de origem, talvez mais próxima de uma saída. Talvez mais longe, sentia confusão mental, quase desespero, os rostos anteriormente felizes agora me pareciam ameaçadores em meu labirinto de flashes pretos.

– Quero sair! – Gritava ou penso haver gritado, o que não fazia diferença alguma devido ao volume da música. Ninguém me escutava, ninguém se atentava a mim. Tentava pegar nos braços de um rapaz qualquer que interpretou o ato de outra maneira, me segurou pela cintura com suas mãos enquanto exalava um vapor denso e cinzento de álcool de sua cara de lobo. Resolvi então que o melhor seria engatinhar até uma saída, como um animal sedento buscando água. Sentia-me em um verdadeiro submundo, em um universo paralelo, um pântano existencial no qual avançava a quatro patas.

Apesar da sensação inicial de maior estabilidade, o cenário era terrível. A começar pelo solo, empapado de uma sujeira asquerosa: mistura de bebidas

derramadas, areia, bitucas, cacos de vidro, copos plásticos, tudo grudado à palma de minhas mãos e de meus joelhos que já doíam (como os de vovó na maternidade, no dia de meu nascimento, sua humilde oração pedindo à Virgem para que eu pudesse sobreviver na incubadora onde, desesperada, clamava por ar), outra volta ao relógio, o tempo e o mesmo lugar. Diante de mim, tudo eram pés ameaçadores, pernas descontroladas, saltos imprevisíveis. Escutava risadas, meu estômago se retorcia, não podia e não queria vomitar minhas entranhas. As lágrimas me tiravam o pouco que me restava de minha visão. Ansiava Ar, Avó Amada, Ajude-me Antes de que Acabe Afogando-me!

Abaixo tudo era diferente e intimidante. Nada tinha sentido e já o meu corpo não sabia o que fazer para levantar-se sobre essa irregular superfície de areia, cujos grãos pareciam formados por incontáveis comprimidos acinzentados. Contudo, ali era mais tranquilo, a música e os gritos eram mais surdos. Sentia-me tão sozinha, tão abandonada, rodeada de ameaças e esse temor de nascer: um parto complicado, mamãe e eu naquele momento penduradas de um fio de vida ou talvez de morte. Chegando a limites para viver, mamãe e seu amor que me deram as mãos, para que eu decida saltar, fazer-me grito, a ruptura, o tórax comprimido, o líquido expulsado, o ar queimando meus pulmões, *anima prima*, o grito da vida e a ave-maria de minha vó na capela da maternidade.

“Deus te salve, Maria cheia de graça, o Senhor é convosco, e que, por favor, me tire daqui, bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto de teu ventre, Jesus. Por favor, Maria, é que eu não sei o que fazer, nem onde estou, preciso de ajuda, Santa Maria, mãe de Jesus, rogai por nós pecadores, agora e na hora de nossa morte. Por favor, te suplico, Amém.”

Senti que uma mão me buscava e me levantava, que vozes me diziam *louca, bêbada*, que tudo girava e que minha única certeza era a de não a soltar mais. Eram mãos femininas, calorosas, que me guiavam até uma possível saída desse formigueiro humano que eram todos os meus labirintos.

Deixou-me sentada em frente ao mar, sob os cuidados da brisa noturna, enquanto buscava água fresca, que logo bebi desesperadamente. Contei-lhe tudo e pedi que não me deixasse. Preocupada, a desconhecida salvadora me levou até a minha casa uma hora depois, entre envergonhados agradecimentos.

– Já passei por situações parecidas. Rezo para que não me volte a passar – me confessou, antes de se despedir com um olhar de caridosa compreensão.

A cama era um irresistível imã, meus passos eram âncoras para minhas pernas à espera dos insuportáveis raios de um novo amanhecer de depressões, náuseas, ansiedades severas e a embaçada visão de minha vida.

A última imagem que vislumbrei (antes que, anistiada e vencida, me exilasse em um sonho sem lembranças), me mostrava como tudo poderia ter sido diferente: em meio de várias imagens difusas, nervosas e coloridas, vi em câmera lenta e com extrema nitidez como meus lábios pronunciavam decidida e suavemente cada palavra. Não podia escutar nada, mas a leitura labial não deixava dúvidas:

– Não, Beto, *hoje* não.

Desde então tenho esperança, luto todos os dias e repito: *hoje* não. Não penso no passo do tempo, também não olho muito adiante. Antes de dormir sigo emocionando-me, quando, aliviada, agradeço por outro dia vencido e peço por força para o seguinte. Nada mais que para o seguinte.

Todos os dias.

Ao teu lado

“Esperar é reconhecer-se incompleto.”
(Guimarães Rosa)

Isabel Vargas chegou pela primeira vez a nossa casa em um estado diferente ao dos demais. Não estava magra, nem com esse olhar evasivo e as olheiras que caracterizavam os enfermos. Ela controlava seus gestos, com certeza, devido aos calmantes que lhe deram depois que, entre lágrimas, sua filha chamou a Sra. Mirtes, a dona do estabelecimento, contando-lhe que viriam com a mala preparada na seguinte semana.

Aos seus setenta anos era jovem em comparação com os demais. A média da “Casa de Todos” ronda as oitentas primaveras. Mas justamente esses casos diferentes costumam me interessar. Nos dias seguintes, nos quais ainda buscavam ajustar melhor a dose de sua medicação, a vi de diversas maneiras: às vezes distante, outras eufórica, havia um lado de sua mente que tentava localizar-se, olhava lentamente às poltronas, o banheiro, o terraço, onde podia se sentar e falar com seus novos amigos, buscando o fio que a conduzisse em algum momento à consciência, à razão, a alguma resposta.

Nos informes que pude ler, consta que levava um ritmo de vida bastante ativo. Costumava ter pressão alta, isso era tudo com respeito às poucas informações clínicas que obtive. Sobre a parte pessoal, que somente li porque me pareceu muito simpática, consta que era casada (não se mencionava nada sobre o paradeiro do esposo), aposentada e que vivia em um bairro próximo do rio, a mim também me encanta essa zona, principalmente o bairro de... bom, não importa muito o nome do bairro, é que esqueci do nome, mas creio que começava com B, ou talvez com M, mas com certeza a primeira letra era uma consoante. Relato esses detalhes porque gosto de analisar o estado dos pacientes com atenção, sem pressa. E meu diagnóstico se baseia não apenas nos sintomas do corpo, mas também no estado da alma.

Por casualidade escutei que sua simpática filha comentava à Sra. Mirtes que sua mãe vinha de uma fase repleta de pesadelos, dormia muito pouco, inclusive a surpreendeu mais de uma vez na cozinha, café e horas de espera em suas mãos, *“tenho que sair, minha filha, para ver como está o teu pai”*.

– Com o passar dos meses os sintomas apareceram durante o dia, falava muito sobre o meu pai, do passado e fazia mais esforço para estar concentrada, ter lucidez naquilo que realizava. Cauta, lavava a louça com muita atenção, esquentava a água com exagerado cuidado, aguardava, até que de repente escutou o estampido negro. Se

despertou no hospital onde os médicos lhe informaram sobre seu AVC, que tinha grandes possibilidades de recuperação. Não creio que minha mãe tenha assimilado a notícia – informava à Sra. Mirtes com voz emocionada. Sei que tratava bem da sua mãe, porque inclusive na má notícia não perdia a doçura ao se referir à Sra. Isabel.

– Então aconteceu o meu acidente: ruptura completa dos ligamentos cruzados de meu joelho e a única alternativa que me propôs imediatamente foi a de mandá-la para cá, onde há toda estrutura clínica para recuperá-la – disse soluçando e tive a impressão de que me descobriu escondido perto da janela do escritório da Sra. Mirtes.

Não sei o que terá pensado a filha sobre mim, ao me ver escutando as conversas privadas, mas se em algum momento me encontro sozinho com ela, lhe explicarei que sou um médico que também se interessa pela alma e, por conseguinte, essa informação é importante para que possa formar um diagnóstico correto. Melhor não comentar que a Sra. Mirtes e eu há tempos passamos por um tipo de crise de confiança. Às vezes, penso que não me informa de tudo, que duvida de meus conceitos clínicos. Muitas vezes me dei conta de que as enfermeiras não obedecem as minhas instruções e que ela é condescendente com essa situação. Não me enfada demasiadamente, mas a verdade é que esperava um pouco mais de respeito. Tenho paciência com todos os enfermos daqui. Os escuto porque assim posso auscultar-lhes a alma que, com o corpo, formam o todo. Sou um médico diferente, creio que já o havia comentado e que também sou dedicado, porque os escuto a qualquer hora e durmo aqui no trabalho, na “Casa de Todos”.

A filha, que se chamava Dyana (um nome que sempre me encantou), acrescentava que não reunia condições físicas para cuidar dela, que o período de fisioterapia seria extenso, mas que a internação de sua mãe seria passageira, assim o dizem todos, é um conto já conhecido.

Apesar de ser um médico alternativo, existem muitas posturas clássicas que comparto totalmente, como a de manter uma distância entre os pacientes e o médico. É necessário ser mais humano, mas sem entrar na intimidade, sem involucrar-se no cotidiano das pessoas. Vi como a filha saía da “Casa de Todos” com lágrimas em seus olhos e eu, com pena, porque parecia ser muito simpática e amável, despedi-me dela com as enfermeiras no portão e lhe disse que iríamos cuidar de sua mãe. Emocionou-se muito e apesar de suas muletas, me abraçou com força, “*sinto muito, tinha prometido que cuidaria dela, mas é que neste estado não posso*”. Há de se entender as emoções dos parentes e suas reações sem sentido aparente, mas eu, nesses casos, me mantenho

distanciado. Mas, de noite voltei a me lembrar da filha e decidi dedicar-me com mais atenção à Sra. Isabel, sem descuidar dos demais doentes, claro.

Quando notei que todos já estavam dormindo, decidi buscar pela Sra. Isabel em seu quarto e a encontrei em um sono leve. Seus pés estavam envolvidos em meias de lã, o cobertor a protegia do frio da noite e me perguntei se ela sentiria saudades do barulho do rio, tal como acontece comigo, tão difícil de reconhecer, mas impossível de esquecer. Surpreendeu-me a enfermeira Berenice, que me dizia que eu precisava descansar. Com um sorriso amável me levou até o meu quarto e me deu um comprimido, porque achava que eu estava um pouco agitado. Tomei-o não sem antes avisar que na verdade o médico era eu (acho que é preciso ter uma conversa em particular com a Sra. Mirtes, o exemplo tem que vir de cima).

Nas duas semanas seguintes a Sra. Isabel melhorou bastante, sobretudo no aspecto corporal. O sono controlado, os exercícios, as atividades educativas e a boa alimentação devolveram a cor ao seu rosto e mais confiança em seus gestos. Apesar de não ter me consultado previamente, o fisioterapeuta a incitava a realizar tarefas simples na casa e foi assim que em um final de tarde de verão (creio, o tempo...) a encontrei dobrando lençóis, que utilizávamos para os catres dos enfermos, com movimentos ainda um pouco lentos. Ao felicitá-la pelo seu esmero, me respondeu sorrindo que assim eram as exigências higiênicas.

– Não será hora dos remédios dos da ala 3, Dr. Alejandro? Se importaria se o acompanho? – me indagou com muita naturalidade e simpatia. Sua filha era muito parecida e eu gostava muito dela. Sempre que vinha visitar a Sra. Isabel, falava comigo e vislumbrei nela certas carências sentimentais paternas, com certeza ele as deve ter abandonado. Eu sempre a distância, apesar da alma, do corpo, analiso em conjunto, me entendem?

– Como não, será um prazer – respondi amavelmente, como médico sei que a ocupação pode prevenir doenças variadas e mantém a alma viva.

O encantador sorriso da Sra. Isabel me tocou o coração. E pareceu-me ao mesmo tempo linda e um pouco desamparada.

Seu caso me intrigava muito, não o nego, porque verdadeiramente não sentia em sua conduta nenhum sintoma clássico de doença neurológica, além de certas ausências que podem ser consequência da medicação. Uma tarde na qual a Sra. Mirtes se ausentou porque o Sr. Dolovic teve uma crise (desde então apenas fala em francês e nos chama a todos por nomes gauleses), aproveitei a distração de Berenice para entrar

no escritório da diretora, tratando de investigar o histórico recente da Sra. Isabel. Não gosto de fazer essas coisas, mas estudando as pastas ordenadas alfabeticamente, encontrei uma com o nome de Antônio Farias, um paciente que não conheço e que foi aceito na “Casa de Todos” sem a minha autorização, talvez com a do meu colega, o Dr... não me lembro agora de seu nome, mas sei que começava com uma consoante, ou seria o bairro do rio, definitivamente será necessária uma conversa privada com a Sra. Mirtes, é um tema de confiança. Em todo caso, decidi sair do escritório da diretora sem mais delongas, com a sensação de ter-me esquecido de algo.

Ao sair fui surpreendido pela Sra. Isabel que me piscou um olho. Já éramos cúmplices: ao cabo de duas semanas fazíamos quase tudo juntos. Alegrei-me muito em saber que havia sido enfermeira chefe do Hospital Samaritano (de boa reputação) e creio que a “Casa de Todos” está muito bem servida de enfermeiras, apesar de não ter me lembrado de tê-la entrevistado, outro tema que mencionarei em minha conversa particular com a Sra. Mirtes.

Tentamos ajudar a nervosa Berenice, que não me pareceu muito feliz com nossa intervenção, assim como o próprio Sr. Dolovic, que entre diversos impropérios me gritava em francês iracundo algo que eu deduzia ser “*falso médico*”. Um costume na “Casa de Todos” e creio que a Sra. Isabel se deu conta, porque sua mão, minha face e meu olhar perdido se somavam a meu desalento. Sou um médico diferente, analiso a alma, mas às vezes não me encontro.

– Por favor, Dr. Alejandro, tome essa pílula e deixe-me trabalhar tranquila com o Sr. Dolovic, que eu controlo essa situação sem problemas. E ponha as pantufas porque o piso está frio e depois vem a sua filha comer meu fígado, quanta confusão! – me ordenou Berenice, empurrando-me para o meu quarto.

Amavelmente a Sra. Isabel me ajudou com as meias e as pantufas. Eu olhava pela janela e penso que me entristeci. Não sei por que às vezes eu me ausento, talvez em meu caso é uma fuga diante da ingratidão das pessoas. O cafuné em minha cabeça que a Sra. Isabel me fazia me trouxeram de volta a essa realidade tão ambígua que é a vida. Notei que me fez um sinal para que eu a acompanhasse para o seu quarto. Ali tirou da gaveta um *cd player* portátil e, de mãos dadas, fomos ao banco no pequeno jardim da “Casa de Todos”, onde ligou o aparelho. Era a reprodução do rumor do rio, esse para o qual descia acompanhado pelas tardes a caminhar, esse rio de sentimentos e de incompreensões, um rio que se formava nos olhos da Sra. Isabel, enquanto seu perfume dava breve vida àquela mulher invisível da qual sempre sabia que existia. Tudo

se confundia com suas lágrimas que me inundavam o coração, ao instante que lhe digo, com alva sinceridade, e, não sem surpresa, que a amo muito.

– Eu também o amo, Dr. Alejandro. Não fique triste, as pessoas costumam ser mal agradecidas, mas a verdade é que a “Casa de Todos” precisa de teu trabalho – respondeu com essa sua maneira tão própria de me animar.

Vimos como se aproximava sua filha, cujo joelho dava mostras de recuperação. Despedi-me de ambas com um sorriso e desculpando-me pela pressa, *“é que tenho minhas obrigações por aqui e se a Sra. Mirtes me flagra papeando com os enfermos vai me chamar a atenção, apesar de haver-lhe explicado que sou um médico que contempla o corpo e a alma”*.

– Mamãe, volte comigo para casa, por favor! Você pode vir ver o papai todos os dias. Ele não percebe as coisas, não para quieto com o seu roupão e com uns fones de ouvido que ele pensa ser um estetoscópio. Você se priva de tantas coisas, mamãe...

– Sinto muito, mas não quero, minha filha. Teu pai não me reconhece, mas não se esqueceu do nosso amor.

Preto Velho

Dedicado a Pai Luiz

I

Desde pequeno encontrava e reverenciava a Olorum nos rios, na natureza, nos animais e nas estrelas, em suas manifestações de renovação, força e pureza, sem dúvida, obras de um ser supremo. Entretanto, apesar dos fatos (ou principalmente devido a eles), a *comovedora* veneração surgiu pelo lado mais inesperado, brotando entre a humilhante miséria humana, irresponsável esperança de que tudo teria uma explicação em alguma outra dimensão, em um reino que não era deste mundo. Adorava-o inicialmente devido ao temor, vendo a desgraça de meu povo que parecia castigado por Olorum. Passei anos engolindo raiva, alimentando afogados gritos que o questionavam onde havia ficado o seu amor e sua misericórdia, até que a sagrada vida e o processo de expiação por fim me encaneceram e me laceraram as costas à medida que erigiam a minha fé. Minha devoção não nasceu do deslumbramento, nem do amor: nasceu da desolação.

Apesar dos sacerdotes e dos antepassados reiterarem que o conhecimento é um dos caminhos que conduz a Olorum, ao princípio de meu martírio, a ignorância e o medo foram os responsáveis pelo meu porfiado costume de não maldizê-lo. É certo que me haviam avisado: “*contra tudo o que verás, contra tudo que sentirás, respeite sempre a vida, tenha sempre esperança*”. Escutava sem entender a advertência em uma noite em que nos confraternizávamos e o adorávamos com as danças, as invocações, entre a fumaça adivinhadora e os atabaques de ecos que abriam dimensões, olhos revirados, vozes alheias, transe divino. Confesso que recordar essas palavras me dava certo medo místico. Como se os deuses me observassem sempre, único sentimento-argumento diante do nó da força que tantas vezes preparei posteriormente, antes de começar a compreender. O aviso dos antepassados me delegava a ineludível responsabilidade de viver e temia que o suicídio me derrocasse ao vale das almas desterradas, cuja amargura assegurava ser mais tenebrosa que a pior realidade em vida. E também vacilava, porque por momentos realmente acreditava que Olorum era bom, quando ainda me encontrava do outro lado do mar e compartilhava meus dias com Ele, agradecido pelo trabalho e os presentes da terra, de seus frutos, do ar puro, das noites de paz divididas por todos no povoado, das coxas quentes de minha mulher, seus seios que alimentavam vidas e sonhos, as estrelas que nesses céus jamais voltei a encontrar.

Naqueles tempos era fácil comungar com Olorum e minhas dúvidas não eram reféns da agonia, não clamavam por respostas urgentes devido à intocável confiança nas obras e milagres do Criador. O primeiro sinal aziago, depois dos avisos dos antepassados, foram os pássaros agitados, os animais ariscos, escondidos mensageiros da desgraça, da ambição desmensurada, do ódio e da covardia. Do presságio até a crua e inesperada realidade não se passou nem meio dia e antes da primeira estrela já me estava movimentando, impulsionado por chicotadas, de mãos e coração amarrados, unido aos meus irmãos por colares de ferro, grilhões e angústia. Passos incrédulos até um destino ignorado, sem notícias de minha mulher, de meus pais, irmãos ou filhos. Quase desquiciado, ignorava se o cheiro de morte que traziam as rajadas de vento continha o sangue dos meus ou de outros desgraçados do povoado. Entendi então que o diabo era branco, que eram muitos, que tinha olhos claros e que, insaciável glutão, devorava, sem pressa, almas azotadas e violadas.

Seu idioma era gritado e as primeiras palavras que compreendi foram os estalos dos açoites, o hálito da humilhação e o brilho de ódio, capaz de iluminar-nos quando já nos confundíamos com a noite. A dolorosa impotência era o sinal inequívoco da morte de nossos deuses que nos abandonavam em mil pedaços, de suas figuras rotas, ao lado do cadáver do sacerdote e que voltavam a morrer a cada mulher violada, a cada cuspada e a cada golpe covarde. Marcávamos nosso caminho com corpos, almas, sangue e calados lamentos até que, ao amanhecer de intermináveis dias, tive a certeza de nossa morte. Havia a intuído durante toda a noite insone, devido ao incessante rugido de mau agouro, o odor salgado do infinito, cuja profundidade descompassava meu coração e o mantinha pulsando, apesar de que já ansiasse a morte.

O que víamos diante de nossos olhos era o fim do mundo. O mar que se revelava com a alvorada e se perdia no céu. Aos diabos não lhes foi necessário bater em mim para que subisse a sua enorme casca de noz, porque voltei a lembrar-me do sacerdote que me dizia que a morte é uma viagem extensa. O que significava que estávamos a pouco tempo de nos libertar desse pesadelo. Entoávamos canções da morte, clamávamos pelos nossos antepassados para que nos auxiassem na última travessia, recuperávamos um pouco de esperança, ansiávamos pela volta de nossa liberdade, pela leveza de nossas almas e pela reconciliação com Olorum, que com certeza teria boas explicações para essa infundada opressão.

II

Melhor teria sido a morte. A única boa notícia era que alguns de nós estávamos reunidos outra vez e que assim podíamos compadecer-nos mutuamente, já que jazíamos acorrentados em um espaço mínimo, banhados por nossos excrementos e vômitos. Inalávamos nossa sufocante pestilência, mareio nauseabundo, oleadas de desgraças que a muitos usurpava o último alento. Tratávamos, sem muita convicção, de ter um fio de esperança que na seguinte manhã poderia ser jogada inerte ao mar depois de outro golpe certo da morte que se habituava a nos visitar pelas noites sem que ninguém a temesse. Chorávamos pelos presentes e agradecíamos pelos ausentes, apesar de o mar não ser uma merecida tumba para os filhos da terra.

A falta de luz nos dava a noção de um tempo preso em um lamento perpétuo. Novamente foram as aves as responsáveis pelos primeiros sinais, apesar de seus cantos me serem desconhecidos e de não poder entender suas mensagens, além da lógica proximidade da terra e do possível fim da viagem. Instantes depois éramos levados à cobertura, onde nos ordenavam com gritos e gestos para que nos lavássemos. Finalizada essa etapa, fomos conduzidos ao porto, de lá cruzamos uma cidade até chegar a um lugar que se chamava *pelourinho*. Tentava dissimuladamente encontrar a minha mulher ou os meus filhos, que talvez tivessem embarcado em outros navios, apesar de que a minha verdadeira esperança fosse a de ter a comprovação de suas mortes. Sem a presença dos sacerdotes, também se foram as oportunidades de me comunicar com os espíritos ancestrais, mas distanciados do que o esquecimento.

Logo entendi que o *pelourinho* era o lugar onde nos venderiam como escravos. Depois do suplício da viagem já não me importava que me analisassem os dentes, os braços, que nos inspecionassem como animais, porque nos dias anteriores me havia sentido menos que isso. Somente me lembrei de que me restava um pouquinho de dignidade ao ver que o chefe de nossa tribo, verdadeira caricatura de ossos, seminu, tratado a gritos e chicotadas, enquanto lhe contavam os dentes, em nenhum momento perdeu sua altivez. Não se deixava humilhar no mais sagrado que lhe restava, que era o seu olhar, espelho d'alma. Havia em sua atitude uma calma resignação e uma estúpida confiança: esse incompreensível rasgo de fé enquanto era comprado por outro diabo branco. Suas últimas palavras, antes de nossa definitiva separação, foram:

– De toda nossa tradição não ficarão as danças, nem os rituais destinados ao olvido. Somente ficará Olorum. Não o mate em teu coração, será teu refúgio mais belo, tua verdadeira liberdade.

Senti meu coração em prantos, já que desde o nosso sequestro até as lágrimas se secaram, encarceradas para sempre. Ao mesmo tempo senti raiva, porque as palavras do chefe acendiam a luz eterna de Olorum, a que diz que somos Sua criação e que não me permitia fechar todas as portas da vida em um lento abandono. Estava decidido que a minha venda seria a pá de cal definitiva para as minhas pretensões na vida, que o demais seria um deixar-se morrer sem-fim, sem sangue, nem penúrias. Uma morte por desolação capaz de me abrir as portas do paraíso, onde talvez voltasse a encontrar os meus e os nossos deuses vencidos. Mas o brilho no olhar do chefe e sua serena certeza de que o amor de Olorum está por trás de nossos desígnios e sua confiança, apesar de sua dura mão, fizeram com que dentro de mim soasse uma néscia e amarga convicção de que entregar-me e condená-lo por minhas desgraças seria infidelidade. Que me deixar desvanecer demonstraria minha ausência de fé e certificaria que eu não estava talhado para as dificuldades que Olorum me mandava em vida.

Esses pensamentos permaneceram em minha mente enquanto voltava a ser animal: marcado a fogo no braço, transportado em uma jaula sobre um carro de boi com os demais cativos. Essa nova terra, de natureza exuberante, ar quente, úmido e limpo, de intensas cores e succulenta vitalidade, devolvia ao meu corpo o mesmo vigor de sua essência. Sentia como meu organismo se sentia à vontade nesse novo lugar, que rapidamente absorvia sua irradiação e que minhas dores corporais se dissipavam apesar das terríveis condições daquela viagem. Com os pensamentos fixados na inesquecível mirada de meu chefe, olhei para a realidade ao meu redor e então deixei de me lamentar. Era transportado com pessoas em pior estado que o meu: rostos sem alma, mortos de humilhação, moldados à força de patadas. Umas poucas mulheres jogadas ao desengano e à solidão. Umas quantas crianças órfãs, completamente desamparadas, chorosas e assustadas. De pronto, entre pesares de mil sons, identifiquei a um, em especial, quase mudo, uma mistura de suplício, de desespero, de oração balbuciada. Com as mãos abri caminho entre os demais condenados até encontrar a origem daqueles lamentos: uma menina que não tinha mais de dezessete anos, mais preta que minha antiga terra em épocas de colheita, suando rios, queimando sóis, tremendo medos. Não entendia meu idioma, mas sim o meu olhar e meus gestos. Na falta de outros recursos, limpei o suor de sua testa, acariciei-lhe o cabelo e, antes que me pudesse dar conta e pensar em minha

contradição pendente, olhei para o céu para murmurar-lhe uma oração ao ouvido, que surpreendentemente teve efeito imediato.

Cuidei dela nos três dias que durou o transporte e quando entramos na fazenda, uma vez libertados da jaula e sob severa vigilância, rompeu-se a sua bolsa, empapando minhas mãos, fecundando a terra da qual seríamos cativos. Apesar de minha total inaptidão, sabia que seria o responsável pelo parto nos seguintes minutos, enquanto uma intensa intuição me dizia para que confiasse nos enviados de Olorum. A tormenta se desenhava nos céus e o espesso ar doce dos canaviais era o primeiro alento da cria que vinha ao mundo, anunciando com seu pranto o nosso futuro comum de miséria e rendição. Quando, por fim, pude devolver o filho à jovem mãe, notei outro diabo branco de botas observando-nos com ar de indiferença e porte de comando. Sem dizer nada, virou o recém-nascido e, depois de se assegurar de que se tratava de um varão, sorriu. Logo me assinalou com o seu bastão, gritou algumas ordens e ao cabo de alguns instantes os demais eram conduzidos aos fundos da casa enquanto eu era afastado e jogado em um pequeno armazém, encerrado por grades de madeira, sem mais companhia que algumas galinhas e feno, a matéria-prima de minha melhor cama desde o princípio de meu inferno. De noite, uma negra mulher me trouxe água, pão e um pouco de outra comida que jamais havia provado. Tentei um diálogo, mas não pudemos nos entender bem, vínhamos de lugares diferentes e apenas tínhamos este em comum.

Por seus gestos interpretei que estávamos aqui para cultivar a terra, que éramos reclusos e que os brancos de fato eram os diabos e seu idioma, a crueldade. Mas, o motivo pelo qual eu estava separado dos demais apenas descobri no dia seguinte. Quando um diabo, acompanhado de três negros, lhes ordenou que falassem comigo. Entendi parcialmente ao segundo, que vinha de uma região relativamente próxima da minha, onde os brancos o haviam capturado há um par de anos. O que me disse foi que, devido a minhas habilidades médicas, deveria trabalhar pela manhã junto aos demais no campo e, pelas tardes, ajudar ao velho Djaliba, curandeiro dos negros. De nada serviram meus protestos, minhas explicações de que não tinha a menor aptidão para a curandeirismo, que tudo não passou de uma coincidência devido à agônica situação da jovem, mas em nenhum momento meus argumentos o comoveram.

– O melhor tivesse sido deixá-la morrer, com a cria. Você tirou a liberdade de duas almas para mantê-las cativas no inferno – disse o irmão, dando-me as costas.

III

E assim realmente sucedeu. O velho Djaliba e eu não falávamos o mesmo idioma, portanto nos comunicávamos por gestos e palavras pontuais. Sua fisionomia era sempre grave e seu cabelo era tão branco como sua barba. Andava um pouco encurvado e quando estava ensimesmado, recorria a um cachimbo de madeira no qual fumava umas ervas que não gostei muito. Desde a primeira vez que o vi, senti imenso respeito, havia notado a tristeza em seu olhar, algumas cicatrizes de dor, mas, parecido ao chefe de minha tribo, sua mirada continha intrínseca sabedoria, algo que simplesmente formava parte dele e que vivia a cada palavra.

– Já te estava esperando – me disse com todos os recursos de comunicação que tínhamos. – Os mensageiros de Nzambi, os bakulus, me haviam avisado.

– Nzambi – repeti afirmativamente com a cabeça. Lembrava-me de nosso sacerdote que recebia alguns visitantes a nosso chefe e com frequência fazia referências a essa expressão. Com a mão esticada até o meu peito e logo apontando para o alto, lhe disse:

– Nzambi para o senhor, Olorum para nós. Nzambi, Olorum.

Sorriu e desde então tratei com grande esforço de aprender o seu idioma, o do povo Bakongo. Minhas tarefas ao começo se limitavam a recolher ervas com o *Preto Velho* “Pai Djaliba”, como era conhecido o velho, algo que fazíamos com verdadeira parcimônia, atentos aos menores detalhes da flora e da fauna. Passados três meses já havia desenvolvido um olhar certo e era capaz de encontrar as ervas como se tivesse um sexto sentido. Também já sabia distinguir as venenosas das balsâmicas, tratava de memorizar os efeitos, a forma de potencializar e de tirar suas essências, tisanas, pastas, inalações, anti-inflamatórios, anestésicos, analgésicos, tudo guardado na cabeça, já que nenhum de nós sabia escrever.

Compartíamos uma habitação humilde, próxima dos alojamentos dos homens, bastante maior que o das mulheres, já que a exigência dos diabos demandava braços fortes e alta resistência. O ambiente, como não podia deixar de ser, era muito carregado, havia um intenso ódio nos olhares que cruzavam os negros e os brancos, também certa tensão entre os próprios negros, cada um buscando a companhia de sua própria etnia. Minhas primeiras perguntas sobre as possibilidades de escapar foram respondidas com histórias, todas com final doloroso. Os poucos que conseguiram, fugiam mata adentro, mas as consequências eram terríveis. Os escravos mais próximos ao fugitivo eram

chicoteados impiedosamente. Os capturados eram torturados até a morte diante dos demais, assim todos se vigiavam entre si, algo que contribuía para a suspicácia entre os próprios escravos. A intimidação fazia parte da estratégia dos brancos, que evitavam ao máximo ter muitos escravos de uma só etnia. Quanto mais escravos estrangeiros, melhor, porque dificultava uma coesão que pudesse albergar a germe de uma rebelião. Um exemplo desse verdadeiro antro de crueldade era quando um negro que infringisse uma lei devia ser açoitado por um de outra etnia, ordenado a cumprir esse ingrato castigo.

– Um dia será a tua vez, meu filho. Espero que quando chegue o teu momento, você possa resgatar algo de fé em teus pensamentos – profetizava Pai Djaliba.

E a hora da verdade não demorou muito a chegar. Ao longo de três noites, o *Preto Velho* e eu estávamos velando um rapaz jovem que ardia em febre devido a uma mordida de serpente da qual não viu nem a sombra. Na seguinte alvorada, faleceu e em seu olhar havia uma mistura de alívio e de pesar.

– Sinto muito, Pai Djaliba – balbuciou com seu último alento.

Um instante mais tarde, entrava o diabo chefe, cujas botas jamais esqueci. Sem a menor pitada de sentimentos se informou da morte do rapaz, disse algo ao *Preto Velho* que me olhou surpreso, gritou algo para os seus capangas e em um piscar de olhos eu me encontrava com as mãos atadas, pendurado sem camisa em um tronco, enquanto as chibatadas tingiam minhas costas de vermelho, tinha o sangue da mesma cor que os dos diabos brancos. A primeira e única coisa que vi, enquanto era severamente açoitado, foram os olhos de Pai Djaliba, nos quais voltei a encontrar um sentimento quase esquecido e tão absurdo como tudo desde que me fizeram escravo: amor paternal.

Descobri que este havia sido seu destino por muito tempo, por cada escravo enfermo que seu curandeirismo não salvava. Para que não lhe facilitasse a ninguém a opção da morte, os silvantes chicotes muitas vezes abriram a sua carne. Por respeito a seu destino e até por fidelidade ao seu olhar, que em nenhum momento se apartou do meu, passei por esse suplício sem um grito, sem uma lágrima. De noite, soluçava motivado pelo ódio e pela raiva, iluminado de momentos pela brasa do cachimbo de Pai Djaliba, que orava a deuses nos quais eu não acreditava. Ele preparava bandagens com ervas que, com o toque de suas mãos, surpreendentemente me acalmavam a pele e também a ira.

IV

Ao cabo de um par de dias já tive que voltar a trabalhar no campo como se nada houvesse sucedido. Meu pensamento não era outro senão escapar dali nem bem recuperasse minha saúde. Pelo que havia observado, essa terra paria frutos generosos, era cortada por abundantes rios, o básico para sobreviver. Mas, ao mesmo tempo em que me imaginava disfrutando da liberdade por esses campos, recordava os olhos de Pai Djaliba e imaginava seu castigo devido à minha fuga. Era uma covardia e naquele dia tive a consciência de meu destino: sabia que, por não poder fazer-lhe dano a nenhuma boa pessoa, estaria amarrado ao *Preto Velho* e àquela fazenda até meus últimos dias, talvez encurvado e cheio de cabelo branco, como meu novo mestre.

Ao regressar pela tarde e demonstrar minha disposição para buscar mais ervas na mata, apesar de minhas costas em carne viva, notei que uma vez mais Pai Djaliba havia adivinhado meus pensamentos tormentosos e que, em silêncio, agradecia com humildade.

– Nzambi ajuda aos de bom coração, aos humildes e aos que têm verdadeira fé. Quanto mais você se aproximar Dele, mais te ajudará a curar os doentes e te curará a alma. Em nosso caso, viver em meio à dor nos resgata.

– Como pode ser isso? Sentia-me resgatado e feliz em minha terra natal, antes dos diabos brancos – respondi com indignação.

– Você não sabe quantas chicotadas você repartiu em tua última vida. Ele te está dando a opção: você pode pagar com trabalho ou com chicotadas.

Nas seguintes noites, em nossos aposentos, *Preto Velho* me apresentou entre sussurros a sua visão de reencarnação, a confirmação da bondade de Deus, a comprovação de sua justiça e também me trouxe a da morte de minha esposa e de nossos filhos que, segundo me relatava, não suportaram as exigências da travessia. Contou-me detalhes de meus queridos que não me permitiam duvidar da veracidade das afirmações de Pai Djaliba e da idoneidade de seus espíritos. A partir de então o escutava com avidez, bebia de suas palavras de sabedoria, encontrava consolo em seus ensinamentos e notava algumas semelhanças com nossos sacerdotes, que agora lamento não ter escutado com mais atenção no passado. Dizia-me que já me estavam preparando, que era necessário aprender mais com *Preto Velho* e arrancar o rancor por Olorum, para que meu coração pudesse brilhar e operar os pequenos milagres da cura.

Dediquei-me aos estudos contando com a paciência de *Preto Velho*, uma de suas qualidades mais evidentes. Pouco a pouco pude estabelecer contato com os antepassados e com os mensageiros de Olorum. Uma noite na qual voltei a ser castigado devido a um escravo que havia ingerido uma poção venenosa, contra a qual nada pudemos fazer além de rezar, Pai Djaliba e os mensageiros me plasmaram uma cena na qual se encontrava um homem branco (que curiosamente se assemelhava a mim) nos porões de uma grande igreja, onde torturava friamente alguns presos até arrancar deles declarações em nome de Deus, assinando suas confissões com sangue.

Devido à dor e ao ardor dos açoites em minha carne, não entendi a correlação daquela visão com a minha vida. Até que na profunda escuridão da noite me despertei assustado e banhado em suor. Acordei nervosamente Pai Djaliba.

– Aquele homem na igreja, o torturador... – lhe dizia tremendo. – Não pode ser, sou eu! Não é certo, Pai Djaliba?

Seu abraço forte cobria o meu pranto, a minha vergonha e seu silêncio me comprovava que éramos irmãos em busca da mesma rendição.

V

Por isso, quando vencemos nossos próprios pecados, vivemos por muito tempo. Pai Djaliba não me abandonou jamais, o sigo vendo entre a fumaça de meu cachimbo, apesar dos demais dizerem que eu olho para o vazio e me contam de que foi enterrado há mais de trinta anos.

“Se os Pretos Velhos têm

Os Pretos Velhos dá.

Corre gira Preto Velho

Corre gira no gongá

Corre gira Preto Velho

Com licença de Oxalá.”

Somos chamados de *Pretos Velhos*, andamos encurvados, pesos de antigas dividas, vivemos humildemente. Nossa velhice é vista como símbolo de sabedoria, já que poucos negros sobrevivem por muitos anos por aqui. Buscam conselhos, palavras

que lhes façam sentir dignidade, uma esperança divina, notícias de queridos e das moradas eternas, onde Nzambi, Olorum, Nosso Senhor nos tem por verdadeiros filhos.

*“Sou Preto,
sou Preto,
Sou Preto só na cor.
Na alma, na alma
Sou filho de Nosso Senhor.”*

Os inumeráveis cabelos brancos são por cada dor impotente de um irmão nosso, e as inumeráveis rugas ao redor de meus olhos são resultado das lágrimas que não pudemos derramar. Com o fio de voz que me resta, rompendo os cantos de fundo e os atabaques que agora são permitidos, passo adiante minhas palavras que um dia foram sementes em um terreno que não sabia ser fértil:

– Somente ficará Olorum. Não o mate em teu coração, será teu refúgio mais belo, tua verdadeira liberdade.

Sei que o dia se aproxima e que tudo acabará quando feche meus olhos que são os meus, os de meu chefe de tribo, os de minha mulher que me espera no mais além, os de Pai Djaliba. E talvez alguém comentará, entre sussurros, que não entende como alguém, depois de tanto sofrer, de tanto açoite e tanto desprezo, tenha conseguido manter certo brilho em seu último olhar, o que, em silêncio, reconhece o amor de Deus.

*“Pai Luiz, cadê Pai Mané?
Tá lá nas matas apanhando guiné.
Diga a ele que quando vier
Que suba as escadas, não bata com o pé.”*

O Dez

*“Digam o que quiserem sobre os Dez Mandamentos, devemos dar-nos por felizes por não passarem de dez.”
(Henry L. Mencken)*

– Você é novo por aqui? – Perguntei ao jovem, porque o sentia um pouco perdido, pelo seu espanto e torpeza.

– Sim, *Dez*, o padre Antônio me disse que sempre precisam de ajuda – confirmava timidamente o voluntário enquanto me entregava um prato com sopa.

Além do mais, seus gestos hesitantes o delatavam, essa pitada de insegurança que separava seu idealismo da realidade, notava-se que essa noite estava próximo de seus limites surrealistas, no umbral de uma realidade apenas imaginada (e de verdade, aqui o mundo é outro). Encontrou-me em uma noite pensativa e particularmente conversadora, combinação pouco usual. Em seu olhar havia certa indignação e algo de piedade que temia em expressar para não ofender ninguém. Era uma mistura de incredulidade com ingenuidade e percebia-se que, frente à faceta da miséria, se formulava uma pergunta bastante primária que ainda não expressava: *“mas essa gente não tem irmãos, esposa, filhos, alguém da família?”*.

Todos temos família e se vivemos na rua é porque de algum modo essa foi a melhor solução para todos. Em meu caso, mandar-me de volta não era possível, não era uma alternativa. Vivia em um mundo que não existe para a esmagadora maioria das pessoas e tratava justamente de adequar-me a essa situação, alimentando-me de indiferenças, de restos, de desperdícios ou, como no caso dessa noite, dessa gente que distribuía sopa quente.

Entendo que se perguntem como alguém pode chegar a cair tanto, como foi possível deixar-se ir assim, sem que um limite grite: *basta, até aqui, não mais!* Talvez o alarme deveria ter soado ao receber esmola pela primeira vez ou quando me despertei de frio em uma noite na qual meu único cobertor era o pelo de Lobo, de orelhas baixas e de rabo torcido, que se aproximou de mim para compartilhar o mesmo torpor, a mesma cadência respiratória, o mesmo anseio de um sono que pudesse amparar. Mas, afinal, o que passa é que sempre somos capazes de nos adaptar e nos acostumar, como os olhos à escuridão ou a flor ao lodaçal, como o Lobo e eu à rua.

Ser morador de rua significava pertencer a um mundo invisível e ignorado, mas também regulado por leis, minhas próprias leis, em menor quantidade e mais básicas que as do código civil, mas fundamentalmente essenciais. A primeira, a primordial é:

não perder a dignidade. Já desde o princípio costumava ir a um albergue para o asseio, onde também aproveitava para lavar a roupa. Nunca me faltava vestimenta porque sempre havia doações e aproveitava a ocasião para pedir ao padre Antônio que nos abençoasse, a mim e ao Lobo, para mais um dia de trabalho. Também cuidava dos meus dentes, os escovava depois de cada comida. Meu cabelo o usava bem curto, maquininha de três milímetros, fácil de cuidar. Acredito que tudo isso faz parte da dignidade. Morar na rua não significa que não pudesse estar limpo ou ter uma carroça bem organizada, não é preciso confrontar ninguém, apesar de poucos realmente nos registrarem. A grande maioria me via a uma distância média, o suficiente para julgar que mais adiante se encontrava um estorvo, um fracassado. À medida que se davam conta de que uma aproximação *realmente* era inevitável, eu desaparecia de seus mundos, seus olhos se dirigiam para o outro lado da calçada, para o chão ou para o céu, tudo menos a mim, que sempre lhes recordaria misérias e egoísmos.

Guillermo, o novato, não sabia como se aproximar aos demais, a miséria próxima o deslocava e comovia. As primeiras reações costumam ser assim, uma luta entre a fuga, a negação e esse magnetismo cruel que é a pobreza em forma de corpo e alma e que gera uma inquietação que, no fundo, perturba.

Por isso me ateno a que a dignidade não se negocia e cada um tem os seus limites. Talvez a dignidade tenha sido justamente a razão de minha situação passada. Meu problema mais grave é o álcool. Tomava pouco, mas quando exagerava na dose, ficava violento. Meus cunhados já me haviam avisado que da próxima vez não me perdoariam. Até que chegou o dia negro, a notícia de meu desemprego, os tragos para esquecer, as putas para humilhar e Susana e suas críticas que impacientemente me esperavam em casa. A torrente de palavras me deixava tonto, “*fracassado*”, estava visivelmente farta, “*irresponsável*” e essa frustração se intensificava e se acendia, “*ignorante*”, até descontrolar-se em rajadas de ódio que eram todo o seu triste e incompreendido desespero.

– E ainda por cima chega cheirando à prostituta. Um porco como você realmente tem que pagar a uma fingida para poder se sentir homem – gritou como um cachorro raivoso, cuspidando saliva na minha cara. À continuação me despertei como uma besta e em um breve impulso desferi o golpe de fúria, seu nariz sangrando, um dente quebrado, o olhar de minha enteada pré-adolescente e seu agudo grito por ajuda, o pavor nos olhos de Susana e seu “*vai embora, covarde*”, encarando meus olhos sombrios e minha

erguida mão tão culpada como sua sentença. Foi minha primeira noite na rua, prófugo da reincidência, condenado a minha fraqueza.

A claridade da seguinte manhã me surpreendeu como um cachorro vira-lata. Não me suportava e devido a isso os olhares depreciativos das pessoas na verdade me faziam bem, suas repulsas indiretas me apontavam, me xingavam com silencioso desdém. Comecei a caminhar longe dali: outro bairro, outra zona, um submundo, no qual pensava que covardes como eu encontrariam um esconderijo diante de seus crimes íntimos. Enquanto o pouco dinheiro que se ia com minhas perspectivas de voltar a conseguir trabalho, a depressão se instalava oportunamente. Já não sabia mais o que dizer. De nada adiantaram comprimidos, orações ou períodos de falsa abstinência, seguia ali como uma sombra em um quarto escuro.

Tranquei-me por conta própria, condenado por minhas lembranças, minhas culpas. Encontrei abrigo em um albergue e também na igreja do padre Antônio, mas nunca o encontrei em minha consciência e, assim, em questão de semanas, a rua se converteu em meu lar.

– Em uma noite de sopa, encontrei a um voluntário como você que argumentava que a humanidade em realidade não estava tão longe de sua regeneração – comentava com o novato que parecia interessar-se por minhas besteiras.

– Também sou otimista – respondeu Guillermo que partia o pão. Sentia um justo prazer em notar que todos se alimentavam com algo substancial e quente, fruto em parte de seus esforços.

– Dizia que bastaria que seguíssemos os dez mandamentos. Era o único que Deus nos pedia há milênios, nada mais – segui lembrando.

A partir de então decidi fazer a minha parte. Era como se fosse um desafio para mim, um caminho de salvação por sobre minhas misérias e debilidades mortais. Conformava-me em ser um estorvo para a sociedade, mas me entusiasmava a ideia de que ao menos pudesse, a partir daquele instante, estar em conformidade com os pedidos de Deus. Os anotei na seguinte manhã, com a ajuda do padre Antônio:

- 1º Adorar a Deus e amá-lo sobre todas as coisas.
 - 2º Não usar o Santo Nome de Deus em vão.
 - 3º Santificar os Domingos e festas de guarda.
 - 4º Honrar pai e mãe.
 - 5º Não matar.
 - 6º Guardar castidade nas palavras e nas obras.
-

7º Não furtar.

8º Não levantar falsos testemunhos

9º Guardar castidade nos pensamentos e desejos.

10º Não cobiçar as coisas alheias.

Por pouco mais de um ano me aferrei a isso de maneira obsessiva (o que explica o meu apelido). Vivia juntando papelão para uma cooperativa, onde me proporcionavam cama e comida, isso me impedia de pecar. Sentia-me mais tranquilo assim, podia dormir em meu quartinho e dizer a Deus que hoje havia cumprido, que não o havia ofendido. Não era suficiente para apagar as imagens daquela fatídica noite, mas me gerava uma tranquilidade que não sentia desde que saí de casa e me ajudava a manter a distância a destilada besta que me rodeava.

Sou muito agradecido a Deus por essa sensação, que me fazia esquecer ou entender um pouco minhas culpas e essa é uma das razões pelas quais o amo, o primeiro mandamento. Não me queixo de nada e estou convencido de que na vida, Deus me dá o necessário para cada dia. O segundo mandamento não o entendi totalmente, apesar de o padre Antônio me garantir de que era menos importante hoje em dia.

Não é necessário discutir sobre os demais mandamentos, são fáceis de seguir para a grande maioria das pessoas com um mínimo de senso comum, salvo a parte que fala do adultério e o tema do falso testemunho. O padre Antônio me explicava que o adultério não era simplesmente uma traição física, mas que muitos adulteravam esperanças, sonhos e verdades, assim como eu havia quebrado também a parte moral de nosso casamento (apesar de Susana e eu nunca termos casado), com minhas quedas e repetida violência.

O falso testemunho igualmente abarca mundos infinitos. Todos mentem, é nato. O homem é assim, mentiras suaves, mentiras brancas, mentiras inconscientes, parece doença. Para mim, resultava mais fácil seguir este mandamento porque quase não tinha vida social, não interagia com muitas pessoas, o que reduzia drasticamente a necessidade de verdades ou de mentiras. Perguntava ao padre Antônio se ia por um bom caminho.

– O difícil, *Dez*, é manter a moral elevada entre tantos irmãos de má índole – explicava em uma tarde em que me atendeu com muita consideração. – Jesus resumiu os dez mandamentos em um: amar a Deus de todo coração, mente e força e ao próximo como a ti mesmo. Ao final, será entre você e Deus.

Fez-me pensar muito e da mesma maneira que esse mandamento único me parecia inalcançável, foi justamente a maneira de ser do padre que me convenceu de que era possível. Ele não me discriminou jamais e ainda tinha paciência para escutar-me e falar-me, apesar de que procuro realmente não incomodar. Creio que me trata assim porque ama a Deus e também (e isso ainda me emociona), porque me ama como a si mesmo. Beije suas mãos com lágrimas nos olhos.

Acontece que descobri que essa classe de amor que senti também tem forte influência da piedade e foi impressionante o modo como se inverteram as coisas, como pude vê-las mais claramente. Alguns me olham com piedade, mas o difícil sob a perspectiva de todos é que *eu* os olhe piedosamente. Por muitos dias, depois da conversa com o padre Antônio, pensei: e eu, jamais sentiria piedade por alguém? E a resposta veio com os dias, a comentava com o Lobo, que em seu silêncio, a compreendia perfeitamente. Estávamos remexendo lixo, quando passou um sujeito de uns quarenta anos. O Lobo e eu ocupávamos meia calçada, mas acredito que nossa aura de miseráveis a tomava por completo e devido a isso o obrigava a desviar-se para a rua.

– O cachorro não morde, senhor – comentei.

Não respondeu, não disse nada. Balançou negativamente a cabeça, não nos olhou e demonstrava seu claro descontentamento com a minha voz, minha frase, minha presença. Seguiu caminhando como se não existíssemos. Quando já os primeiros termos que o mandariam para o quinto dos infernos se agrupavam em minha cabeça, as palavras do padre me alertavam e, enquanto via como o entojado se distanciava, consegui dizer em silêncio:

– Que Deus te abençoe, meu irmão, e que tenha piedade de você.

E isso era o mais absurdo de toda a situação. Contra as palavras preconceituosas, contra os olhares com asco, contra o desprezo e as brincadeiras ofensivas, erguia-se em mim o sentimento de fraternidade e discretamente pedia a Deus que os abençoassem. Ao lado do abismo social que eu registrava todos os dias, formava-se um paralelo, um abismo moral: caíam máscaras, revelavam-se as misérias da alma.

Às vezes, de noite, ao rezar o pai-nosso, algumas cenas de humilhação do dia me voltavam à memória, justamente no *“perdoe as nossas ofensas, assim como perdoamos a quem nos tenha ofendido”*. Lembrava-me do lugar, das palavras, da voz das pessoas que me discriminavam, mas ao tratar de me lembrar de seus rostos, o único que via era o meu. E não conseguia terminar a oração, essa que Jesus garantia que continha tudo.

Sentia que havia algo urgente. No dia seguinte, a esperei por quase duas horas. Quando a vi descendo do ônibus, eu tremia por inteiro. Meu coração disparou, minhas mãos suavam e minha boca secou. Não me notou e justamente ao atravessar a rua ,a chamei, com minha voz mais autêntica. Olhou-me por segundos indecisos.

– Fernando? – Duvidou da mesma maneira que eu de meu nome, já tão acostumado ao meu novo apelido.

Creio que os segundos imprevistos, nos quais não sabemos como reagir, muitas vezes nos revelam, porque são anteriores à razão. A surpresa nos despe por falta de antecipação. E assim voltamos a nos ver novamente, nus.

– Você está bem? – Perguntou, provavelmente devido aos meus trinta quilos a menos e algumas marcas em meu rosto.

– Sim, obrigado – respondi torpemente, talvez porque há muito tempo não me faziam uma pergunta assim, com preocupação. – E você?

Em seus olhos não pude notar se me tinha ódio, medo ou repulsa. Seu assombro era evidente e isso ainda a dominava.

– Bem, obrigada – respondeu tentando entender a situação. – O que você está fazendo por aqui? – Perguntou diante da minha total incapacidade de conduzir essa situação.

Meu nervosismo era visível, assim que, sem rodeios, fui direto ao ponto, antes que outros sentimentos me perturbassem.

– Quero te pedir perdão, por ter falhado contigo e, principalmente, por minha violência – expliquei como uma súplica urgente.

Outra vez as reações imediatas, impensadas. Creio que agora se situava, se lembrava, destampava sua caixa secreta. Suas mãos tremiam, assim como a parte superior de seu olho esquerdo, que indicava que o trauma seguia alojado em seu espírito e que de lá mexia os fios e tremores incontrolláveis. Algo realmente se havia quebrado. Acredito que imagens daquela noite nos voltavam à mente, como em um particular juízo final.

– Sinto muitíssimo, sei que passei uma fronteira sagrada. Te peço perdão, me dá muito vergonha, estou pendente de tua caridade.

Não pude dizer mais e talvez tenha sido a melhor decisão. Não pedia absolvição, nem reconciliação, não vivia ilusões, não buscava desculpas. O único que me sustentava era a sinceridade de minhas palavras, talvez fosse pouco, mas essencial. Por mais que quisesse, mais não podia fazer.

Sua reação foi totalmente inesperada. Susana me abraçou, assim como em uma tarde o fez o padre Antônio. Enterrei minha cabeça em seus ombros e em vão tratei de não chorar. Seu estático e sincero abraço naquele momento me acolhia como a um irmão e foi ali onde me dei conta de que o perdão era possível, que me lembrei do Cristo.

– Há um mês ligaram de teu antigo emprego. Parece que precisam de soldados com experiência e te estavam procurando – disse por fim, recuperando-nos. – Qualquer coisa liga para a minha casa que tenho os dados anotados.

– Obrigado – respondi antes que ela atravessasse a rua e fosse rumo à sua casa, sem olhar para trás, apesar de conhecê-la o suficiente para saber que estava comovida.

Saí caminhando à toa. Por dentro levava comigo uma emoção indescritível, o alívio do perdão. Acreditei em seu perdão. Pelo caminho, encontrei a três invisíveis, meus irmãos remexendo o lixo, separando recicláveis. A dignidade não se negocia, nossa lei. Enquanto caminhava e rezava, lembrava-me de muitas coisas desde a primeira noite na rua, de Susana, do Lobo, de Moisés, da Virgem. E, em especial, do santo padre Antônio, meu verdadeiro amigo. Sempre me falava das máximas, assim como Jesus o fazia com suas parábolas. Isso me permitia entender melhor certos princípios, porque na verdade compreendia muito pouco do que dizia a Bíblia, muito rebuscada para mim.

– Tente entender a Jesus, mais além da Bíblia, *Dez* – me aconselhava.

Desde então tenho os meus dez mandamentos.

– E que me perdoe, Moisés – comento com meus colegas soldados, – mas os meus são rotativos, de acordo com as situações da vida, a coisa é dinâmica!

Um dos que sempre está é: reconciliar-se com os inimigos enquanto está no caminho. É o que me levou ao perdão de Susana e, em seguida, penso que é necessário perdoar setenta vezes sete, porque aquele que estiver livre de pecado que atire a primeira pedra. Sei que os alimentando, estou alimentando Jesus. Multiplico meus talentos preparando e servindo sopa com os voluntários da paróquia (com o Lobo à frente). Sem que a mão direita saiba da esquerda. Enquanto encontro o meu passado e meu presente nos rostos dos pobres que a tomam, trato de animá-los lembrando-lhes que se ajudando o céu os ajudará, que Deus alimenta até as aves do céu, que seus corações puros e mansos encontrarão abrigo em seu reino, que não é deste mundo, onde os humilhados serão exaltados. E assim, em um breve olhar, os mandamentos se fazem presente em todos os lados e pensamentos, porque em tudo está Deus.

E aquele que um dia morou na rua sabe que, ao se deparar com tanta desolação em cada rosto, alguém se perguntará: “*mas essa gente não tem irmãos, esposa, filhos, alguém da família?*”.

Respondo-lhes devolvendo a pergunta, lembrando-me de Padre Antônio e suas pacientes explicações:

– Quem é minha mãe, quem são meus irmãos?

Sim, temos uma grande família. O que acontece é que ninguém se importa.

O valor real

“A ilusão é o primeiro de todos os prazeres.”
(Voltaire)

I

Em um determinado momento da minha vida cheguei a uma conclusão: um homem tem que ser endinheirado. Para mim o mundo estava dividido entre os que podem e os que servem, os que entram e os que estão de fora, os que olham e os que são vistos. Decidi entrar nesse teatro oportunista da vida que de alguma forma me era negado e, para tal, saber escolher era uma condição fundamental para obter êxito. Não era elitista, era pragmaticamente realista e essa é outra qualidade primordial para chegar longe em um mundo em que as coisas passam demasiadamente rápido e onde disfrutar de certos luxos parece ser um direito legítimo. Entendia que a vida era uma competição, cujo final não era outro que subir.

A ideia de meu mundo foi-se formando ao longo de minha juventude, cursando os primeiros anos de jornalismo em uma universidade privada, que pagava com ajuda de meus pais e de meu salário de estagiária em uma revista de moda que meu pai arrumou com seus contatos. Estava apaixonada por Rafael e era romântica e insuportável. Com ele, discutíamos em um boteco qualquer algo sobre injustiças sociais, temas manjados de pseudoidealistas. Depois de vários mates amargos lavados por redundâncias estereotipadas, íamos ao seu quatinho de pensão e fazíamos amor enquanto a fumaça dos baseados ressuscitava Marx, Gandhi, Atahualpa Yupanqui, que a força de cannabis e de vinho barato formavam todos uma família *United Colors of Benetton*.

Creio que amei o Rafa de verdade, foi meu primeiro homem. Ríamos muito, tinha um humor peculiar e inadvertido. Surpreendia-me com algum jogo de palavras, com ironias que me seduziam, um olhar que me deixava com vontade, mas suspeitava que seus encantos não seriam suficientes para converter o seu destino em ouro. Que seus horizontes futuros não transmutariam a simplicidade de seu quarto de pensão, tão longe dos fios que verdadeiramente movem o mundo.

A princípio ríamos da divisão que naturalmente se formou nos grupos da universidade, de acordo com a classe social, dinheiro, grana, mufunfa, prata, money; não pelas inclinações políticas, nem pelos gostos artísticos. Por isso, enquanto alguns de meus colegas estavam em Punta del Este, Mar del Plata ou Miami, eu tomava sol em Palermo e me perguntava se isso fazia algum sentido. Observava a Rafa que jogava um pau para um cachorro vira-lata, que virou seu amigo, outro dom que tinha,

encantador e infrutífero e creio que naquele momento entendi que precisava de algumas mudanças, quem sabe um homem de verdade que me abrisse portas e mundos. Foi quando decidi começar a minha metamorfose e entrar no jogo.

Aproveitei aquelas férias para dedicar-me a coisas fundamentais: ir à academia todos os dias (exercícios localizados: glúteos, barriga), dieta controlada, uma conversa com papai (o suficiente para um bom cabeleireiro), os descontos de janeiro para renovar-me e o salto alto amigo de toda mulher, para acrescentar meu poder de sedução. Rafa, no começo, ficou doido, mas me incomodou um pouco que não entendia nada e em nenhum momento pensou em aposentar suas camisetas dos Rollings ou outras *vintage* dos anos oitenta. Não é que sua ambição estava em outras coisas, simplesmente *não* existia. Meu objetivo era outro.

Faltei nos três primeiros dias na volta das aulas. O suficiente para que os demais se saciassem das novidades para que, no quarto dia, a grande notícia dos corredores fosse eu. Disfrutei desde o começo, no pátio, notava que alguns rapazes não paravam de comentar, nos corredores se davam cotoveladas e me apontavam com os olhos. Na aula, o burburinho inicial se transformou em um breve silêncio e a confirmação de meu impacto a tive ao ver a cara invejosa das demais estudantes. Poucos momentos são mais gloriosos e prazerosos para uma mulher e aproveitei com minha melhor cara de indiferença, outra arma imprescindível nesse jogo.

O primeiro que se aproximou foi um do terceiro ano, que, apesar de estar excelente, não cumpria com a premissa financeira e, portanto, o utilizei para demonstrar o quão inalcançável eu era. Estava claro que nesse tabuleiro de damas, quem moveria as fichas era eu, ou seja: eu escolheria e não o revés. Meu alvo tinha nome e sobrenome tradicional, claro. E me notou depois de algumas semanas de paciência e dirigidas casualidades. Utilizou-se de cantadas pouco criativas, me convidou a festas que cheiravam a pouco, assim que sucessivamente o ignorava e no último instante o ataçava com um sorriso, um perfume, uma maneira de caminhar e com conversas que inventava em meu celular mudo.

Rafa me censurava, dizia que eu tinha mudado de lado, que tinha me tornado uma dessas filhinhas de papai asquerosas, das quais nos havíamos rido tanto e que, para fazer um papel de ridículo, preferia ir-se.

– Não te reconheço mais, Paty. O que te aconteceu? Que bobagens são essas? Você nunca falava de ambição, não te importavam os lugares que frequentávamos, muito menos a minha maneira de ser – me dizia o bobinho sonhador.

– Nota-se que você não me entende. Que você não sabe ser um homem de verdade, que você lê Kafka, Dostoievski, Sábato, mas não lê o mundo ali fora que passa a toda velocidade, enquanto você permanece em uma nuvem que nunca tocará a terra – disse secamente, porque é assim que se dizem as verdades, sem parcimônias inúteis.

– Trato de viver pelos meus valores – foi a sua última e barata pérola utópica que ficou sem réplica, apesar de conter esse véu charmoso disfarçado de ingenuidade e talvez de pureza.

II

O mundo que meses mais tarde conheci com Maurício era imponente por suas formas, suas leis, seus olhares, detalhes, sorrisos e silêncios, sinais que captava com um sexto sentido pouco comum. A primeira coisa que fiz foi disfarçar meu deslumbramento, ao fingir indiferença. Não confiava em ninguém (outra regra de ouro) e pouco a pouco envolvia Maurício em uma rotina na qual meus gostos e caprichos eram comprazidos, todo um termômetro que media meu poder de influência. Sabia que era fundamental que Maurício tivesse orgulho de mim, o que obviamente significava estar com o corpo, cabelo, roupas, joias (presenteadas por ele, claro) perfeitas. Provocar a admiração dos demais homens que deveriam parabenizá-lo por estar com uma mulher estonteante como eu, saber me comportar nos ambientes sociais que eu direcionava para que fossem cada vez mais exclusivos. Se por acaso algo falhasse com Maurício, ao menos estaria em um ambiente de vencedores, de poderosos e tinha certeza de que minha figura discreta, suficientemente encantadora e sedutora, já deixava uma fila de pretendentes potenciais.

Às vezes, lembrava-me de Rafa, quase sempre em situações inoportunas. Uma vez estava jantando com Maurício em um restaurante de moda, onde pedi um prato leve, bastante caro, apesar de a porção ser, digamos, comedida. Minha memória automaticamente me levava a uma de tantas anedotas do passado recente:

– A mim me parece puro exibicionismo, disso se trata – comentava Rafa, com o “*Pelado*”¹⁸ Torres dono de um *grill* ao lado de sua pensão. – As pessoas vão a esses lugares somente para demonstrar aos demais que podem pagar duzentos pesos para uma

¹⁸ Careca

saladinha qualquer, para que meia hora depois estar com a barriga no espinhaço, roncando!

– E para essa enganação pagam duzentos pesos? – duvidava o velho *Pelado* com olhos pícaros. – *Cê tá de brincadeira, flaco!* Se com este valor eu te preparo três *bifes de chorizo* completinhos!

– Justamente! – Respondia Rafa, antes que os dois se partissem de risada, daquelas que contagiam, que nos faz rir juntos e que se umedecem com algum gole gelado.

– Do que você está rindo, divina? – Perguntava Maurício que cortava a lembrança em um instante em que casualmente não olhava para o celular

– Das contradições – contestei sem que nos déssemos conta.

III

Profissionalmente, com a decisiva indicação do pai de Maurício, formava parte do editorial de uma revista, cujos assuntos misturavam temas glamourosos, festas, moda, vernissages, projetos sociais de gente importante, tendências culturais, eventos famosos, resorts e itinerários de férias. Uma tarde fui cobrir uma exposição de arte patrocinada por um banco importante do país, mas tive dificuldades em chegar ao estacionamento do museu devido a uma daquelas inconvenientes manifestações dessa cidade sem comando e à mercê de desocupados. Já formulava em minha cabeça algum comentário para a coluna semanal da revista, quando vi passar, em frente ao carro, um rosto conhecido ao lado de aposentados que protestavam com panelas em mãos e a todo pulmão contra a política econômica do governo ou algum outro tema que provocava essa desordem financiada por alguns traidores, conforme comentaria Maurício no jantar desta noite. O rosto conhecido era o de Rafael. Passados quase três anos, seu cabelo estava apenas um pouco mais curto, levava uma Kodak em sua mão, jeans e *all stars* como sempre, mas entre a dúvida daqueles rápidos segundos e a certeza que me fisionou o coração, o que me confirmou sua identidade foi o inequívoco brilho de seus olhos, essa chama que provavelmente seguia alimentada por uma torpe ilusão, um pensamento utópico, uma crença romântica, se é que pode haver algo de tenro em um sujeito vociferando gritos entre desiludidos aposentados de caçarolas em mão.

Passados mais de trinta minutos daquela cena, ainda não sabia explicar porque meu coração estava acelerado e porque minhas pernas tremiam. Estava incomodada,

tudo naquela cena da rua me aborrecia, estava indignada e mentalmente tratava de me defender, de desculpar-me sem que me acusassem. Mas tinha essa sensação de ter feito algo mal. Tentava tampar meus olhos depois de haver visto tudo, talvez uma verdade, talvez algo que se possa afogar e matar no esquecimento. Estava claro que meu futuro ao lado de Rafael teria sido muito diferente ao de meu ambiente atual.

Mas, passados alguns dias, seguia inquieta, não bastava lembrar-me constantemente de seu rosto, de lembrar que éramos íntimos em palavras, mas passava a imaginar-me com ele, visitando-o como uma dama em seu quartinho de pensão, entregando-me a ele vestindo nada mais que minhas autênticas pérolas, meus novos seios (presente de Maurício e de seu amigo cirurgião). Altiva e promíscua, disfrutando de prazeres proibidos em cumes viciosos e chorando minhas traições em vales profundos. O fantasiava e assim duvidava de meus sentimentos: no verdadeiro amor, uma dúvida é uma resposta definitiva, sabemos disso, mas não queremos admitir.

Tive consciência plena desse momento. Meus sentimentos e minha razão me diziam que a situação que vivia com Maurício era um erro afetivo, uma decisão contrária a meu coração e me convertia em coautora de meus crimes de amor. Cada conversa com ele me deixava mal, era um tipo estranho para mim, apenas conhecíamos tontas superficialidades, ele ocupado com as partidas de tênis no clube e eu com as novidades de Helena Rubinstein: unidos pelas mesmas futilidades. Evitava sua proximidade porque me sentia suja, como se a panela de Rafa retumbasse em minha cabeça, vendida a pátria, vendida a fé, vendida eu mesma a troco de vinhos tão bem escolhidos por Maurício, embriagada de solidão, de mentir, de frieza.

Decidi vê-lo. Sempre soube onde encontrá-lo, porque a verdade não deixa de existir mesmo que a tratemos de ignorar. Sorriu ao me ver, estava nervoso, me convidou para entrar em sua casa, agradável, limpa.

– Quer tomar algo, Paty? Agora tenho vinhos melhores, apesar de não serem tão bons como nos lugares finos que você frequenta. Mas aqui você pode fumar sem que te encham – revelou e me surpreendeu que soubesse do vício que tanto tentava esconder do Mauricio.

Era um homem, havia amadurecido, impressionou-me seu timbre firme de voz. Sabia do impacto que me causava, mas não se aproveitava, contava histórias, consciente de minhas carências, enchia meu copo olhando profundamente em meus olhos, em meus segredos. Vacilava por alguns segundos para parar o meu coração, olhava minha boca e me deixava insegura e disposta, mas saía de cena como se nada, com um

galanteio que flutuava no ar e que me fazia sorrir encantada. Quando falava de sentimentos, de desejos e sonhos, seu olhar ficava grave, um pouco triste e parece que me lia os olhos e desnudava minha alma com sentimentos que eram verdades, sensações, equívocos, sem me julgar.

– Nunca tive uma conversa assim com Mauricio. Existe a intimidade absoluta?

– Perguntei-lhe já na entrada à noite, faces vermelhas de vinho, celular desligado.

– Apenas com sentimentos absolutos, Paty – respondeu e eu sabia o porquê.

Falamos, tomamos, rimos, fumamos, cantamos, calamos, me fui em silêncio, não houve protestos. Sentia-me sozinha, me chateava minha verdadeira cara, meus esboços mal traçados de filosofia, minhas máscaras, minha covardia. Não se tratava de Maurício nem de Rafael, mas do fútil que pode ser uma vida, que na falta de verdadeiros vínculos, há a frágil solidão, povoada de um tempo que nunca foi verdadeiro, nem feliz.

Havia perdido contato com tudo. Não me lembrava da última vez em que lavei roupa, em que reclamei dos preços no supermercado ou que me indignei com a injustiça de algum desconhecido. Afastei-me da quitanda do bairro da mesma maneira que da pureza, não tenho ideia do preço do metrô, nem sei o valor de um sentimento inteiro. Esqueci-me do princípio e perdi a simplicidade. Comentei com o Rafa na seguinte semana, quando nossas vontades de nos ver não permitiam outras opções, quando sentia que precisava falar com alguém, sobre mim, sobre como sou, como me sinto.

– Jogar tudo pro alto, sem olhar para trás. Se você realmente vê as coisas desta maneira, é o único que você pode fazer – disse enquanto me preparava um café, melhor companheiro de meu cigarro clandestino.

– Seria uma mudança total. Recrimino-me por não ter acordado antes. Meus descuidos me levam a verdades extremas.

– Até aqui você está apenas tomando um cafezinho recém-passado, relaxando, filosofando, nada mais. No jornal precisam de alguém para o jornalismo de investigação. Terias o suficiente para se virar sozinha, comer, alugar um lugar. Se quiser manter os teus luxos de cabeleireira, você terá que lavar, passar, cozinhar. O peso de uma palavra é a sua atitude – expôs sem realmente dar alternativas morais.

IV

As opiniões foram diversas: alguns diziam que foi um erro, outros que estava claro, que não pertencia àquele mundo, que era uma oportunista. A grande maioria não

se importou. Meu pai me apoiou e me incentivou, Maurício me desprezou. Meu novo lar é pequeno, mas custa-me menos mantê-lo cuidado. Ainda me sinto mal, choro sem motivo, meu coração me pesa, minha cabeça não para de pensar. É uma fase introspectiva, na qual trato de evitar o mundo lá fora, cozinho pratos saudáveis, trabalho mais, ganho menos, não me descuidei, sigo vaidosa, dentro do possível.

Rafa me escuta sempre, tem muita paciência, se interessa por meus dilemas, sinto o coração um pouco mais quente e uma expectativa quando me fala ou se aproxima. Estuda-me e o entendo, também me vou descobrindo e lhe conto meus pensamentos, minhas impressões, me entrego pelo meu lado menos carnal. Sinto vergonha de algumas decisões do passado, mas não me condeno mais. A proximidade de Rafael faz fluir os pensamentos, me deixa mais leve, sorrio para ele e noto que acusa os golpes. Sofremos sem pressa, inspiramos segredos, antes de queimar urgências, sei que ambos precisamos voltar a confiar em mim.

– Antes de ir para cá, pensei que hoje poderíamos comprar um vinho branco – exclamou feliz porque era sexta-feira, porque talvez seria essa a noite sem fim.

– Abra a geladeira, querido colega – pedi passando o suficientemente perto para deixar em seu subconsciente o doce aroma de minha pele e de meu perfume.

Ao fazê-lo, apareceu uma garrafa de vinho branco, escolhido por mim a puro critério custo-benefício.

– Adoro as coincidências, quando pensamos as mesmas coisas – disse sem se esquivar dos sorrisos recíprocos que abriam mundos, pensamentos vigorosos que atavam sem oprimir, olhares que revelavam pensamentos que perdoavam. E então o tempo parava e, ao mesmo tempo, superaria toda a velhice.

Paralisados, sabíamos do inevitável: que esta eternidade é criada pelo amor.

Esclarecimentos

Os livros publicados por Hendrik Wernick nasceram como consequência natural dos trabalhos mediúnicos, aos quais o autor está vinculado desde 2002, quando começou a estudar e a trabalhar com o Espiritismo. Ao longo dos seguintes anos trabalhou em Centros Espíritas e de Umbanda, até fundar, com sua esposa, o Centro Espírita Apométrico Fraternidade da Luz, localizado na periferia de São Paulo, onde executam gratuitamente os trabalhos espirituais.

Diretamente vinculado às obras publicadas está a técnica de psicografia que se baseia em alguns princípios fundamentais do universo espírita:

- O Espiritismo é uma doutrina reencarnacionista, fundada sobre a crença na existência de espíritos e em suas manifestações. Acredita na existência da alma espiritual e imaterial.
- Médiun: pessoa que pode servir de intermediário entre os espíritos e os homens.
- Psicografia: é a capacidade de escrever por si sob a influência/inspiração de um espírito.

No Brasil, o fenômeno da psicografia se difundiu especialmente por meio da obra do médium e filantropo, Chico Xavier, indicado ao Prêmio Nobel da Paz (1982 e 1983) e referência do mundo espírita, autor de mais de 450 livros psicografados, mais de 40 milhões de obras vendidas e traduzidas a 33 idiomas e cujos direitos autorais foram integralmente doados a instituições sem fins lucrativos.

Chico Xavier tinha o dom da psicografia mecânica, na qual o espírito comunicante controla a mão do médium e, por conseguinte, impõe suas palavras e caligrafia. Esse tipo de mediunidade é bastante raro, pois a grande maioria dos médiuns se utiliza da psicografia intuitiva.

Essa forma mais comum, utilizada nas obras **O círculo**, **Norma e eu** e **Três segundos**, busca captar o fluxo mental, o pensamento central do espírito comunicante e o expressa com seus próprios recursos, tanto com relação à terminologia quanto à forma. Para os médiuns, a principal dificuldade nessa técnica é a de discernir entre qual pensamento é seu e qual tem sua origem na mente do espírito. Devido a essa incerteza, alguns escritores, pintores, músicos, etc. das mais diferentes vertentes não sabem que em seus momentos de inspiração podem ser fortemente influenciados por pensamentos de espíritos que trabalham ao seu lado. Existem vários relatos de escritores que

comentam que ao fim de um conto ou de uma obra ficam reticentes em assiná-la, porque sentem que lhes foi ditada o que não as reconhecem como integralmente suas.

Segundo o Espiritismo, todos temos mediunidade latente, sendo em forma de intuições, de visões, de sonhos, de *déjà vu*, de sensações ou de experiências espirituais. Uma vez estudada, educada e desenvolvida, se manifesta de maneira mais concreta: vidência, psicofonia, psicografia, mediunidade de cura, entre outras. Em nenhum momento mediunidade é sinônimo de evolução moral, visto que é uma característica presente em “bons e maus”, honestos e corruptos, crentes e materialistas.

Essas características são exploradas nos contos inspirados pelo espírito Pablo (mentor intelectual e verdadeiro dono da obra), que costumam nascer de situações cotidianas para logo entrarem em labirintos e mistérios da alma imortal, ao evidenciarem conflitos, contradições, preconceitos, revelações e desejos que muitas vezes fazem parte de nossas vidas. O mundo espiritual está mais presente em nosso cotidiano do que podemos imaginar e os contos buscam estabelecer essas pontes, por meio das emoções e da fé raciocinada, do conhece-te a ti mesmo.

Diferentemente da grande maioria das obras espíritas, nas quais a moral e os ensinamentos costumam ser um selo característico, os contos de Pablo e Hendrik Wernick, escritos em espanhol e traduzidos ao português pelo próprio autor, buscam despertar a inquietação dos leitores, fazem soar a campainha interior que adverte que, para a alma imortal, sempre seremos herança de nós mesmos, de nossas ações na roda de reencarnação. Muitas vezes nossa consciência emite sinais que tratamos de ignorar e nos deparamos com verdades que exigirão mudanças fundamentais, que tememos ou postergamos, apesar da evolução espiritual ser sempre individual e intransferível.

“A sementeira é livre, mas a colheita, obrigatória.”

Sobre o autor e as obras

O narrador argentino, mesmo sob a influência do espírito Paulo, sofre os mesmos efeitos que o leitor ao encontrar-se diante dos primeiros incisos de cada conto. Diante da folha em branco, os contos se revelam a cada novo parágrafo, mergulhando em seu próprio mundo íntimo, percorrendo os mesmos tortuosos sendeiros da alma e do autoconhecimento, no caminho cujos desfechos seguem sendo imprevisíveis para o autor até o ponto-final.

Da mesma maneira que a grande maioria dos personagens retratados, o autor tem a idêntica necessidade de decifrar sentimentos ou situações aparentemente superficiais, sintetizar os acontecimentos e emoções, que muitas vezes são simples pensamentos fugazes, tremores internos, verdades escondidas que se acumulam progressivamente enquanto os contos se desenvolvem com vontade própria, incontroláveis.

Todos os direitos autorais serão integralmente doados a instituições sem fins lucrativos, permanecendo sempre a opção de baixar os livros de forma gratuita no site.

O círculo

Composto por 14 contos, **O círculo** abarca temas como o aborto, migrações humanas, resistência diante das ditaduras, adoção e os aproxima ao leitor por meio dos invisíveis fios que são as possibilidades de conexão espiritual, a reencarnação e as leis de causa e efeito, imunes perante o tempo.

No vórtice das tramas, os fatos se sucedem de tal maneira que emergem nos pontos exatos nos quais o livre-arbítrio dos personagens os leva a decisões e consequências, cujas repercussões podem determinar ou explicar as necessidades de evolução espiritual.

Muitas vezes, basta um acontecimento ou um pensamento para iniciar a busca pela espiritualidade.

“Cada leitor se encontra a si mesmo.”

(Marcel Proust)

Norma e eu

Edição composta de 13 contos, **Norma e eu** segue a linha do volume anterior, incorporando temas, como a saúde mental, os preconceitos, os vícios, a fé e a reforma íntima em contos situados em distintas épocas.

Mesmo que às vezes de maneira aparentemente involuntária, os personagens descritos são conduzidos até bifurcações da vida, nas quais sempre existe a possibilidade de escolher caminhos que levam à cura da alma ou à sua derrubada. Da mesma maneira que um grão de areia pode retratar uma série de leis físicas, às vezes, certos conflitos e suas decisões, por mais simples que pareçam, escondem tendências que revelam nossa verdadeira face.

Ao final, sempre nos encontraremos diante da nossa implacável consciência.

“É sincera uma fé que não atua?”

(Racine)

Três segundos

No terceiro livro, **Três segundos**, também composto por 14 contos, os autores incluem temas universais e concretos, como guerras, fome, política e enfermidades, assim como características humanas, como o machismo, a fé (sempre presente), o perdão e a vida após a morte.

Apoiados na fé raciocinada, os autores buscam incentivar o desenvolvimento espiritual, individual e intransferível, com uma cadeia de pensamentos, descobrimentos e associações dos personagens, que podem despertar no leitor o ânimo e a coragem de conhecer e de se unir à fé.

O aprendizado não tem limites, mas a fé somente vale a pena se gera mudanças frutíferas.

“O que é verdadeiramente imoral é haver desistido de si mesmo.”

(Clarice Lispector)

Centro Espírita Fraternidade da Luz

O Centro Espírita Apométrico Fraternidade da Luz, fundado pelo autor e sua esposa, está localizado no bairro da Pedreira (ver www.hwcuentos.com), periferia da zona Sul de São Paulo. Seus trabalhos gratuitos são variados, da cirurgia espiritual até trabalhos de Desobsessão, Apometria, Cromoterapia, Psicografia, além de palestras e cursos relacionados ao universo Espírita, da Apometria e do Desenvolvimento Mediúnico.

Em suas humildes instalações, as sessões são realizadas por um grupo de médiuns formados pelo próprio Centro. Essa sempre foi a sua filosofia, pois prima pela proximidade aos necessitados e pela união, desenvolvimento e harmonia entre médiuns e assistidos, tendo como Norte os ensinamentos de Jesus e a fé de cada indivíduo como chave das saúdes físicas, emocionais e espirituais.

A terapia espiritual não é invasiva, atua somente sobre os corpos espirituais dos pacientes e de nenhum modo substitui o tratamento médico, que deve seguir de acordo com o determinado pelos clínicos. Em realidade, ambas as terapias se complementam, visto que o Espiritismo parte do princípio de que o espírito adoece antes que o corpo e é precisamente ali que intervém.

Contato: www.hwcuentos.com